



**UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

**FRANCISCO ORISMIDIO DUARTE DA SILVA**

**A ARTE DE EDUCAR GINGANDO: ASPECTOS E CONTRIBUIÇÕES DA**  
**CAPOEIRA PARA A EDUCAÇÃO**

**CRATO-CEARÁ**  
**2020**

FRANCISCO ORISMIDIO DUARTE DA SILVA

A ARTE DE EDUCAR GINGANDO: ASPECTOS E CONTRIBUIÇÕES DA CAPOEIRA  
PARA A EDUCAÇÃO

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional do Cariri-URCA como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação. Área de Concentração: Formação de Professores. Linha 1: Práticas educativas, cultura e diversidade. Sublinha 2- Patrimônio, Práticas Culturais e Etnias.

Orientador: Prof. Dr. Josier Ferreira da Silva.

CRATO-CEARÁ  
2020

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri – URCA  
Bibliotecária: Ana Paula Saraiva de Sousa CRB: 3/1000

S586a

Silva, Francisco Orismidio Duarte da.

A arte de educar gingando: aspectos e contribuições da capoeira para a educação/ Francisco Orismidio Duarte da Silva. – Crato-CE, 2020.

147p.; il.

Dissertação Apresentada ao Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA; Área de Concentração: Formação de Professores.

Orientador: Prof. Dr. Josier Ferreira da Silva

1. Capoeira, 2. Cultura, 3. Educação, 4. Afrodescendência;  
I. Título.

CDD: 370

**FRANCISCO ORISMIDIO DUARTE DA SILVA**

**A ARTE DE EDUCAR GINGANDO: ASPECTOS E CONTRIBUIÇÕES DA  
CAPOEIRA PARA A EDUCAÇÃO.**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional do Cariri - URCA como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação. Área de Concentração: Formação de Professores. Linha 1: Práticas educativas, cultura e diversidade. Sublinha 2 - Patrimônio, Práticas Culturais e Etnias.

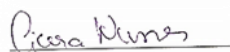
Aprovada em 02 de outubro de 2020.

**Banca Examinadora**



---

Prof. Dr. Josier Ferreira da Silva  
Universidade Regional do Cariri – URCA



---

Prof.ª Dr.ª Cícera Nunes  
Universidade Regional do Cariri – URCA



---

Prof. Dr. André Alcman O. Damasceno  
Universidade Regional do Cariri – URCA



---

Prof. Dr. Thiago de Abreu e Lima Florencio  
Universidade Regional do Cariri - URCA

A minha mãe, ao meu pai, as minhas irmãs e  
aos meus irmãos.

A minha família.

Ao meu filho.

A capoeira.

A minha ancestralidade.

Iê mundo dá volta, camará!!!!

## AGRADECIMENTOS

Ao caba lá de cima, esse que chamamos de Deus, esse que não tem religião e se faz presente no universo.

A Antônia Lucia Cordeiro de Abreu, minha mãe. A mulher de minha vida!

A Francisco Duarte da Silva, meu pai, que sempre me ensina e mostra que eu posso vencer!

A Kaluanam Leite Duarte, meu filho, minha força motriz!

A minha família, que com seus apoios, críticas e preconceitos me proporcionaram a inquietude, não ser igual, ter capacidade de me revoltar, de questionar e assim, eu pudesse vislumbrar o horizonte e voar! Gratidão!

A tia Helena e tio Clayton, pelo apoio dado no início dessa ginga!

As amigas e os amigos da EEEP José de Barcelos, por toda ajuda, companheirismo e carinho. Em especial a Glória Brasil, Leila Lima, Rosemeire Azevedo, Fernando Riça, Erika Fiquer por terem parado seus afazeres para me ajudar a seguir essa ginga.

As amigas e os amigos da EEEP Aderson Borges de Carvalho em especial a Francisca Correia, Tatá, que não mede esforços para nos escutar e nos ajudar na labuta diária.

As irmãs e irmãos da Terreiro Capoeira, grandes motivadoras/es desse trabalho. Em especial Mestre Squisito e Mestre Piqueno!

Aos Mestres Samuray e Soldado! (*in memoriam*)

A Francisco Gilberto da Silva, mestre Chico Ceará. A sua família e seu grupo de capoeira, por toda amizade e irmandade.

A Jefferson Lima, por suas reflexões e contribuições nessa ginga. Gratidão!

A Polyana Carvalho Nunes, pelo carinho e incentivo.

A Cassio Expedito pelos mapas, dicas, confiança, carinho e respeito.

Ao povo lindo da 2ª turma do Mestrado Profissional em Educação – URCA. Aprendi muito com vocês. Minha eterna gratidão pela ajuda, companheirismo e vivências! Em especial a Aguida Marcelino e Tânia Santana, por compartilhar as angústias, dificuldades e alegrias durante esse período.

Ao grupo de estudos NEGRER – URCA, pelo acolhimento e reflexões significativas a esta escrita.

Ao grupo de estudos MANGINGA, pela confiança, respeito e compartilhamentos de ideias acerca da capoeira.

A Joel Alves Bezerra, que com muita gentileza me forneceu informações preciosas a esta pesquisa, me emprestou seu acervo, me enviou documentos e trabalhos de capoeira, minha eterna gratidão camarada!

As minhas alunas e aos meus alunos da educação básica que me provocam a buscar por mais conhecimentos. Essa busca é nossa!

Ao mestre Leno Farias pela amizade, conversas e ensinamentos sobre a nossa ancestralidade e sobre as religiões de matriz africana.

Aos grupos de minha vida/capoeira: Terreiro Capoeira; os Maracatus Az de Ouro, Nação Fortaleza e Solar; a Caravana Cultural; o Grupo de Teatro e Dança Raízes e o afoxé Acabaca.

Ao professor Dr. Josier Ferreira da Silva, pela confiança e orientação, minha gratidão!

A professora Dra. Cícera Nunes, que não tenho como descrevê-la... Sou grato pelo acolhimento, pela preocupação com essa pesquisa, comigo e com as questões sociais de nosso país. Você é uma chama que nos fortifica!

Aos membros da banca avaliadora professora Dra. Cícera Nunes, professor Dr. André Alcman e Professor Dr. Thiago de Abreu e Lima Florêncio que com muito carinho e respeito me conduziram a importantes aspectos dessa pesquisa.

E a Ancestralidade por proporcionar esses encontros, reencontros e vivências: essa energia!

Iê vamos embora!

Vorta do mundo!

Vamo jogar!

*Partindo do fato que a capoeira é uma vivência criada pelas/os africanas/os na diáspora brasileira. Quem se diz capoeirista e condena as manifestações culturais africanas e afrodescendentes está vivendo equivocadamente.*

*(Orismidio Silva)*



## RESUMO

Esta pesquisa buscou compreender a capoeira na educação através de sua perspectiva cultural tendo como palco o evento Terreirada no Cariri, ocorrido no Sítio Santo Antônio de Arajara em Barbalha – CE. Desse modo, a questão que norteia esse trabalho pautou-se no seguinte questionamento: quais os aspectos e contribuições da capoeira para educação? Na busca por responder ao questionamento supracitado, elencamos, portanto, como objetivos específicos; identificar estes aspectos, bem como, analisar as possibilidades didático-pedagógicas da capoeira enquanto uma Manifestação Cultural Afrodescendente brasileira. Para nossa ginga acontecer, nos pautamos em estudos de Muniz Sodré (1983), (2002) sobre a capoeira e cultura; Cunha Junior (2001), (2011) e Nunes (2011) por versarem sobre as afrodescendências e educação; Neto (2009) e Pinheiro (2010) por subsidiarem um levantamento sobre a região do Cariri; Araújo (2004) e Campos (2009) acerca da capoeira e educação; Beltrão (2011) e Soares (2004) no que concerne à história, escravização e capoeira; na oralidade das/os mestras/es de capoeira e por fim, no conceito de Pretagogia proposto por Petit (2015). Munidos desse aporte teórico, gingamos por meio de uma metodologia que dialoga com a pesquisa afrodescendente, tendo como procedimentos, a observação participante, materializada através do grupo focal realizado com 06 mestras/es, além de entrevistas estruturadas que nos subsidiaram ao alcance de nossos objetivos. Esta pesquisa justificou-se, principalmente, em virtude da necessidade da implementação da Lei nº 10.639/03 que altera a Lei nº 9.394/96 e, dentre outras providências, estabelece a obrigatoriedade da inserção da temática História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos escolares. Nesse sentido, este trabalho buscou demonstrar e defender a relevância da capoeira nas escolas, para muito além de um esporte / luta, mas também com o intuito de evidenciá-la enquanto uma manifestação cultural afrodescendente dotada de valores educativos, históricos e patrimoniais. Assim, os resultados encontrados demonstraram a possibilidade de um importante diálogo com a implementação da política preconizada pela referida lei, além de constatar e situar a capoeira enquanto uma Prática Cultural educativa capaz de atuar no contexto da educação formal.

**Palavras-chave:** Capoeira. Cultura. Educação. Afrodescendência.

## ABSTRACT

This research sought to understand capoeira in education through its cultural perspective taking as its stage the Terreirada no Cariri event, which took place at Sitio Santo Antônio de Arajara in Barbalha - CE. Thus, the question that guides this work was based on the following question: what are the aspects and contributions of capoeira to education? In the search to answer the aforementioned question, we list, therefore, as specific objectives; identify these aspects, as well as, analyze the didactic-pedagogical possibilities of capoeira as a Brazilian Afro-descendant Cultural Manifestation. For our swing to happen, we rely on studies by Muniz Sodré (1983), (2002) on capoeira and culture; Cunha Junior (2001), (2011) and Nunes (2011) for dealing with Afro-descendants and education; Neto (2009) and Pinheiro (2010) for supporting a survey on the Cariri region; Araújo (2004) and Campos (2009) about capoeira and education; Beltrão (2011) and Soares (2004) with regard to history, slavery and capoeira; in the orality of the capoeira masters / es and finally, in the concept of Pretagogy proposed by Petit (2015). Armed with this theoretical contribution, we waddle through a methodology that dialogues with Afro-descendant research, having as procedures, participant observation, materialized through the focus group conducted with 06 masters / es, in addition to structured interviews that supported us in achieving our goals. . This research was justified, mainly, due to the need to implement Law n° 10.639 / 03 that alters Law n° 9.394 / 96 and, among other measures, establishes the mandatory insertion of the Afro-Brazilian History and Culture theme in school curricula. In this sense, this work sought to demonstrate and defend the relevance of capoeira in schools, far beyond a sport / fight, but also with the aim of highlighting it as an Afro-descendant cultural manifestation endowed with educational, historical and heritage values. Thus, the results found demonstrated the possibility of an important dialogue with the implementation of the policy recommended by that law, in addition to verifying and situating capoeira as an educational Cultural Practice capable of acting in the context of formal education.

**Keywords:** Capoeira. Culture. Education. Afrodescendence.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 - CTD - Joaquim Nogueira em 1997.....</b>	<b>27</b>
<b>Figura 2 - Certificados dos 1º e 2º Encontro do Projeto Capoeira no Cariri - Escambo Cultural realizado em Crato-CE em 2008 e 2009.....</b>	<b>31</b>
<b>Figura 3 - Mapa do Distrito de Arajara – Barbalha – CE.....</b>	<b>33</b>
<b>Figura 4 - Roda de coco. Terreirada no Cariri – 1º Intercâmbio Cultural Arte e Tradição e Terreiro Capoeira.....</b>	<b>34</b>
<b>Figura 5 - Lançamento do livro Terreirada no Cariri no Centro de Desarrollo Social Mixcoac - Cidade do México - México.....</b>	<b>36</b>
<b>Figura 6 - Capa do Cordel 3ª Virada Cultural Arte e Tradição. ....</b>	<b>37</b>
<b>Figura 7 - Mestre Chico Ceará ensinando a dança do coco de palma as/os participantes da trilha e vivência no mirante do picoto na Chapada do Araripe – CE.....</b>	<b>42</b>
<b>Figura 8 - Atendimento de saúde à comunidade. Verificação de Pressão arterial e orientações de saúde. ....</b>	<b>43</b>
<b>Figura 9 - Ritual da capoeira na Virada Cultural.....</b>	<b>44</b>
<b>Figura 10 - Apresentação de reisado na Virada Cultural.....</b>	<b>48</b>
<b>Figura 11 - Realização do Grupo Focal.....</b>	<b>50</b>
<b>Figura 12 - Mapa do Recôncavo baiano .....</b>	<b>57</b>
<b>Figura 13 - Mapa do bairro João Cabral - Juazeiro do Norte – CE.....</b>	<b>64</b>
<b>Figura 14 - Tabela contida no artigo A Capoeiragem Baiana na Corte Imperial (1863-1890) de Carlos Eugênio Líbano Soares.....</b>	<b>65</b>
<b>Figura 15 - Mestre Squisito com capoeiristas em Fortaleza – CE.. ....</b>	<b>83</b>
<b>Figura 16 - Recorte de Jornal que anunciava o Batizado ocorrido cedido por mestre Squisito. ....</b>	<b>84</b>
<b>Figura 17 - Mapa do triângulo CRAJUBAR. ....</b>	<b>87</b>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>O SANGUE QUE GINGA PELO CORPO, MINHA HISTÓRIA DE VIDA/CAPOEIRA.....</b>	<b>20</b>
2.1	A BASE DE MINHA GINGA; O JOGO NA RODA DO MUNDO.....	20
2.2	MINHA GINGA CAPOEIRA.....	23
2.3	A TERREIRADA NO CARIRI – INTERCÂMBIO CULTURAL ARTE E TRADIÇÃO E TERREIRO CAPOEIRA.....	32
2.4	METODOLOGIA – GINGANDO E JOGANDO COM OS SABERES.....	38
<b>3</b>	<b>A MANIFESTAÇÃO DA CULTURA AFRODESCENDENTE BRASILEIRA CAPOEIRA: GINGANDO EM SUA BUSCA NA HISTÓRIA DO CARIRI CEARENSE.....</b>	<b>53</b>
3.1	GINGANDO PELO CARIRI CEARENSE.....	53
3.2	OS ASPECTOS CULTURAIS E A RELAÇÃO COM A CAPOEIRA; JOGANDO COM AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E COM OS CABRAS NO PASSADO DO CARIRI.....	68
3.3	A GINGA CONTEMPORÂNEA CEARENSE E A BUSCA PELA CAPOEIRA DO CARIRI.....	80
<b>4</b>	<b>A GINGA DA CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO.....</b>	<b>92</b>
4.1	O ENSINO NA CAPOEIRA ANGOLA.....	95
4.2	O ENSINO NA CAPOEIRA REGIONAL.....	98
4.3	A GINGA DA CAPOEIRA PARA A ESCOLA.....	101
<b>4.3.1</b>	<b>Os Aspectos Educacionais da Capoeira.....</b>	<b>114</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS – O APERTAR DA MÃO PARA O ENCERRAMENTO DO JOGO.....</b>	<b>131</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>138</b>

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCBNB	Centro Cultural Banco do Nordeste
CEDEFAM	Centro de Desenvolvimento Familiar
CEDEFAM	Coordenadoria de Desenvolvimento Familiar
CEF	Caixa Econômica Federal
COVID19	Coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2)
CRAJUBAR	Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha.
CSU	Centro Social Urbano
CTCAF	Círculo de Trabalhadores Cristãos Autônomos de Fortaleza
CTD	Centro de Treinamento e Difusão da Capoeira
FAT	Fundo de Amparo ao Trabalhador
FCG	Fundação Casa Grande
FLONA	Floresta Nacional do Araripe
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicadas
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
NEABIS	Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais,
PLS	Projeto de Lei do Senado
PME	Programa Mais Educação
PNME	Programa Novo Mais Educação
SEPPIR	Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
SESC	Serviço Social do Comércio
SESI	Serviço Social da Indústria
SOLIBEL	Sociedade Lírica do Belmonte
SPB	Sociedade do Poetas de Barbalha
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFF	Universidade Federal Fluminense
URCA	Universidade Regional do Cariri

## 1 INTRODUÇÃO

Verifica-se na edição da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, publicada em março de 2017, em seu Art. 1º, que as manifestações culturais fazem parte dos processos de formação abrangentes na educação.

A liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber, estipuladas como princípio educacional, no item II de seu artigo 3º, são muitas vezes compreendidas nas escolas como ações que não tratam da abordagem sobre a cultura africana, afrodescendente e indígena de nosso país.

Tanto é verdade, que foi preciso explicitar essa necessidade primeiramente através da lei 10639/03 que obriga o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira, e depois com a lei 11.645/08, que veio a complementar a primeira, adicionando a obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígena nas escolas. E para além disso, houve ainda a inclusão do item XII ao artigo 3º, que dispõe sobre o ensino ser ministrado em consideração com a diversidade étnico-racial.

Embora tenhamos uma legislação que determine o ensino de nossa cultura afrodescendente nas escolas brasileiras, percebe-se que ainda temos muitas barreiras a transpor. Estudos de Silva (2013) nos mostram que ainda não há por parte de muitas/os professoras/es formação e conhecimento necessários para tratarem dessa relevante temática no cotidiano de nossos locais de ensino e que grande parte dos livros didáticos apresentam a população negra apenas na condição de escravizados.

Essa condição e esse termo preconceituoso e determinante socialmente, reproduz, na escola e sociedade, a ideia de que o povo africano é povo sem cultura, sem recursos tecnológicos, sem saberes, e assim, a/o afrodescendente brasileiro segue essa mesma premissa, afinal, não fomos e ainda não somos tratados como gente, mas sim como bichos, como coisas, como objetos de uso descartável.

É preciso a compreensão quanto a necessidade de africanizar nossos currículos (LUZ e LUZ, 2013), pois cada africana/o, que desembarcou forçadamente no país, contribuiu para a formação cultural brasileira, porque ela/e não veio só. As/os africanas/os trouxeram todo o seu patrimônio cultural, seus mundos, seus saberes, suas vidas!

Oliveira (2013) preocupa-se com a formação das/os educadoras/es para que exista a educação de qualidade no Brasil. Para a autora, necessita-se de um posicionamento político ousado e efetivo dos órgãos responsáveis pela formação das/os profissionais que atuam na

educação para a garantia de uma formação que proporcione uma atuação profissional comprometida com a diversidade brasileira.

A autora aponta ainda, que embora existam movimentações a partir dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas - NEABIS das universidades brasileiras, mobilizações de órgãos como o Ministério da Educação - MEC e Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPIR e alguns estados e municípios tenham iniciativas no sentido de fazer cumprir as diretrizes educacionais, essas ainda são mínimas e limitadas frente ao número de profissionais atuantes nas escolas brasileiras e a necessidade de formação para com a diversidade racial.

Para Almeida (2018) essa realidade deriva das relações de poder entre os grupos dominantes das instituições, que se pautam em princípios de raça, discriminando àquelas ditas inferiores. A inferioridade nesse caso, aparece como uma forma de ocultar a cultura afrodescendente e indígena em detrimento a cultura eurocêntrica e cristã.

Ainda seguindo o pensamento do autor, isso ocorre pela necessidade em manter os interesses sociais e políticos dos grupos hegemônicos que definem as condutas e regras, excludentes e preconceituosas, naturalizadas no convívio social. É nessa condição que os grupos sociais de matriz africana e afrodescendente são excluídos e propositalmente inviabilizados (ALMEIDA, 2018).

Acontece que as elites brasileiras, sujeitos de um patrimônio civilizatório colonial, sempre tentaram pautar-se por padrões de identificação coletiva afinados com a Europa, o continente da civilização branca. A branquitude é o paradigma antropológico hegemônico, é como se a pele branca constituísse uma espécie de Ocidente absoluto (SODRÉ, 2010, p. 327).

É dessa forma que se operam as relações na maioria das instituições escolares, e assim, o desprezo às realizações de atividades de cunho afrodescendente nas escolas é explicitado quando não se valorizam trabalhos, quando desqualificam suas potencialidades e as das/os profissionais envolvidos ou quando a cultura afrodescendente aparece com “importância” apenas para ações isoladas, como é o caso da semana da consciência negra, do folclore, e o dia 25 de março<sup>1</sup> no estado do Ceará, onde as escolas sugerem em geral, apresentações de capoeira e de danças afro.

---

1 Dia em que se comemora a Data Magna do Ceará. Data da libertação dos escravizados no estado.

As culturas africana e afrodescendente precisam ser estimuladas e trabalhadas de forma contínua nas escolas, afim de serem compreendidas pelas nossas alunas/os, pois elas/es são afrodescendentes em sua grande maioria.

Outra questão que dificulta a inserção da temática nas escolas, é que muitas vezes as/os profissionais que realizam as ações, mesmo que sejam apenas nas épocas alusivas e comemorativas, não tem pertencimento cultural, não se reconhecem como afrodescendentes e conseqüentemente não produzirão algo significativo. Esse ato de se reconhecer como afrodescendente não é apenas uma questão de ter a pele negra, mas sim, reconhecer seus saberes ancestrais e suas raízes (PETIT, 2015). Portanto, reconhecer a cultura africana como base cultural brasileira.

A capoeira, por também ser uma Manifestação da Cultura Afrodescendente Brasileira, e dessa forma tem como matriz a cultura africana, passa por essas mesmas problemáticas apontadas. O ensino da capoeira nas escolas, é entendido pelas/os gestoras/es apenas como uma atividade esportiva, para proporcionar diversão aos alunos e entretenimento aos espectadores, como falado acima, em apresentações relacionadas a semana da consciência negra ou a libertação dos/as escravizados/as.

Já a/o profissional da capoeira atuante nas escolas, em muitos dos casos, não se reconhece como um/a afrodescendente e em muitos casos idealiza as/os alunas/os participantes da atividade escolar como membros de seus grupos. Assim, a escola se torna uma instituição que apenas cede o espaço para a prática da capoeira, anulando dessa forma, a perspectiva da capoeira enquanto instrumento para implementação da lei 10639/03.

Diante do exposto, buscou-se a produção de conhecimentos e dados relevantes através do evento de capoeira Virada Cultural - Intercâmbio Cultural Arte e Tradição e Terreiro Capoeira, também conhecido como “Terreirada no Cariri”<sup>2</sup>. O evento foi a base de nossa pesquisa, que objetivou a compreensão dos aspectos educacionais da capoeira para a educação.

O referido evento ocorre bianualmente nos anos ímpares, e conta com três edições, ambas realizadas no mês de agosto dos anos de 2015, 2017 e 2019, respectivamente. Pela compreensão da capoeira como uma manifestação da cultura afrodescendente brasileira, o evento é idealizado num formato onde a capoeira figura mais intimamente enquanto tal

---

<sup>2</sup> Em 2017 foi publicado uma crônica do evento observado com o título Terreirada no Cariri. Essa crônica e o referido evento foram as bases para o projeto de pesquisa dessa dissertação. Assim, continuaremos a utilização desse termo no decorrer deste trabalho.



característica, saindo de um contorno comum de evento de capoeira, apenas com batizado, oficinas, cursos ou aulas técnicas de e para a luta, para a realização de uma vivência afrodescendente.

Essas vivências aconteceram no terreiro do grupo de capoeira Arte e Tradição através do evento Terreirada no Cariri do qual ocorre uma virada cultural<sup>3</sup>, ritual de batismo da capoeira e atividades educativas, ambas realizadas no próprio terreiro, mas também, na Floresta Nacional do Araripe – FLONA, ocorridas nas 1ª e 3ª edições, bem como, em casas de farinha e engenhos de rapadura realizadas na 2ª edição.

Assim, me utilizei da observação participante, do grupo focal e da pesquisa bibliográfica para responder aos questionamentos sobre a capoeira e suas possibilidades de contribuição para a educação. Foi importante indagar; quais os aspectos educativos da capoeira enquanto uma Manifestação da Cultura Afrodescendente Brasileira?

Esta indagação provocou um caminho de pesquisa que ginga<sup>4</sup> ao jogo<sup>5</sup> da capoeira em seu universo cultural e não apenas o esportivo. Por isso foi essencial o gingar pelas/os autoras/es capoeiristas, pelas/os autores da temática africana e afrodescendente da educação e por demais autoras/es que contribuem com essa problematização.

Nesse trabalho, a ginga diz respeito ao caminhar da pesquisa, os passos dados, os caminhos percorridos. E o jogo simboliza os conflitos, as problemáticas, os encontros e as formas que conseguimos sair, perdendo ou ganhando. Isto é, nos mostrando o pensamento e a ginga necessária a pesquisa.

Nesse sentido, o texto aqui escrito foi vivenciado e tecido numa ginga que perpassou por estes intensos jogos de capoeira, acontecidos nas páginas escritas, nas palavras proferidas e nas experiências sobre nossa manifestação cultural.

Considero esses jogos e essa ginga percorrida como importantes durante todo o processo da pesquisa, pois me provocou jogos difíceis e complexos, mas que me

---

3 A Virada Cultural é a atividade ocorrida durante toda a noite do sábado no evento e encerrada na manhã seguinte com o café da manhã. Ela se caracteriza pelas apresentações e vivências dos grupos e mestras/es da cultura afrodescendente.

4 A ginga é a forma, o passo, o movimento corporal que a/o capoeirista utiliza para jogar (andar) a capoeira. Esse termo estará nessa dissertação como metáfora, no sentido de caminhar em direção aos objetivos da pesquisa.

5 Ação que caracteriza o enfrentamento da/o capoeirista frente a outra/o onde ela/e se utiliza de técnicas corporais para a realização do diálogo e aprendizado na capoeira. Esse termo estará nessa dissertação como metáfora, no sentido das buscas realizadas a compreensão conceitual da capoeira e das outras bases conceituais da dissertação.

possibilitaram sair fortalecido em minha proposição: gingar e jogar a capoeira como uma manifestação cultural de potencial à educação.

Na observação participante, me foi possível olhar o evento de forma diferenciada. Nas últimas duas edições, estava no evento enquanto participante organizador e nesse último, me coloquei também como pesquisador.

Esta ação me possibilitou um conhecimento mais profundo não apenas ao evento, mas aos valores que os grupos e mestras/es de tradição cultural trazem em suas apresentações, me fazendo perceber, através da oralidade e da ancestralidade apresentadas nas práticas experienciadas durante a virada cultural, a riqueza das culturas afrodescendentes brasileiras.

Sendo assim, busquei na observação, me desvencilhar dos preconceitos e dos tabus para mergulhar nas vivências oferecidas, afim de conseguir compreender, de forma mais ampla, o evento como produtor de conhecimento valioso à educação, pois “nesses espaços as populações constroem cotidianamente as suas identidades. Nas experiências sociais as pessoas constroem conhecimento a partir de seus valores, cultura e histórias próprias” (NUNES, 2011, p. 41).

A observação participante foi fundamental, pois me proporcionou a ginga necessária à formulação de questões para o próximo jogo da pesquisa: o grupo focal. Realizado no mês de janeiro de 2020 na casa do mestre Chico Ceará, contando com a participação de seis mestras/es de capoeira.

O critério de escolha ocorreu pela disponibilidade das/os mestras/es quanto a data e horário a ser realizada, como também pela atuação profissional das/os mesmas/os, pois ambas/os atuam com crianças e adolescentes em fase escolar.

Assim, formulei um roteiro para que as/os mestras/es pudessem refletir sobre suas ações e com isso construir respostas a problemática da pesquisa. Iniciamos a conversa perguntando de que forma elas/es entendiam a capoeira. Se enquanto luta, jogo, dança ou cultura. Essa indagação nos levou a uma próxima indagação e assim sucessivamente.

O interesse em realizar o grupo focal foi o de provocar um diálogo sobre os trabalhos realizados pelas/as mestras/es, e através deste, refletirmos sobre os aspectos educacionais da capoeira. A sucessão das indagações seguiu a seguinte ordem: a influência da cultura afrodescendente na capoeira; a ancestralidade; a oralidade e por fim, a reflexão de como a capoeira, enquanto uma Manifestação Cultural Afrodescendente Brasileira, pode ser usada como contribuição à educação. Sobretudo, porque

a cultura negra nos remete ainda à consciência cultural, à estética, à corporeidade, à musicalidade, à religiosidade, à economia, a produção da vida material e à vivência da negritude, processo este marcado pela africanidade e pela recriação cultural (NUNES, 2011, p. 41).

Desejei saber como essas/es mestras/es lidavam em seu o dia a dia com o ensino da capoeira, levando em conta essa relação com a cultura africana e afrodescendente brasileira. Dessa forma, o grupo focal ocorreu conforme esperado, contando, para nossa surpresa, com a participação de um público capoeirístico e de algumas pessoas da comunidade do sítio Santo Antônio de Arajara, que estiveram atentos ao papoeira<sup>6</sup> realizado naquele ensolarado dia.

A partir da partilha e construção de conhecimento na pesquisa bibliográfica, na observação participante e no grupo focal, segui a ginga para o jogo da continuidade de escrita deste trabalho, que foi organizado em três capítulos.

O primeiro dedicado à minha trajetória de vida na e com a capoeira com o título “O sangue que ginga pelo corpo, minha história de vida/capoeira”. Essa parte se encontra separada em dois subcapítulos que versam sobre minhas experiências, afim de demonstrar como a capoeira se insere em minha vida e como ela se torna algo de extrema importância ao meu viver.

No subtópico seguinte apresento o evento Virada Cultural - Intercâmbio Cultural Arte e Tradição e Terreiro Capoeira, chamado neste trabalho de Terreirada no Cariri, por ter sido o título do livro lançado em 2017 do qual discorre sobre o primeiro evento realizado.

Por último apresento o percurso metodológico; os jogos de dentro e de fora que foram realizados para e na aplicação dos métodos. A roda em que aconteceram esses jogos foi realizada na perspectiva da pesquisa afrodescendente e do uso de metodologias condicionadas pela história oral das/os mestras/es de capoeira, pelo contexto histórico do Cariri e pelas relações da capoeira com a educação, proporcionando desse modo, o ritmo da ginga/pesquisa que representa a mim, os caminhos à sua realização.

No segundo capítulo, procurei gingar no jogo histórico e social do Cariri cearense, um jogo de Angola<sup>7</sup>, onde pude observar sua formação e sua capoeira. Para tal jogo, necessitei gingar com o olhar para alguns estados brasileiros e ao próprio estado do Ceará a fim de obter

---

<sup>6</sup> Papoeira é um termo utilizado como referência às conversas sobre a capoeira.

<sup>7</sup> Jogo de Angola se refere ao jogo do estilo Capoeira Angola, que teve Mestre Pastinha como ícone e seu principal representante. É característica desse jogo a continuidade dos movimentos e golpes, sendo similar a uma dança que flui no ritmo do berimbau, obedecendo seu toque.

aspectos necessários para a compreensão da cultura e do território da pesquisa, de sua capoeira e de outras manifestações culturais afrodescendentes.

No terceiro e último capítulo, apresento a capoeira na educação, por meio das visões e experiências de mestras/es colhidas na virada cultural, no grupo focal realizado e publicações disponíveis, analisando as possibilidades educacionais da capoeira junto as autoras/es da educação e da capoeira.

Nessa ginga, estabeleço a interlocução com os outros capítulos quanto ao lugar e sua história, as/os capoeiristas e a educação, buscando evidenciar os aspectos e contribuições da capoeira para educação.

Nele, discorro sobre o potencial educativo da capoeira gingando junto as mestras (es), mestras/es pesquisadoras/es da capoeira e educação, pesquisadoras/es das afrodescendências e educação, revelando as possibilidades de inserção da capoeira na educação.

Por último, no espaço destinado a conclusão do trabalho, apresento a reflexões sobre o tema abordado na pesquisa apontando como resultado, a importância da capoeira para a educação.

Dada a relevância da capoeira em ser uma Manifestação Cultural Afrodescendente Brasileira que pode contribuir diretamente com a aplicação da lei 10639/03 na proposição e/ou contribuição as/os professoras/es nas atividades referentes aos estudos da história e cultura africana e afro-brasileira em nossas escolas, apresento, como proposta de ensino, um produto educativo que versa sobre a capoeira, a partir do evento Terreirada no Cariri, a fim de ser uma possibilidade de inserção, auxílio ou abordagem sobre a capoeira, enquanto manifestação cultural brasileira, na educação, seja ela formal ou não.

## **2 O SANGUE QUE GINGA PELO CORPO, MINHA HISTÓRIA DE VIDA/CAPOEIRA**

A primeira parte desse trabalho será um jogo, onde mostro o caminho percorrido a pesquisa proposta. Com exceção do tópico dedicado a metodologia, optei por usar o texto em primeira pessoa, pois serão abordados além dos aspectos pessoais, as relações estabelecidas com minha vida/mundo/capoeira, revelando que não há uma divisão, mas sim uma simbiose, pois situa minha vivência na capoeira como fundamental a chegada e a construção do trabalho.

### **2.1 A BASE DE MINHA GINGA; O JOGO NA RODA DO MUNDO**

É importante ao profissional da capoeira se envolver e compreender a dinâmica escolar, participar de planejamentos, construir ações, se posicionar criticamente e principalmente se reconhecer como um/a afrodescendente.

É certo que todo/a professor/a de capoeira, muitas vezes sem compreender o porquê, tem consciência que o aprendizado da capoeira nunca para, pois ele dura por toda a vida.

Dessa forma, sinto-me privilegiado em ter nascido para a capoeira em um ambiente universitário, porque esse ambiente constantemente me proporcionava a prática e a reflexão sobre o assunto.

Seguindo esses pensamentos até agora expostos, lembro-me que alguns anos atrás, quando ainda era iniciante, numa reunião anual do grupo em que aprendi a gingar na capoeira, mestre Squisito<sup>8</sup> nos falava sobre o desafio em conciliar três pilares fundamentais para sua prática.

Para o mestre, a/o boa/bom capoeirista tem que procurar a harmonia da capoeira na sua vida com o trabalho, com o estudo e com a família. Estando a prática da capoeira harmonizada com esses três aspectos, o praticante teria um ambiente propício a crescer de forma mais completa na atividade cultural.

No decorrer de meu tempo/vida/capoeira venho buscando constantemente essa harmonia, no entanto essa busca tem me mostrado o quanto é complexa a vida e o

---

<sup>8</sup> Reginaldo da Silveira Costa, Sociólogo, Funcionário público aposentado e presidente fundador da Associação Terreiro Capoeira em 1979 na cidade de Fortaleza estado do Ceará.

entendimento da capoeira. Quando olho meu período histórico na vivência capoeirística, percebo que existe uma relação intrínseca entre minha vida e a capoeira.

Aos poucos ela começa a preencher os lugares vazios de nossas vidas, a cada ginga vivenciada ela vai tomando conta da/o praticante de tal forma que chega o dia em que ela te domina e você nunca mais a abandona. Porque ela torna-se a própria vida.

Para mim, iniciou como uma brincadeira e hoje se tornou o dia a dia; o caminho ao mercado de trabalho; o estudo; um trabalho de pesquisa; o crescimento intelectual; um sonho. Sonho esse que mais parece um jogo de capoeira com o desconhecido<sup>9</sup>, um jogo de “quebra gereba” de “dentro e de fora”<sup>10</sup> jogado inúmeras vezes com o mundo e suas circunstâncias.

Por muitas vezes tive que dar “voltas ao mundo”<sup>11</sup> recomeçando o jogo ou mesmo deixando-o para depois. Muitas vezes ouvi o corrido<sup>12</sup> sendo cantado; “olha lá o negro, olha o negro sinhá! olha lá o negro...” em alusão as minhas vitórias e derrotas na vida.

Para melhor compreensão, acredito ser importante localizar que meu período de infância e adolescência ocorre nas décadas de 80 e 90, um período de muita dificuldade, tudo faltava, não se tinha dinheiro para nada. Foi uma época em que a grande maioria das crianças brasileiras entravam no mercado de trabalho e as classes trabalhadoras buscavam estratégias de sobrevivência, onde o trabalho infante juvenil se tornou uma opção para complementar a renda familiar (GRACIANI, 1997).

Criei-me nestas circunstâncias, escutando de minha avó materna orientações e incentivos para estudar, esse estudar significaria terminar os estudos, que representava cursar até o 2º grau, hoje ensino médio e fazer cursos de capacitação técnica ao trabalho para poder ter um emprego, pois naquela época ter um trabalho de carteira assinada com as garantias trabalhistas, que hoje não a temos mais, significaria uma importante ajuda financeira para nossa família.

Minha mãe, por alguns anos dessas décadas trabalhava em indústrias têxteis, e como forma de complementar a renda trabalhava em casa, durante a noite, cuidando dos afazeres domésticos e fazendo bordados madrugada a dentro.

---

<sup>9</sup> Quando se joga capoeira com um desconhecido é necessário ter atenção, pois não se conhece sua forma de jogo.

<sup>10</sup> Os jogos de quebra gereba e de dentro e de fora são jogos em que são testados os conhecimentos técnicos de ataque e defesa do praticante da capoeira. É nesse jogo que a luta se evidencia mais claramente na capoeira.

<sup>11</sup> Volta ao mundo, ou volta do mundo é um momento em que o capoeirista anda em círculo acompanhando a formação da roda, afim de descansar ou mesmo ludibriar o oponente para tirar vantagem no jogo. Apesar de aparentemente não estarem jogando, esse acontecimento faz parte do jogo.

<sup>12</sup> Corrido é uma forma musical da capoeira, caracterizada por ser uma música que repete um ou dois versos e que tem uma resposta imediata. Serve para chamar a atenção dos capoeiristas quanto a algo ou alguém.

Diziam algumas pessoas que o barulho daquela máquina de costura Singer 20u era o canto de ninar do quarto onde morávamos. Para mim, minha irmã e irmão, aquele era o som de nossa subsistência, o som que representa para nós, uma mulher que dedicou a vida as/aos filhas/os, muitas vezes, se anulando enquanto mulher, pessoa que necessita de amor, diversão, entretenimento, bem estar. Viver! Se por acaso esse som viesse a parar, era um sinal de que nada iria bem em nossa casa/família.

Assim, seguindo os conselhos de minha avó materna e motivado pelas dificuldades enfrentadas em casa, pois muitas vezes via minha mãe lamentando não ter dinheiro para consertar sua máquina de costura da qual ela adaptou para realizar seus bordados e rechilieu's, realizei um curso de manutenção e mecânica para máquinas de costura industrial.

O curso era promovido pelo Serviço Social da Indústria – SESI, em sua unidade Parangaba - CE por meio de três fases. Eles ofereciam, de forma gratuita à população, através do Fundo de Amparo ao Trabalhador – FAT, apenas a 1ª fase em parceria com o governo do estado, as outras duas teriam que ser pagas caso a/o aluna/o desejasse cursá-las. Estas últimas fases eram primordiais para a capacitação técnica exigida pelas indústrias têxteis.

Mesmo tendo realizado apenas umas das fases, procurei e consegui estágio numa indústria. Uma semana de trabalho foi suficiente para saber que o curso que havia realizado não me capacitava a encarar a manutenção de uma indústria têxtil em pleno funcionamento e se assim desejasse, teria que fazer os outros cursos ou ter algum mestre para ensinar durante o dia a dia. Diante disso, desisti dessa busca passageira, mas o curso feito nos serviu para as manutenções mais simples que passei a fazer e assim diminuir os custos de casa.

O Brasil de minha fase adolescente, era um país onde “a manutenção da estrutura familiar se viu altamente comprometida. Em face desse quadro, um número crescente de crianças se viu compelido compulsoriamente a trabalhar ou a viver nas ruas” (GRACIANI 1997, p. 20-21). Dada essas circunstâncias eu, meu irmão e minha irmã nos vimos condicionados a terminar o segundo grau, hoje ensino médio, no período noturno, de modo regular ou por meio de supletivo, pois tínhamos que trabalhar no período diurno.

Por termos um lar e uma família não chegamos a dormir na rua, mas acredito que a rotina diária que nos obrigava a sairmos às 06 horas da manhã com o retorno às 22 ou 23h da noite, enfrentando 04, às vezes 06 conduções lotadas, diariamente, caracteriza um morar na rua, pois passávamos a maior parte de nosso tempo fora de casa, se alimentando de qualquer jeito, com lanches rápidos, dada a necessidade de trabalho.

Vi muitos de minhas/meus amigas/os e familiares, desistirem dos estudos por terem que priorizar o trabalho, ou melhor, a renda que este poderia fornecer à subsistência. Comigo não foi diferente; também vim a esquecer a escola por um período fazendo com que o término do 2º grau, hoje ensino médio, ocorresse apenas no ano 2000.

A política social brasileira da época, e a atual, nos direcionava a esse caminho. Pois, como aponta Frigotto (1996, p. 2), “no Brasil o desemprego aberto e oficial está perto de 6% da população economicamente ativa e, em São Paulo, 13%. Mas 40% desta população é subempregada, sem carteira assinada”. Assim, a oportunidade que tínhamos de um emprego com carteira assinada não poderia jamais ser desperdiçada, nem tampouco trocada por uma sala de aula.

Em 2008, oito anos após o término do 2º grau, foi que resolvi enfrentar a universidade. Trabalhando, casado e com um filho a vir ao mundo no ano seguinte. Como resultado, a tão sonhada conquista de uma formação a nível superior só chegou em 2012, quando já morava no cariri cearense.

Em 2018, chego ao Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri, fortalecido, “na base”<sup>13</sup>, com algumas experiências de vida e com um grau elevado na vivência da capoeira. Assim, aquilo que era um conforto em minha vida, ganhou uma nova condição, a de ser parte dela em todos os aspectos, aproximando-se, dessa forma, dos três pilares que o mestre nos falou naquele inesquecível dia.

## 2.2 MINHA GINGA CAPOEIRA

Sendo assim, a capoeira não poderia sair desse contexto de pesquisa, mas sim, ser o próprio, pois ela sempre esteve entrelaçada em minha vida, “ela me tornou o homem que eu sou, bom filho, bom pai e bom profissional, me obrigando a estudar para ter o privilégio de ela eu poder jogar” (BOM SORRISO, 2017, p. 24).

É importante lembrar, que a sociedade fortalezense, assim como outras sociedades brasileiras sempre procuraram negar a existência africana e afrodescendente em seu meio. Seguindo o pensamento de Almeida (2018), fui criado e educado a negar essa existência, a me distanciar das manifestações da cultura afrodescendente, mas a capoeira chegou em minha vida e me mostrou a outra face, fazendo-me entender que há preconceitos em nossa sociedade

---

<sup>13</sup> A base é a posição inicial da ginga. Para que se gingue bem é necessária ter uma boa base.



e entender que toda minha construção social, até aquele presente momento, foi conduzida por esse contexto de racismo, preconceitos e branqueamento.

Desse modo, aprendi ao longo do tempo envolvido na prática e ensino da capoeira que a atividade tem um grande potencial educacional. Em muitos dos casos, esse potencial educacional me foi apresentado apenas pela abordagem da capoeira enquanto esporte/luta. Mas, o envolvimento e participação nos maracatus de Fortaleza, no grupo percussivo Caravana Cultural; no grupo Raízes de Dança e Teatro; nos shows dos cantores e compositores Pingo de Fortaleza e Calé Alencar e, as oportunidades em que pude vivenciar momentos de aprendizado com Naná Vasconcelos em Guaramiranga - CE, com o Bando de Teatro Olodum em sua turnê em Fortaleza – CE e nos diversos eventos de capoeira em que convivi com as/os mestras/es tradicionais da capoeira, me expuseram o lado e as relações da capoeira enquanto uma Manifestação Cultural Afrodescendente Brasileira.

Conheci a capoeira em Fortaleza, estado do Ceará, no bairro em que morava, Pici. Era final da década de 1980 e tinha aproximadamente 09 anos. No bairro havia muitos campos de futebol e estes nos serviam como lugar das várias brincadeiras de infância tais como soltar raia<sup>14</sup>, jogar pião, bila<sup>15</sup>, esconde-esconde, pega-pega, futebol, saltos mortais, dentre outros.

Existia, por traz de uma das traves do campo do comercial<sup>16</sup>, um declive arenoso. Era onde ocorria essa tal brincadeira de saltos e onde conheci a capoeira, pois lá era o ponto de encontro dos capoeiristas que iam treinar saltos.

No intervalo entre os saltos, alguns desses capoeiristas gingavam e executavam movimentações de corpo. Eu e mais dois amigos começamos a frequentar diariamente aquele local, sempre à tardinha, daí pegamos amizade com os capoeiristas e entre um salto e outro começamos a aprender a gingar e tomar gosto pela arte, como também a fazer visitas em grupos de capoeira pelo bairro.

Como não tínhamos condições de comprar calças de malha, compramos sacos de algodão, utilizados para armazenar açúcar, e pedimos a uma costureira do bairro para fazer nossas calças. Nos sentíamos então capoeiristas e nossa rotina de brincadeiras começava aos poucos a mudar para rotina de treinamentos e visitas aos locais que havia capoeira.

Essa prática era às escondidas, pois minha mãe e demais familiares não sabiam que estava praticando capoeira. Ao perceberem a mudança de hábito, principalmente quanto aos

---

<sup>14</sup> Em Fortaleza, raia é o nome dado a pipa.

<sup>15</sup> Bila é o nome dado a bola de gude na cidade de Fortaleza-CE.

<sup>16</sup> Comercial era o nome de um time de futebol suburbano que se utilizava do campo. Como existiam vários campos de futebol naquele lugar, a identificação ocorria pelo nome dos times.

horários de saída e chegada em casa e verem aquela calça estranha feita de saco, logo deram conta da atividade, e assim, tive as primeiras críticas e manifestações de preconceito.

Percebendo o envolvimento, minha família começou a fazer críticas dizendo que aquilo não era bom, que aquela atividade só tinha “vagabundo” envolvido, que era coisa de “maconheiro” e de “macumbeiro”. Como ainda era criança e obviamente não teria poder de decisão sobre o que desejava fazer, tive que me afastar da capoeira.

Apesar do afastamento os fins de tarde sempre proporcionavam os encontros na barreira e conseqüentemente sua prática informal e às escondidas continuei frequentando os locais em que havia sua prática.

Guardo boas lembranças da escola Marupiara no bairro Demócrito Rocha; dos treinos na Creche no Centro de Desenvolvimento Familiar CEDEFAM – hoje, Coordenadoria de Desenvolvimento Familiar - no campus do Pici – UFC; das rodas e treinos na academia Jane Ruth, à época, no bairro Pan Americano; dos treinos e rodas no ABC do Bairro João XXIII; na escola Paulo Roberto, hoje Colégio Duque de Caxias, no bairro Serrinha; das rodas no polo de lazer da Parangaba; das rodas e dunas na Barra do Ceará; das idas ao Centro Social Urbano – CSU, do Henrique Jorge e das rodas na praça da Gentilândia que costumava ir observar. Esses foram os locais de minha infância capoeira.

Em 1995, soube que havia uma escolinha de capoeira no Departamento de Educação Física da UFC<sup>17</sup> onde as aulas eram ministradas pelo Mestre Samuray (in memoriam). Ao confirmar a informação, falei do desejo à minha mãe e no dia seguinte pela manhã realizei minha inscrição na Escolinha de Capoeira da Universidade Federal do Ceará – UFC. Como já tinha 16 anos de idade pude entrar, de fato, no mundo da capoeira para não mais sair.

Apesar do receio, do medo em ter uma resposta negativa de minha mãe, hoje percebo que a atitude em ter compartilhado a vontade de continuar a capoeira foi fundamental para o que sou hoje, uma vez que “toda ação humana é potencialmente geradora de significados, potencialmente transcendente, mas apenas alguns poucos gestos tem a sorte de fazer a História, reservarem seu lugar no futuro” (CODO *et al.*, p. 34, 1999).

Sem dúvida a história tem reservado o lugar no futuro, senão vejamos: a partir de então a capoeira sempre andou comigo, dentro de mim, dando-me sustentação para a vida. Dando-me jogo de cintura para o enfrentamento do cotidiano e a mandinga necessária ao viver, num mundo de injustiças!

---

<sup>17</sup> Universidade Federal do Ceará. Campus PICI.

Apesar de a capoeira não ter sido um trabalho do qual dependia minha subsistência, desde muito cedo ministrei aulas em escolas, projetos e colônia de férias, em alguns casos sendo remunerado e em outros não.

Meu percurso enquanto professor de capoeira inicia muito cedo, pois era uma prática do mestre Samuray<sup>18</sup> colocar as/os alunas/os para ministrarem aulas na própria academia sede do grupo, nos ensinando como ministrar uma aula de capoeira, fazendo com que a gente percebesse as dificuldades, conflitos e responsabilidades para assumir a postura de professor frente a pessoas de várias idades e contextos.

Minha primeira experiência de trabalho com capoeira, enquanto professor, foi na Colônia de Férias “pintando o sete”. Nosso mestre já atuava nessa colônia de férias e ao ver a necessidade de outro professor de capoeira me indicou para o trabalho. Esse trabalho era sazonal e a capoeira figurava apenas como uma diversão e entretenimento.

Assim, passados alguns anos do início da prática e vivência na capoeira, constituo meu primeiro Centro de Treinamento e Difusão da Capoeira – CTD<sup>19</sup>, na Escola Estadual Joaquim Nogueira, hoje adaptada para ser uma escola profissionalizante, no bairro Parquelândia, em Fortaleza – Ceará. Foi a escola em que terminei o Ensino Médio, onde era envolvido no grêmio estudantil, o que facilitou a ocupação de um espaço que estava ocioso, servindo apenas como depósito de cadeiras, outros móveis e utensílios danificados.

---

<sup>18</sup> Francisco Carlos Cavalcante Cidrão. (1963-2008) Natural de Tauá, foi servidor da Universidade Federal do Ceará no Departamento de Educação Física - Campus do Pici, onde mantinha uma escolinha de capoeira como projeto de extensão a comunidade e uma sede de capoeira no túnel da quadra do céu – Campus do Benfica - UFC.

<sup>19</sup> O Centro de Treinamento e Difusão da Capoeira – CTD é o termo usado pela Terreiro Capoeira aos seus locais de ensino e vivências na capoeira.

**Figura 1 - CTD - Joaquim Nogueira em 1997. Da esquerda para direita, em pé Zedy e Caboré. Agachados os irmãos B1 e B2.**



Fonte: Arquivo Pessoal.

A atividade na escola Joaquim Nogueira durou dois anos, pois quando terminei o ensino médio não tive condições de enfrentamento político junto a direção da escola e grêmio estudantil, que desejavam a utilização do espaço logo após realizada a reforma, em que tornei o espaço utilizável novamente. Assim, tivemos que suspender o trabalho realizado e recolher nosso material, quando chegou a informação de que não poderíamos mais utilizar o espaço.

Essa foi minha primeira experiência com o ensino da capoeira, onde fui responsável por uma turma. Nela, utilizávamos o espaço da escola e praticamente não tínhamos alunas/os da escola participando das atividades de capoeira. Fazíamos ações de divulgação, mas as/os alunas/os vinham, faziam uma, duas aulas e depois não apareciam mais. Hoje, percebo que o problema estava no diálogo inexistente com a escola, também um fator preponderante para que as aulas e a utilização do espaço fossem canceladas.

Nesse mesmo período fui convidado pelo mestre Samuray a ministrar aulas juntamente com ele na cidade de Guaramiranga – Ceará. Por lá, fui responsável por duas turmas com aproximadamente 30 alunas/os cada uma, nos distritos de Barra e Linha da Serra, enquanto o mestre Samuray atendia a localidades de Pernambuco e a Sede do município.

Em 1998 o então Vice-prefeito, Marcos Braga, apresentou um projeto na Prefeitura Municipal de Guaramiranga para trabalhar com a Arte Capoeira em diversas

localidades do Município. Foi então que o falecido Mestre Samurai e o Monitor Caboré deram início ao projeto nas localidades de Barra, Linha da Serra, Pernambuquinho e sede de Guaramiranga, atendendo a cerca de 150 crianças, adolescentes, jovens e adultos (VALENTIN, 2011).

A dinâmica do ensino da capoeira era outra, as aulas aconteciam aos sábados no período da tarde e noite e funcionavam por meio de um projeto municipal de capoeira que visava atender crianças e jovens dos distritos mencionados. A frequência escolar era um dos critérios de participação, lembro-me que nos orientavam para que reforçasse a importância de a/o aluna/o frequentar a escola.

Esse projeto durou cerca de dois anos, mas até hoje nos rende bons frutos como refletido através do depoimento de um ex aluno, Ivan Valentim.

Esse projeto foi de fundamental importância para crianças e jovens da época. Não tínhamos muito o que fazer aos finais de semana no que diz respeito a prática de esporte e cultura. O projeto veio como uma ação que nos fez enxergar além de nossas realidades, pois nos tirou da monotonia de cidade pequena, aumentou nossas alternativas de educação e de práticas esportivas saudáveis.

Até hoje sou o que sou, por que fui iniciado nessa arte pelo Mestre Samurai e Monitor Caboré, que sempre cobravam de seus alunos um bom comportamento e comprometimento com os treinos.

Hoje sou contramestre formado, pela Fundação Arte Brasil Capoeira. Ministro aulas em uma escola municipal há dez anos tendo como base a todos os ensinamentos dos meus primeiros anos.

Aqui eu deixo o meu muito obrigado ao Mestre Samuray, (in memoriam), que ele sempre nos guie lá de cima, com sua personalidade forte, sua malícia, sua mandinga. Obrigado pelo aprendizado Mestre.

Também deixo os meus agradecimentos ao Mestre Caboré, pelos ensinamentos, pela alegria contagiante e sobretudo pela amizade. Axé camará... *sic* (2020).

A experiência de escrita desse trabalho foi se constituindo num fator gerador de fortes emoções, inclusive me fazendo perceber que as minhas melhores amizades foram construídas nessa dinâmica de ensino e aprendizagem da capoeira, como também a importância para qualquer professor ou professora ser reconhecida/o pela partilha e construção de saberes. Como se tratava de um projeto de governo, seu término era previsto dado as mudanças políticas municipais.

Em virtude da finalização do projeto de capoeira da cidade de Guaramiranga, entendi que deveria me preparar para um curso superior, foi então que percebi que teria muita dificuldade em ingressar no mundo acadêmico. À época não existia o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, e a concorrência estabelecida nas universidades federais a partir do critério de seleção dado por meio de vestibular, dificultavam o acesso a/o aluna/o de escola pública, principalmente aquela/e que teria estudado no período noturno.

Por conta das tentativas, sem sucesso, de ingresso na universidade e aos métodos contemporâneos de exploração capitalista da qual estava passando, decidi mudar a vida e vim embora para o Cariri cearense, com a perspectiva de mudança e crescimento. Quando por aqui cheguei, tratei de conhecer os movimentos de capoeira existentes e fui trabalhar em um novo equipamento cultural da região.

Esse trabalho foi de fundamental importância para aquela conexão que estava faltando entre a capoeira e as manifestações culturais. Até então fazia parte de movimentos culturais em Fortaleza, onde pouco via sua relação e inserção nas práticas e vivências de capoeira. Em nosso grupo houve duas tentativas em formações culturais ligadas as danças típicas e regionais, mas que não tiveram muito tempo de vida, pelo preconceito e por aquilo, em alguns momentos, causar vergonha entres os jovens.

Assim, buscávamos individualmente essas participações em grupos e movimentos da cultura de nossa cidade. Sempre fui muito curioso ao conhecimento, o que faz eu me envolver em teatro, música, dança e em atividades relacionadas às manifestações afrodescendentes brasileiras.

O Cariri cearense não era para mim uma terra completamente desconhecida, pois em março de 1997, havia participado de um batismo de capoeira realizado no ginásio poliesportivo da cidade de Juazeiro do Norte e organizado pelo professor Naldo<sup>20</sup>, que naquele ano havia se afiliado ao grupo. Aquele seria então o primeiro batismo da Terreiro Capoeira na região e na ocasião, aproveitamos a oportunidade para conhecer a capoeira da cidade de Crato, participando de outros eventos que por aqui ocorreram.

Infelizmente o professor Naldo não conseguiu dar continuidade ao trabalho do grupo, que ficou parado até o ano de 2007 quando implementei o Projeto Capoeiras na Sociedade Lírica do Belmonte – SOLIBEL, situada no bairro Belmonte, na cidade de Crato – CE.

Também nesse período, fui contratado enquanto Professor de Capoeira, pela prefeitura municipal de Caririaçu – CE, para ministrar aulas no centro cultural daquela cidade. Tratava-se de um projeto da secretaria de ação social do município que atendia as crianças e adolescentes da cidade.

Capoeira sempre foi para mim um modo de conexão com a terra. Meu primeiro contato foi ainda na infância com o Professor Raimundinho, era uma das atividades oferecidas por um projeto social do bairro. Passei toda a minha infância e adolescência na cidade de Caririaçu-CE e além de aulas iniciais de teatro e dança, uma das rotinas do meu dia era ir para as aulas de ginga no Centro Cultural D.

---

<sup>20</sup> Raimundo Ferreira da Silva, conhecido na capoeira como Naldo.

Raimundo de Oliveira Borges com o Professor Orismidio Duarte. As aulas com o Mestre de Capoeira Orismidio Duarte eram sempre dinâmicas e bem-humoradas, lembro que a turma não era dividida por idade ou gênero. Todos compartilhávamos o mesmo espaço e os mais velhos ou “mais espertos no jogo” eram estimulados pelo Mestre a auxiliar os menores ou recém-chegados.

Na época eu ainda cursava o ensino médio e pelo que me lembro o contato com a capoeira sempre foi através de atividade extraescolares, a capoeira foi o primeiro contato com o meu imaginário simbólico de forma afirmativa e ascendente. Durante as aulas embora não tivesse consciência do que a musicalidade, a ginga e o mover do corpo estivesse ativando, esses primeiros encontros foram significantes para que anos depois eu pudesse compreender a existência do meu corpo-feminino-negro no mundo (SUZANA CARNEIRO DE SOUZA, 2020).

Enquanto mestre de capoeira, fico muito feliz em ter contribuído, através da vivência de capoeira realizada naquela cidade, de forma significativa a compreensão das/os alunas/os enquanto afrodescendentes. Para mim, esse relato serve como parâmetro de identificação da minha mudança de visão quanto ao ensino e prática da capoeira. Mas, infelizmente pela falta de continuidade das ações políticas, e de uma lei específica, as atividades de capoeira se tornaram instáveis, tendo apenas um ano de duração.

Logo em seguida, fui convidado a ministrar aulas no distrito de Ponta da Serra em Crato – CE, através do Serviço Social do Comércio – SESC. As aulas de capoeira eram ministradas no Polo de Atendimento do distrito do qual teve 08 meses duração. Por trabalhar e transitar nos equipamentos culturais do Cariri cearense, fui aos poucos propondo, inserindo e realizando cursos, oficinas, rodas e atividades relacionadas a capoeira dentro das programações mensais desses equipamentos, em especial o Centro Cultural Banco do Nordeste – CCBNB e o Serviço Social do Comercio - SESC.

Foi nesse jogo, gingando, esquivando e atacando os preconceitos à cultura africana e afrodescendente, que refleti sobre os aspectos educacionais da capoeira, enquanto uma Manifestação da Cultura Afrodescendente Brasileira. Uma manifestação cultural surgida no Brasil através de africanos e afro-brasileiros na diáspora.

Essa reflexão tem seu embrião no 1º e no 2º Encontro do Projeto Capoeiras no Cariri – Escambo Cultural, realizados na Sociedade Lírica do Belmonte – SOLIBEL em Crato – CE, nos anos de 2008 e 2009 respectivamente. Sendo estes, os primeiros eventos de capoeira que realizei no Cariri cearense.

Propus nesses eventos, um encontro dialógico, um intercâmbio entre o Projeto Capoeiras existente no bairro<sup>21</sup> Planalto do Pici em Fortaleza – CE, e o Projeto Capoeiras existente no bairro afrodescendente Belmonte em Crato e as manifestações culturais

---

<sup>21</sup> Seguimos o pensamento de Henrique Cunha Júnior (2018). O conceito de bairro negro é produzido e associado à percepção da existência de identidades sociais, construídas pela história, portanto, o termo refere-se aos bairros onde a presença de afrodescendentes se faz maioria.

afrodescendentes do Cariri, através da participação na cerimônia de Renovação<sup>22</sup> na casa de mestre Raimundo Aniceto, líder da Banda Cabaçal dos irmãos Aniceto, no bairro afrodescendente Seminário em Crato – CE. Sentia naquela ocasião, a necessidade de demonstrar diretamente as/os demais camaradas da Terreiro Capoeira, grupo de capoeira do qual faço parte, as relações entre as manifestações culturais do Cariri cearense e a capoeira.

O projeto do evento, trazia em seus objetivos a realização do escambo cultural, onde buscávamos o intercâmbio entre os grupos para assim, aprendermos um pouco mais sobre nossas matrizes e tradições culturais.

**Figura 2 - Certificados dos 1º e 2º Encontro do Projeto Capoeira no Cariri - Escambo Cultural realizado em Crato-CE em 2008 e 2009.**



Fonte: Arquivo Pessoal.

Em 2014, volto a morar novamente em Fortaleza – CE, esse retorno me fez pensar outras possibilidades de continuidade do caminho que havia aberto e vislumbrado. Assim, proponho ao amigo Francisco Gilberto da Silva, na capoeira mestre Chico Ceará, a realização de um evento. Esse evento seguiria a mesma forma dos outros dois anteriores, onde o intercâmbio entre os grupos seria o fio condutor da ação proposta.

Foi, portanto uma forma justa e inédita no universo da capoeira que visava a realização, por dois grupos distintos, de um evento capoeirístico, afim de proporcionar o crescimento mútuo das pessoas, e dos grupos envolvidos, e o diálogo da capoeira com outras manifestações culturais afrodescendentes. Assim, o grupo Arte e Tradição participaria dos Simpósios Internacionais num ano, e no outro ano, a Terreiro Capoeira participaria da Virada

<sup>22</sup> Renovação é uma cerimônia religiosa realizada no cariri cearense geralmente celebrada numa data marcante aos donos da casa. Geralmente um aniversário de casamento ou de um filho. Após a reza se faz o festejo, geralmente com os grupos de tradição da região.



Cultural e Intercâmbio Cultural Arte e Tradição Terreiro Capoeira, do qual chamamos de “Terreirada no Cariri”.

Em 2017, lanço o Livro com o mesmo título, Terreirada no Cariri, e partir de então tenho viajado, fazendo lançamentos do livro em congressos, científicos, feiras literárias, e eventos de capoeira no Brasil e no exterior.

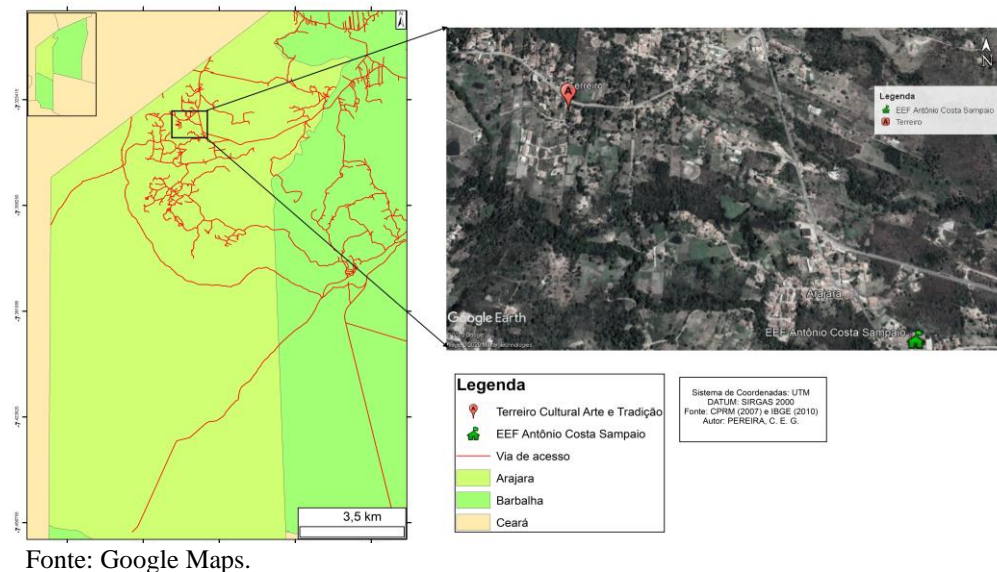
### 2.3 A TERREIRADA NO CARIRI – INTERCÂMBIO CULTURAL ARTE E TRADIÇÃO E TERREIRO CAPOEIRA

A capoeira dos velhos mestres baianos jamais foi um esporte, e sim jogo. É o mesmo que dizer que sempre foi arte, cultura.  
(Muniz Sodré, 2002).

O evento foi uma forma que encontrei para a continuidade de minha atuação na capoeira no Cariri, como também, foi uma forma de ajudar o camarada Mestre Chico a construir um evento de capoeira com referencial cultural ao seu grupo. Para nós, foi uma forma que encontramos de consolidar um evento de grande importância a capoeira na região do Cariri.

Este evento ocorreu no Sitio Santo Antônio de Arajara na cidade de Barbalha – CE onde juntamos e organizamos nossos sonhos e vontades, e assim produzimos e realizamos o evento. Para a/o capoeirista, certamente ficará a dúvida de como isso veio a funcionar, pois não conhecemos até o presente momento nenhum evento, de capoeira, que se realize dessa forma. Com dois grupos distintos partilhando sua produção e realização.

**Figura 3 - Mapa do Distrito de Arajara – Barbalha – CE, destacando o local do evento.**



Assim, eu e o mestre nos reunimos em vários dias para pensar o tal evento, que mais parecia ser uma utopia. Muitas vezes, nos questionávamos sobre nossa capacidade em produzir um evento de tamanha complexidade para época. Esses encontros foram fundamentais para explicar como haviam sido realizados os eventos anteriores em que a troca cultural e as parcerias com instituições promotoras de cultura da região foram realizadas.

Dado o tempo e maturação das ideias e desejos, chegamos a um modelo muito parecido com o escambo cultural que havia realizado em 2008 e 2009, mas com novas perspectivas; Juntamos o desejo do mestre Chico em fazer uma virada cultural com o meu desejo em promover um intercâmbio entre nossos grupos de capoeira, Arte e Tradição e Terreiro Capoeira, junto a outros grupos de manifestações culturais afrodescendentes do cariri cearense.

Como uma maneira de contribuir para a saída do grupo Arte e Tradição de seu reduto, e com isso provocar um olhar a capoeira de forma mais global, realizaríamos um ciclo de eventos onde, o intercâmbio proposto também seria realizado através da participação do grupo Arte e Tradição aos Simpósios Internacionais realizados pela Terreiro Capoeira.

Isso tanto é fato, que algum tempo depois desse encontro, o Mestre Chico e diversos discípulos seus seguiram para o Planalto Central, para vivenciar mais um dia dessa convivência, dessa energia e dessa amizade que transborda por todos os nossos corações [...] (MESTRE SQUISITO *apud* SILVA, 2012, p. 15).

Além desse intercâmbio, que nos proporcionou conhecer novas pessoas de outros estados brasileiros e de outros países, contribuindo para a absorção de um vasto conhecimento na vivência da capoeira, a ideia central do evento era que os grupos de tradição afrodescendentes do Cariri cearense se apresentassem no terreiro, um a um, demonstrando e partilhando seus saberes.

**Figura 4 – Roda de coco. Terreirada no Cariri – 1º Intercâmbio Cultural Arte e Tradição e Terreiro Capoeira.**



Fonte: Arquivo pessoal.

A essa ação, chamamos de Virada Cultural que teria início na noite do sábado e seu fim na manhã do domingo.

A capoeira por sua vez, também faria seus rituais de batismo e roda dentro desse contexto, como se fosse uma demonstração ao público participante. Público esse, composto por capoeiristas, pessoas da comunidade, visitantes e membros dos grupos de tradição afrodescendente, de tal modo que, todas/os experienciavam os fazeres de cada manifestação cultural.

O período diurno do sábado ficaria reservado para oficinas, palestras, papoeiras, trilhas ecológicas, passeios a locais de relevância como engenhos e casas de farinha. Já o período diurno do domingo teria como ação o café da manhã após a virada cultural e o ritual de despedida. Em 2019, na última edição do evento realizamos um café com poesia. Assim, a Terreirada no Cariri não é

apenas uma vivência de um evento de capoeira, quando se vai para um batizado, um curso, oficina ou uma cerimônia de abertura, mas sim de uma vivência Com a Capoeira, com seus sujeitos, com a comunidade que absorve o evento e seus participantes do qual proporciona e produz uma troca de conhecimentos nunca vividos em cursos e oficinas formais condicionadas por um modelo pré - existente onde se paga um acesso e aquele sujeito que participa em muitos casos é um mero expectador, recebedor de informações e orientações quanto a determinado assunto, raramente podendo opinar e debate-los (SILVA, 2017, p. 21-22).

O evento nos marca pela capacidade de troca de conhecimentos, realizado a partir do diálogo entre os grupos e as pessoas participantes, e assim, poder sair da perspectiva de capoeira apenas enquanto uma luta, para vivenciar e mostrar aos capoeiristas que a capoeira dialoga intrinsecamente com as outras manifestações culturais.

A possibilidade de realização desse evento, ocorre porque há a amizade e a união em prol de um bem comum, a capoeira. Segundo mestre Chico,

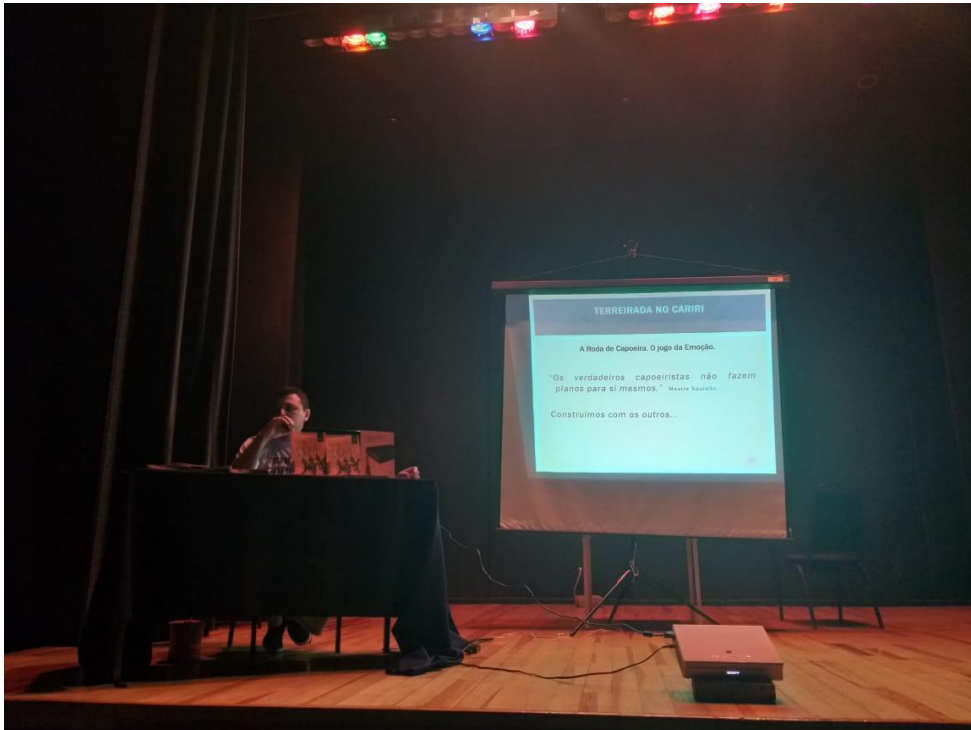
A capoeira. é a arte de lutar sorrindo né mestre? Forma de dança guerreira e não tenho nem palavras para complementar tudo isso o que vocês já falaram aí, né? mas eu queria abrir um espaçozinho pra dizer que nessa resistência precisa de união, viu? porque se nós capoeiristas não formos unidos, nós nos tornamos fracos, e nós, fracos não temos a força necessária por mais que nós sejamos fortes. Somos resistentes, mas se nós tivermos unidos, nós somos mais fortes ainda. Por que a nossa resistência é mais amor, então eu acho que... uma palavra que é preciso acrescentar nessa conversação é união. A gente precisa está lutando pela capoeira sem ta defendendo aquela questão do meu escudo, aqui é uma identidade que a gente tem, que cada grupo (MESTRE CHICO, 2020).

As palavras de mestre Chico Ceará, descrevem bem o sentimento que permeia a produção e realização do evento, onde nos juntamos em busca de realização mútua para a capoeira. Para que nossos grupos e trabalhos possam crescer e vivenciar a cultura de forma mais direta e verdadeira.

Desse modo, o evento tem nos proporcionado muitas coisas boas, me possibilitou a publicação de um livro “Terreirada no Cariri” lançado no evento ocorrido em 2017.

A partir dessa data o livro foi também lançado em: Fortaleza – CE, na Bienal do Livro e no Centro Dragão do Mar, Recife - PE no Congresso Nacional de História, na Fundação Casa Grande em Nova Olinda – CE dentro das ações culturais do Curso de Especialização em Arqueologia Social Inclusiva, em Juazeiro do Norte – CE no Centro Cultural banco do Nordeste Cariri - CCBNB - Cariri, em Campina Grande – PB no Batismo de Capoeira do Grupo Terra Firme e na Cidade do México – México no Open Fest 2018.

**Figura 5 - Lançamento do livro Terreirada no Cariri no Centro de Desarrollo Social Mixcoac - Cidade do México - México.**

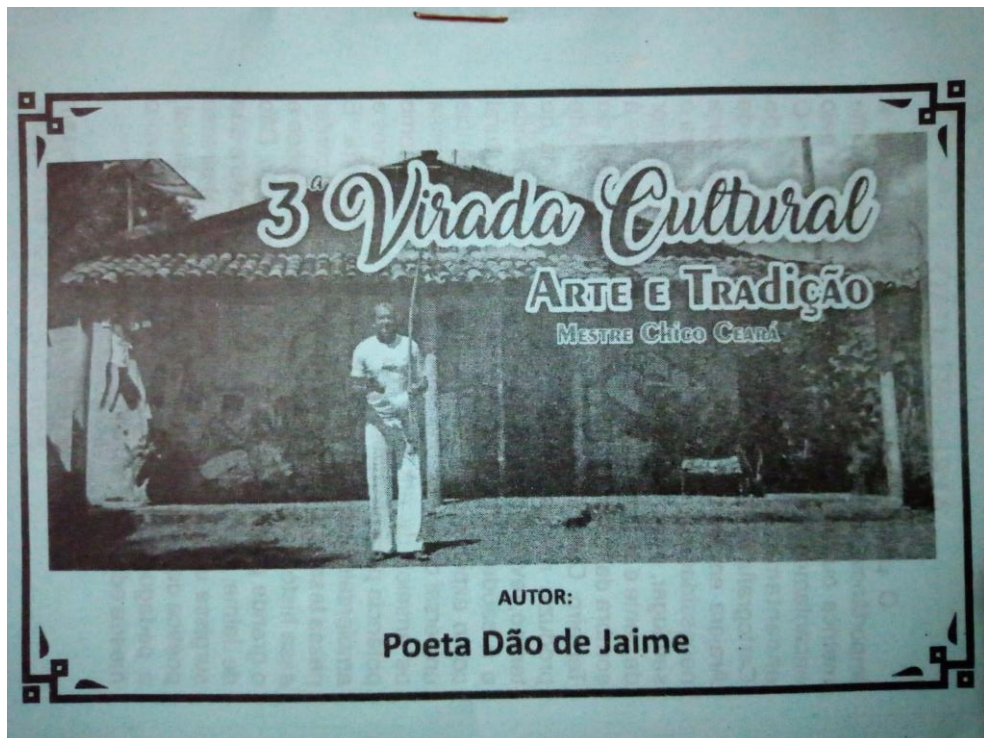


Fonte: Arquivo Pessoal.

O livro tem cruzado as fronteiras e tínhamos agendado para agosto deste ano, seu lançamento no continente africano em Luanda – Angola, no evento em comemoração de 20 anos da Terreiro Capoeira Angola. Porém, condicionado pela pandemia de COVID19, projetamos o adiamento do seu lançamento na África.

Outra produção literária realizada foi o cordel 3ª Virada Cultural Arte e Tradição, feito pelo poeta Dão de Jaime, morador do Sítio Santo Antônio de Arajara e membro da Sociedade do Poetas de Barbalha – SPB. O poeta lançou o cordel no café com poesia ocorrido na 3ª edição do evento em agosto de 2019.

**Figura 6 - Capa do Cordel 3ª Virada Cultural Arte e Tradição.**



Fonte: Arquivo Pessoal.

O cordel está dividido em três partes, a primeira é dedicada a história do mestre Chico Ceará na capoeira, a segunda nos conta como o evento foi idealizado e última faz uma abordagem sobre os acontecimentos e programação das três edições realizadas.

Sobre a 1ª Virada  
 Fizeram avaliação  
 Todos ficaram contente  
 E naquela ocasião  
 Todos que estavam presente  
 Choraram de emoção.  
 (SILVA, 2019, p. 3).

O verso escrito pelo poeta João Edson da Silva, Dão de Jaime, mostra o sentimento vivido e compartilhado ao longo destas três edições de nosso evento. Diante disso, para além dos resultados tangíveis, conseguimos, através desses eventos, o fortalecimento do convívio e da amizade; da manifestação cultural capoeira na comunidade, como também o crescimento e promoção dos grupos envolvidos por meio dos saberes compartilhados.

Indiretamente temos beneficiado os grupos de tradição, as comunidades vizinhas ao local do evento, professoras/es, pesquisadoras/es, profissionais da educação, profissionais da

área artística cultural, empresas e profissionais de locação e operação de equipamentos de iluminação, sonorização, palco e tendas, profissionais de transportes e vendedoras/es autônomos. Atingido dessa forma, os setores de turismo, serviços, comércio, transporte cultura e educação.

Dentre outras coisas boas que o evento tem nos possibilitado, posso citar a proximidade e o diálogo com as/os mestras/es e grupos de cultura do cariri cearense e a interação do grupo Arte e Tradição com o grupo Terreiro Capoeira, que vem a cada ano abrindo caminho ao mestre Chico Ceará e alunas/as para a interatividade com a capoeira de outros estados e países nos quais a Terreiro Capoeira está atuando, e vice versa.

Outro fator de muita importância é o evento ter influenciado essa pesquisa, colaborando ainda mais para o olhar da capoeira enquanto uma Manifestação Cultural Afrodescendente Brasileira.

#### 2.4 METODOLOGIA – GINGANDO E JOGANDO COM OS SABERES

A prática da capoeira é apontada por várias/os mestras/es como algo de potencial à educação, dessa forma, essa dissertação procurou uma capoeira que nos aproxime de nossos ancestrais, de nossas histórias e de nossa cultura, para que pudéssemos responder as questões levantadas na pesquisa.

Escolhemos a Terreirrada no Cariri - Intercâmbio Cultural Arte e Tradição e Terreiro Capoeira, realizado na cidade de Barbalha – CE, porque era importante investigar quais os aspectos educacionais da capoeira, na perspectiva da capoeira enquanto Manifestação Cultural Afrodescendente Brasileira.

Sendo assim, no primeiro período do curso, buscamos a compreensão sobre as questões centrais do estudo, onde a ginga para o primeiro jogo da pesquisa/capoeira foi no universo das africanidades e as afrodescendências (CUNHA JUNIOR, 2001), visto a capoeira ter sido gerada em solo brasileiro por meio das/os escravizadas/os no Brasil. Então, elas nos deram o tom e a cadência para a discussão da capoeira enquanto uma manifestação da cultura brasileira.

O autor compreende as africanidades como um processo de retorno às origens, mas que produziram um novo conteúdo às culturas. Para ele, esses reprocessamentos são as produções realizadas na diáspora, enquanto elemento dinâmico, não existentes nas culturas

africanas, mas sim, na cultura afrodescendente (CUNHA JUNIOR, 2001). Em nosso caso a capoeira.

Dado o processo de branqueamento ocorrido no século XX no país, período de expansão e legitimação da capoeira enquanto esporte nacional, foi essencial a busca das africanidades e afrodescendências.

Buscamos salientar nossa compreensão da capoeira enquanto manifestação cultural, e para que esse trabalho ginguasse com um olhar diferenciado sobre sua prática nos foi imprescindível dar ênfase a estes aspectos.

Por se tratar de uma pesquisa que ansiou analisar os aspectos da capoeira na educação a partir desse olhar cultural, acreditamos que nosso trabalho pode comunicar a capoeira enquanto um forte elemento cultural para a educação. Isso nos fez gingar para a procura de um jogo com as/os autoras/es mestras/es e pesquisadoras/es da capoeira, objetivando um melhor aprofundamento sobre nossa manifestação.

Inicialmente, procuramos pesquisar publicações realizadas sobre a capoeira, priorizando àquelas que dialogavam com nossa ginga e com o nosso jogo. Assim, fomos vivenciar algumas rodas/pesquisas/publicações para a compreensão da capoeira como prática educativa cultural.

Gingamos com Araújo (2004, 2015), mestra e pesquisadora que estuda a capoeira como uma “expressão cultural de matrizes africanas no Brasil” (ARAÚJO, 2004, p. 8), num jogo de esclarecimento sobre a prática da capoeira enquanto uma dinâmica das tradições africanas em nosso país, nos fazendo compreender a importância da cosmovisão africana, pois essa dinâmica possibilitou que “a capoeira alcançasse, através do corpo e da corporeidade, múltiplas e polissêmicas linguagens, constituindo uma pedagogia marcada pelo desejo, pelo olhar e pela escuta” (ARAÚJO, 2015, p. 9).

Ampliando essa ginga, chegamos a Campos (2001, 2009), este refletiu sobre a forma metodológica usada por mestre Bimba para o ensino da capoeira da qual influenciou e contribuiu para a capoeira de hoje, nesse contexto educacional do qual investigamos. Para o mestre e pesquisador da capoeira, “o que chama a atenção é como a capoeira, uma atividade considerada marginal, ganha notoriedade acadêmica, conquistando a educação formal brasileira em todos os seus níveis” (CAMPOS, 2009, p. 25).

Seguimos então essa ginga e saímos visitando outras rodas/pesquisas. Nos deparamos então com Sodré (1983, 2002, 2010), o mestre também analisa a capoeira, a escola de mestre Bimba, porém com um olhar voltado a cosmovisão africana e a cultura brasileira, analisando



seu conceito e refletindo sobre a sua significação, uma vez que, em nosso país, ela “passa a demarcar fronteiras, estabelecer categorias de pensamento, justificar as mais diversas ações e atitudes, a instaurar doutrinariamente o racismo e a se substancializar, ocultando a arbitrariedade de sua invenção” (SODRÉ, 2002, p. 8).

Assim, corroboramos com o autor quando procura em seu trabalho “mostrar que outras perspectivas são possíveis, outras histórias podem ser contadas além daquelas que a ideologia produz sobre si mesma” (SODRÉ, 2002, p. 11).

Para nossa compreensão sobre a ação educativa da capoeira, tivemos como procedimentos metodológicos a observação participante no evento Terreirada no Cariri, o grupo focal e a pesquisa bibliográfica, buscando a apreensão da história oral uma vez que, a pesquisa é pautada no conceito de africanidades e afrodescendência pelos quais podemos compreender esses métodos.

Quanto a pesquisa de campo, buscamos enxergar a realidade da capoeira na sociedade por meio de um evento cultural de capoeira, Terreirada no Cariri - Intercâmbio Cultural Arte e Tradição e Terreiro Capoeira, realizado na cidade de Barbalha – CE e das práticas educativas de mestras/es e pesquisadoras/es de capoeira, com o intuito de evidenciar seus aspectos educativos dentro do pensamento da capoeira enquanto uma Manifestação Cultural Afrodescendente Brasileira.

O evento foi realizado no distrito de Santo Antônio de Arajara, comunidade afrodescendente da cidade de Barbalha – Ceará, que tem em seu território uma associação de capoeira, mantida por um morador local, onde se conservam as tradições da capoeira e de outras manifestações afrodescendentes brasileiras.

Partindo desse referencial, conseguimos identificar a relação pessoal, social e cultural com o tema. Assim, a observação participante foi importante para que pudéssemos construir o roteiro de questionamentos para ser utilizado na condução do grupo focal e compreender o evento como transmissor de conhecimentos.

Essa escolha é também aconselhada por Gil (2008, p. 103) quando conceitua a observação participante “como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo”.

Além disso, verificamos esse procedimento metodológico em ARAUJO (2004, p. 46), quando nos aponta que o uso desse recurso foi fundamental para atingir o objetivo de “apreender a Capoeira Angola enquanto um modelo pedagógico”.

Da mesma forma, foi um critério escolhido por PALHARES (2018), que o adotou pelo fato de a pesquisa ser constituída a partir da sua trajetória na capoeira. Encontramos ainda, a adoção dessa solução em (SOUZA; DIAS, 2010) para a observação do corpo e gesto no jogo da capoeira.

Dessa forma, a observação participante ocorreu no evento Terreirada no Cariri, onde pudemos observar e analisar a construção e transmissão de saberes através das práticas dos grupos que ali se apresentaram. Percebemos a participação de cerca de 100 pessoas durante todo o evento, entre moradores da comunidade, capoeiristas dos grupos organizadores e de grupos visitantes, e de pessoas interessadas na atividade de trilha e na virada cultural, momento ápice do evento.

É relevante registrar que esse público, é sazonal. São dois dias de evento e durante esse período, pessoas de diversos lugares da região do Cariri vão ao terreiro em busca das atividades programadas.

Nessa edição realizada em 2019, ocorreu a trilha ecológica ao Mirante do Picoto na FLONA - Floresta Nacional do Araripe – CE. Saindo do terreiro por uma trilha sinuosa as pessoas adentraram a floresta em busca de aventura e conhecimento, pois ao chegar no mirante ocorreu uma vivência de coco de palma; uma dança típica da cultura afrodescendente caririense.

Segundo Mestre Chico Ceará, essa dança caririense surgiu nos engenhos de rapadura, nas casas de farinha da região e nos períodos de extrativismo na chapada do Araripe, em especial a coleta do Pequi. Percebe-se dessa forma, que a dança surge em comemoração pela produção alimentícia realizada.

Os participantes da trilha e da vivência eram capoeiristas em sua maioria, mas haviam pessoas da comunidade e também outras pessoas totalmente estranhas ao sítio Santo Antônio de Arajara e a capoeira. Estas, buscavam o lazer e o conhecimento cultural proposto pelo evento amplamente divulgado na região.

**Figura 7 - Mestre Chico Ceará ensinando a dança do coco de palma as/os participantes da trilha e vivência no mirante do picoto na Chapada do Araripe – CE.**



Fonte: Acervo Arte e Tradição e Terreiro Capoeira.

A atividade foi importante e muito significativa, pois levou o capoeirista ao universo da floresta, levou as pessoas, não capoeiristas, acostumadas com trilhas e caminhadas pela floresta ao universo da capoeira e de sua cultura ancestral, e proporcionou para comunidade e todas/os as/os envolvidas/os, a memória do coco de palma, disseminando e fortalecendo, dessa forma, a cultura ancestral da comunidade entre as/os que vivenciaram a atividade.

Para uma das participantes do evento,

A experiência da virada cultural permitiu interconexão com as pessoas e com a natureza, através da cultura da capoeira. Após o momento de acolhida, seguimos a trilha para o mirante do picoto, no percurso uma escalada que contou com o companheirismo e a solidariedade dos mais experientes para auxiliar quem tinha dificuldade ou medo de subir. Na subida, o horizonte já se ampliava e a vista tornava as dificuldades em contentamento pela contemplação da paisagem. A chegada ao mirante, no topo da Chapada do Araripe, foi carregada de inúmeras sensações, desde a de vencer os obstáculos da subida, ao encontro com o canto e a dança do coco de palma. Dar as mãos, olhar nos olhos de uma pessoa até então estranha e seguir os passos da dança conduzida pelo Mestre Chico Ceará sob a mata densa, nos envolveu por uma energia com fortes vibrações e propiciou um momento de interconexão<sup>23</sup>. *sic* (MARIA, 2019).

<sup>23</sup> Depoimento solicitado pelo pesquisador e enviado por email.

O coco é uma manifestação da cultura afrodescendente brasileira presente em toda região nordestina. É uma dança executada de várias formas, a depender do lugar onde se pratica.

É a brincadeira o espaço cultural e social legítimo da integração comunitária, da vivência do lúdico, do ritualístico, do bom humor, das subjetividades livres e criativas, que se dá no íntimo de quem brinca, mas também em coletivo com quem brinca, com quem não se supõe a penas olhar, assistir, mas envolver-se com aquela brincadeira, seja com as palmas de mão, seja sorrindo, seja cantando, seja dançando (NUNES; MASULLO, 2015, p. 190-191).

De um modo geral, ela é uma brincadeira de roda, acompanhada por música e gestos corporais que agregam e convidam as pessoas a dançarem, integrando a brincadeira. Suas músicas ou toadas, geralmente contam histórias e causos locais. Muitas vezes criadas de improvisos e duelos musicais onde há um jogo lúdico de perguntas e respostas, algo muito similar a capoeira.

Assim, enquanto dançávamos o coco de palma em cima da serra, ocorria no terreiro o atendimento de saúde, prestado por profissionais do município de Barbalha- CE em parceria ao evento.

**Figura 8 - Atendimento de saúde à comunidade. Verificação de Pressão arterial e orientações de saúde.**



Fonte: Arquivo Pessoal.

Nessa atividade, o foco voltou - se as pessoas da comunidade. Foi uma forma encontrada pela organização em retribuição a comunidade por ela abrir suas portas ao evento e contribuir diretamente com o mesmo, seja cedendo espaços para acomodar os participantes, seja fazendo parte da logística, ajudando no preparo das alimentações e dos espaços ou participando das atividades propostas durante o evento.

Foram atendidas, aproximadamente 40 pessoas da comunidade e de comunidades vizinhas. O atendimento buscou aferir pressão arterial e proporcionar orientação de saúde, respeitando os valores culturais das pessoas e seus lugares.

A capoeira por sua vez, se apresenta na qualidade de uma das manifestações culturais do evento e seus rituais de batismo, troca de graduações e de rodas ocorrem abertos ao público como uma forma de apresentação.

Assim, as pessoas não capoeiristas sentem-se acolhidas pela capoeira e buscam conhece-la melhor, resultando, desse modo, na valorização de seus atributos perante a sociedade.

**Figura 9 - Ritual da capoeira na Virada Cultural.**



Fonte: Arte e Tradição e Terreiro Capoeira.

No contexto geral, os eventos capoeirísticos ocorrem de e para a capoeira, onde pouco se vê a sociedade inserida, muitas vezes nem as famílias dos praticantes participam. Na Terreirada no Cariri, há a proposta para um novo olhar e uma nova forma de se fazer encontros de capoeira.

Foi justamente nesse lugar que surgiram as dificuldades em relação à pesquisa e ao próprio evento, pois em sua grande maioria, os praticantes de capoeira não enxergam sua arte enquanto cultura, só conseguem vê-la, como um esporte/luta. Sendo assim, não era de nos admirar a percepção de estranhamento dos participantes quanto à retórica do evento.

Esse olhar dos capoeiristas compreendendo a capoeira apenas enquanto esporte/luta surge no século XX nos processos de construção da identidade nacional durante período Getulista, um governo que buscava valorizar a capoeira dentro desse aspecto esportivo, lhe atribuindo a conotação de ser o esporte genuinamente brasileiro, mas também, o governo que promovia a eugenia no Brasil.

Isso significa dizer que os valores culturais africanos e afrodescendentes brasileiros não teriam importância positiva a cultura do país. Dessa forma, a capoeira passou a existir para o brasileiro enquanto esporte/luta, ocupando escolas, quartéis, universidades e demais setores da sociedade sob esse argumento de esporte nacional.

Mudar o foco, a forma e trazer um olhar para a capoeira enquanto manifestação cultural causaria, sem sombras de dúvidas, estranhamentos, incompreensões e até mesmo resistência dos participantes do evento, dado a história social e política da capoeira como também, todo nosso contexto social que nega os valores afrodescendentes em nossas vidas.

Apesar de a comunidade ser afrodescendente, há claramente a negação de valores, principalmente religiosos que partam dessas matrizes, onde a Macumba, termo preconceituosamente usado para referência do Candomblé ou a Umbanda, significa coisa do diabo. Desse modo,

de um problema cultural religioso e com o passar de dois séculos, resultou um problema racial cuja consequência vivemos até o presente. Neste sentido, é preocupante o racismo religioso anti-religiões africanas no presente. A Macumba e o Candomblé têm sido estigmatizados como coisa do demônio. Trata-se de uma forma de racismo com consequências atuais e futuras preocupantes. Na história da humanidade são vários os exemplos da evolução de atitudes de simples ideias chegando ao genocídio de povos. Do nada se faz um ciclo de atentados criminosos contra um povo. Passam a pregar por palavras, orientam a massa popular contra fatos simples, depois transformam em normas sociais e, na sequência, em leis criminosas, perseguindo e por fim matando para eliminar o suposto mal (CUNHA JUNIOR, 2015, p. 4).

A colonização aqui chegou incutindo e determinando nossas atitudes, produzindo posicionamentos preconceituosos e desvalorizando a cultura africana, mesmo ela estando em nós; em nossa labuta diária; no fazer de nossos alimentos; nas curas pela natureza; nas orações e rezas no mirante da floresta; nas/os rezadoras/es locais que tiram os quebrantos das pessoas; nas/os parteiras/os; nas/os mezinheiras/os; nas nossas danças e músicas tradicionais das quais

nos faz lembrar o tempo passado e nossas/os ancestrais; em nossos mitos e nas demais características culturais.

Portanto, é construtivo e benéfico entender que:

Do período escravista criminoso há outro fator que expandiu no passado a história do medo quanto às religiões africanas. Os africanos conheciam plantas venenosas, alucinógenas e entorpecentes. Eles administravam poções para envenenar os escravizadores, para que estes tivessem desequilíbrios psicológicos ou sonos profundos que propiciava momentos de fugas e rebeliões. Estes europeus assustados com as mortes súbitas e os desequilíbrios psíquicos imputavam estes fatos a denominada magia negra, ou seja, com poderes sobre naturais vindos das religiões africanas. Desta forma se difundiu uma forma de medo sobre as formas de expressões africanas (CUNHA JUNIOR, 2009, p. 102).

Desse modo, percebemos a não participação de alguns capoeiristas nas atividades em que a caracterização afrodescendente se tornava mais explícita. Percebemos também, que alguns capoeiristas cantaram músicas da nova tendência capoeira evangélica<sup>24</sup>, nos rituais das rodas de capoeira.

No caso das músicas cantadas, ficou evidente que muitas das pessoas, ao cantá-las, não sabiam se tratar de músicas compostas para a deturpação da cultura capoeirística e pregação do deus cristão evangélico numa manifestação cultural afrodescendente.

Este posicionamento de distanciamento do valor simbólico ancestral, para alguns capoeiristas leva a discordâncias, sob o argumento de que as/os mestras/es antigas/os também cantavam músicas ao deus cristão.

Se buscarmos na história do africano no Brasil veremos que esses seres humanos tiveram que estabelecer uma estrutura dupla, para poderem cultuar sua fé. Sendo assim, as/os antigas/os capoeiristas quando cantavam ao deus cristão, ou quando ao entrar na roda faziam o sinal da cruz, o desenhando imaginariamente no chão, antes de entrar no jogo, estavam na verdade cultuando seus deuses africanos. Seus orixás, inquinces, voduns.

Muniz Sodré (1983, p. 133) em sua Verdade Seduzida, vai nos dizer que “a originalidade negra consiste em ter vivido uma estrutura dupla, em ter jogado com as ambiguidades do poder e, assim, podido implantar instituições paralelas”.

Entretanto, nesse espaço permitido, porque inofensivo dentro da perspectiva branca, os negros reviviam clandestinamente os ritos, cultuavam deuses e retomavam a linha do relacionamento comunitário. Já se evidencia aí a estratégia africana de jogar com as ambiguidades do sistema, de agir nos interstícios da coerência ideológica. A

---

<sup>24</sup> Capoeira Evangélica, chamada no Brasil de Gospel, é um estilo de capoeira criado para negar e modificar os elementos culturais das religiões de matriz africana e afrodescendente existentes na capoeira.

cultura negro-brasileira emergia tanto de formas originárias quando de vazios suscitados pelos limites da ordem ideológica vigente (SODRÉ, 1983, p. 124).

Então, a capoeira enquanto uma cultura negro-brasileira (SODRÉ, 1983), também carregará consigo, em seu mais profundo segredo, esse jogo que engana a visão despercebida e doutrinada pela cultura eurocêntrica. No jogo de corpo da capoeira, isso é conhecido como negaça, o corpo que se movimenta ludicamente afim de surpreender seu adversário no jogo.

Portanto, o iê viva meu deus expressado como louvação ao fim da ladainha cantada na capoeira, foi criado para a louvar ao deus africano Oxalá, uma vez que, “Oxalá é o filho do grande deus Olorun; seu equivalente católico é Jesus Cristo” (BASTIDE, 1961, p. 124).

Essa observação se faz necessária por sermos educadoras/es e, portanto, é importante ampliarmos nosso conjunto de informações e referências, para assim não propagar e reproduzir o preconceito e o racismo.

A partir dessa reflexão, identificamos que a Terreirada no Cariri, se caracteriza como um evento de resistência, aos valores preconceituosos advindos do eurocentrismo e do escravismo criminoso, para o respeito e conservação dos princípios e heranças culturais afrodescendentes brasileiras em nosso território.

Dadas as deturpações existentes na cultura da capoeira ao longo do século XX e XXI, observamos o evento como uma possibilidade educativa de conscientização e reconstrução dos valores culturais africanos na comunidade de Santo Antônio de Arajara, as/aos capoeiristas e a sociedade de um modo geral.

A observação participante foi de muita importância a pesquisa, pois, sendo ela um método do qual “o pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica” (MINAYO, 2009, p. 70), nos colocou numa relação direta com o evento a ser observado, proporcionando nossa participação, acompanhamento e observação em suas atividades.

Através desse método, nos foi possível identificar potencialidades educacionais na capoeira. Dentre elas, a que mais nos marcou foi o aspecto oral, pois se evidenciou como fonte e transmissão direta de conhecimento.

A oralidade na Terreirada no Cariri se apresentou nas músicas entoadas pelos grupos, nos papoeiras<sup>25</sup> ocorridos em todo período do evento, como também no início e no fim dos

---

<sup>25</sup> Papoeira se refere a conversas ocorridas sobre capoeira, sejam organizadas ou não. A criação desse termo é atribuída ao Mestre Pombo de Ouro.



rituais culturais realizados durante a virada, das quais as/os mestras/es fazem alguma observação ou relatam alguma história.

**Figura 10 - Apresentação de reisado na Virada Cultural.**



Fonte: Acervo Arte e Tradição e Terreiro Capoeira.

A relação estabelecida pelas/os mestras/es através da palavra proferida e o fazer apresentado no terreiro, nos fez perceber que a cosmovisão africana estava sendo requerida naquele exato momento, pois “uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais [...]” (VANSINA, 2010, p. 139-140).

Dentro desse contexto afrodescendente, e compreendendo que “os conhecimentos são guardados nas paredes da memória individual e coletiva dos sujeitos” (NUNES, 2011, p. 8), foi interessante e prazeroso entender a oralidade como um aspecto educacional se evidenciando através das tradições, da capoeira e de outras manifestações culturais ocorridas durante o evento. Mesmo porque, “este conhecimento, que advém das experiências vivenciadas, se constrói no espaço da convivência com o outro, da relação com a história e a cultura daquela comunidade (NUNES, 2011, p. 8).

Contudo, podemos perceber em nossa observação participante aspectos relacionados a oralidade, a ancestralidade e a educação. Para nós, ficou evidente que a condução do grupo focal seria por meio de uma ginga que buscasse reflexões sobre esses três aspectos, além da reflexão sobre a capoeira e sua influência enquanto uma cultura afrodescendente brasileira.

Desse modo, após a compreensão da Terreirada no Cariri enquanto lugar produtor e transmissor de saberes, o passo seguinte foi a aplicação de um grupo focal, motivado pela compreensão de que “[...] sua adoção atende invariavelmente ao objetivo de apreender percepções, opiniões e sentimentos frente a um tema determinado num ambiente de interação” TRAD. (2009) se constituindo em,

uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado. (MELO; ARAÚJO, 2010, p. 3).

A escolha foi motivada pela necessidade em compreender a capoeira enquanto uma prática cultural educativa da forma mais abrangente possível, com certa rapidez e sem muitos recursos financeiros disponíveis, mas, principalmente pela importância em dar voz as/aos mestras/es respeitando assim o princípio da oralidade, pois elas/es são as/os detentoras/es do conhecimento sobre a capoeira em seu aspecto educacional, histórico, social e cultural, uma vez que,

A palavra, nas sociedades tradicionais africanas, tem uma importância fundamental, pois é através dela que se dá a transmissão da visão de mundo. A palavra é dotada de teor sagrado, tem poder de criação, modifica a história do cotidiano e ainda, possibilita a contestação, a dúvida, a troca de ideias e a transmissão de conhecimentos (NUNES, 2011, p. 45).

Dessa forma, a escolha das mestras/es participantes ocorreu a partir de um critério de seleção que levou em conta a atuação das/os mesmas/os no ensino de crianças e jovens em faixa etária escolar e a disponibilidade de tempo para a participação. Assim, chegamos a um grupo formado por 06 mestras/es em plena atividade educativa na capoeira.

O grupo focal ocorreu no mês de janeiro de 2020, no sítio Santo Antônio de Arajara. A definição do local foi realizada pelo critério de aceitação das/os participantes, onde as/os mesmas/os o escolheram, por se tratar de um local de fácil acesso e por ser agradável à realização da atividade de pesquisa.

Na execução do grupo focal, realizamos uma explanação sobre como a cultura africana e afrodescendente foi relevante a formação cultural brasileira e que a capoeira é uma rica manifestação dessa cultura, para dessa forma, adentrarmos no roteiro de perguntas geradoras que indagou sobre o que é a capoeira; se é luta, é jogo, é dança, é cultura; sobre a influência da cultura afrodescendente na capoeira; a ancestralidade e a oralidade, para assim, chegar nas

reflexões sobre como ocorrem os ensinamentos e os aprendizados de capoeira e a suas contribuições à educação, de modo a tentar mostrar como e em quais aspectos ela pode contribuir.

**Figura 11 - Realização do Grupo Focal.**



Fonte: Acervo Arte e Tradição e Terreiro Capoeira.

Por respeito e comprometimento ético, achamos por bem retirar dessa pesquisa o depoimento de uma/um das/os mestras/es convidadas/os, pois percebemos que ela/ele não se sentiu à vontade em falar sobre as questões relacionadas as africanidades na capoeira.

Entretanto, as percepções, opiniões e sentimentos expostos a partir do grupo focal nos permitiu conhecer o amplo conteúdo produzido pela capoeira, através da visão e prática pessoal das/os mestras/es participantes, nos guiando quanto a compreensão das potencialidades e possibilidades educacionais da Manifestação Cultural Afrodescendente Brasileira capoeira, uma vez que;

[...] as pesquisas no campo educacional clamam por metodologias que lancem olhares mais qualitativos, humanos, sensíveis, criativos, éticos e estéticos sobre os fenômenos científicos. Sob tal ângulo, as investigações precisam ser orientadas por métodos que se aventurem a desvelar os significados e os sentidos entranhados nas práticas sociais. Inevitavelmente, os sentidos e as significações acerca da realidade e suas variadas manifestações só podem ser expressos pelos seres humanos. São eles que, nos mais diferentes contextos, constroem, reconstroem, pensam e repensam o mundo, tornando-o inteligível e partilhando-o por meio da linguagem. (RODRIGUES, 2016, p. 67).

Em nossa proposta, consideramos a vivência e a experiência dos participantes do grupo focal como fonte de conhecimento. Para nós algo de muita relevância, pois são as/os mestras/es que estão na ponta conduzindo seus treinamentos, vivenciando o ensino e a aprendizagem em seu dia a dia. Fator preponderante, do qual possibilitou as descobertas em relação a capoeira e suas potencialidades para com a educação.

Em vista disso, na aplicação do grupo focal tomamos o cuidado em organizar tópicos condutores sobre as questões que buscávamos, com o intuito de organizar as falas e facilitar a interação entre as/os participantes.

Esses tópicos versaram sobre como as/os mestras/es definiam a capoeira; sobre como elas/es viam e trabalhavam as influências da cultura afrodescendente na capoeira; sobre a ancestralidade em suas práticas e vivências cotidianas e sobre a oralidade enquanto meio transmissor de conhecimentos.

Toda essa ginga, nos levava ao jogo de reflexões sobre como elas/es realizavam o ensino e a aprendizagem da capoeira, para que assim, pudéssemos chegar em nossa busca: Qual a contribuição da capoeira, enquanto uma Manifestação Cultural Brasileira Afrodescendente, na educação?

As falas apresentadas no grupo focal, nos levaram a compreender seus objetivos enquanto mestras/es de capoeira para com suas/seus alunas/os, pois, “nas escolas a gente trabalha com a intenção de que seja bons alunos, e que usem o amor que ele tem pela capoeira pra que ele se desenvolva melhor em sala de aula” (MESTRE PEQUENO, 2020).

Assim, na elaboração da nossa pesquisa buscamos a oralidade como um caminho metodológico, por intermédio da observação participante e do grupo focal, que nos fizeram dialogar com as fontes bibliográficas da capoeira, africanidades e afrodescendência, da educação, da história e da sociologia, de tal modo, que possibilitaram o diálogo com os grupos, a comunidade e com as pessoas protagonistas do ensino da capoeira.

Como frutos da pesquisa, produzimos esta dissertação e um produto pedagógico elaborado com o intuito de potencializar e fortalecer a utilização da capoeira, enquanto manifestação cultural brasileira, na educação, seja ela formal ou não.

Acreditamos que os produtos concebidos, terão significativa relevância enquanto material educativo e de pesquisa, podendo ser utilizados em sala de aula ou nas atividades de capoeira existentes nas escolas como conteúdo incentivador à aplicação da lei 10639/03, assim como, nos lugares onde acontecem as vivências da capoeira; academias, terreiros, barracões e demais espaços, proporcionando o conhecimento sobre as africanidades, a

preservação de nosso patrimônio imaterial cultural brasileiro, inculcando o respeito as diversidades, para assim, possibilitar a/ao aluna/o se reconhecer enquanto afrodescendente brasileiro.

### **3 A MANIFESTAÇÃO DA CULTURA AFRODESCENDENTE BRASILEIRA CAPOEIRA: GINGANDO EM SUA BUSCA NA HISTÓRIA DO CARIRI CEARENSE**

Acreditamos na importância de uma reflexão sobre o Cariri cearense para nossa compreensão sobre a relação da capoeira com as outras manifestações da cultura afrodescendente da região. Em vista disso, este capítulo será dedicado ao Cariri e a capoeira cearense, visando a compreensão histórica e social dentro desse contexto das afrodescendências.

Pela temática e foco do trabalho, temos consciência de que a pesquisa não esgotará o assunto e talvez não consigamos elucidar as lacunas sobre a capoeira e a sua relação com cultura da região.

Porém, é certo que a pesquisa provocará o surgimento de outros questionamentos, mas, mesmo assim, não poderíamos esquivar<sup>26</sup> de uma reflexão sobre o tema, pois é importante para nós, enquanto capoeiristas e professoras/es da educação básica, provocar reflexões históricas, supor e indagar a existência da capoeira a partir do Olhar de Capoeirista.

#### **3.1 GINGANDO PELO CARIRI CEARENSE**

A região do Cariri cearense fica localizada ao sul do estado do Ceará, com distância média de 560km da capital Fortaleza. É uma região formada por 29 municípios e faz divisa com os estados de Pernambuco, Piauí e Paraíba. As cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, são as principais cidades da Região Metropolitana do Cariri<sup>27</sup>.

É uma região marcada culturalmente pela relação com os estados Nordestinos. Geograficamente, sempre foi uma importante área de fluxos migratórios para o território correspondente ao Ceará, se destacando hoje por ter um forte potencial científico e econômico em diversas áreas, dentre elas a de prestação de serviços, do comércio, da indústria, educação e do turismo - religioso, cultural, de negócios, científico e ecológico.

Sua ocupação ocorre no período conhecido como civilização do couro, termo criado pelo historiador cearense João Capistrano de Abreu para denominar a formação cultural

---

<sup>26</sup> Esquivar na linguagem capoeirística é um movimento corporal que busca fugir do ataque.

<sup>27</sup> Essa região metropolitana é composta por nove municípios: Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Jardim, Missão Velha, Caririaçu, Farias Brito, Nova Olinda e Santana do Cariri. A Região Metropolitana do Cariri possui uma área total de 5.456,01 Km<sup>2</sup> (IBGE, 2010).

sertaneja, sendo esta resultado da miscigenação entre negros, índios e brancos. (CARDOSO; LOPES, 2015). No entanto,

a ocupação formal do Cariri cearense está inserida no processo de ocupação do semiárido nordestino, a partir da doação de sesmarias no início do século XVII, para difusão da pecuária, atividade complementar da economia canavieira do litoral. (SILVA, 2009, p. 30).

A implementação das atividades econômicas fizera com que a região se estabelecesse como uma rota de passagem que liga o sertão ao litoral. Assim, os fluxos migratórios vieram a produzir um lugar com rica e diferenciada cultura, com uma religiosidade vinculada ao catolicismo popular, principalmente pela figura de Padre Cícero Romão Batista<sup>28</sup> e as religiões de matrizes africanas.

Além disso, a região abriga a FLONA - Floresta Nacional do Araripe, fonte de uma rica diversidade representada pelas condições; hídricas, biológicas, geológicas, paleontológicas e arqueológicas.

Segundo Pinheiro (2010, p. 311), até o século XVII o Cariri era habitado pelos povos originários Kariris, que sofreram perseguições e massacre por parte dos colonizadores. Pois, “como em todo Brasil, perseguiram os povoadores o indígena, caçaram-no à bala, implacavelmente, expeliram-no de suas pátrias [...]”.

As legitimações da posse de terras ocorridas por meio de sesmarias<sup>29</sup>, favoreceram a chegada de colonizadores ao sul do Ceará. Estes, Procedentes principalmente dos estados da Bahia e de Pernambuco, cuja ação de violência na apropriação do território resultou na matança, aculturação e etnocídio dos nativos da região, na efetivação do poder político e exploração econômica pela agricultura, mineração e pecuária.

Se no segundo e terceiro anos do século XVIII, como se viu alcançaram no Cariri, cartas de sesmarias os Lobatos, Ariosa, Bento Correia de Lima e João Dantas Aranha, pode quase garantir-se que nos fins do século XVII calcaram pés de brancos o extremo-sul cearense.

Costumavam os colonizadores, no Brasil, penetrar o sertão bruto e desconhecido, de trabuco na mão, à cata de ouro, pedras preciosas, campos de criar, compor-se com os

---

<sup>28</sup> Nascido em 1844 em Crato-Ce, Pe. Cícero foi o padre, o fundador e o primeiro prefeito da cidade de Juazeiro do Norte. Teve notoriedade quando ocorreu o que ficou conhecido como o Milagre de Juazeiro. Ao dar a hóstia consagrada uma beata de nome Maria de Araújo a mesma se transformara em sangue em sua boca. A partir disso, milhares de pessoas dos mais variados lugares passaram a vir na cidade de Juazeiro do Norte através de romarias, em busca de conforto espiritual e melhoria de vida.

<sup>29</sup> Eram partes de terras doadas pelo governo português aos novos povoadores, com o objetivo de ocupar e produzir nas chamadas novas terras.

nossos silvícolas, ou guerreá-los, apossar-se de longos tratos de terra, e só então legalizar suas conquistas por meio de documentos. Era, portanto, assim, a progressão: posse, construção de roças e currais, arroteamento de terrenos, documento legal (PINHEIRO, 2010, p. 19).

É certo que a ocupação de novas terras em busca do ouro, criação de gado, cultivo da cana de açúcar e outras atividades agrícolas foram responsáveis pela expulsão, morte e cooptação dos nativos, e dessa forma, por um novo povoamento na região.

Apesar de o autor nos mostrar a matança realizada na ocupação do território caririense, é provável que muitas dessas pessoas tenham sido escravizadas e outras conseguiram escapar se escondendo na FLONA - Floresta Nacional do Araripe, fato constatado pela existência de uma comunidade remanescente dos Kariris na localidade de Poço Dantas em Crato – CE.

Desse modo, este novo povoamento ocorre através dos nativos dominados e possivelmente escravizados, bem como com a inserção de mão de obra africana e ou afrodescendente para o trabalho demandado pelas minas, fazendas de gado e engenhos que vieram a surgir a partir de então. Pois, “a busca por ouro em meados do século XVIII apenas fez com que se acentuassem ainda mais o fluxo populacional, com a diferença de uma considerável entrada de *escravizados* africanos” (CORTEZ & IRFFI, 2011, p. 4, grifo nosso).

Após sua invasão, mediada pela lógica do capital, o Cariri cearense seguiu o mesmo modelo econômico estabelecido no país, onde a atividade de produção se baseava no cultivo da cana de açúcar e outras culturas, na criação de animais, em especial o bovino, e em busca de metais preciosos.

A população africana e afrodescendente foi sendo introduzida no Cariri a partir de sua ocupação e das demandas econômicas locais pois, “os *escravizados* trabalhavam, principalmente, na lavoura e nos serviços domésticos, mas eram também artesãos (costureiras, fiandeiros, pedreiros e carpinas), vaqueiros, lavadeiras e engomadeiras” (BARROSO, 2009. p. 21, grifo nosso).

Se faz importante voltar ao tempo para observar, que no início do século XVII acontece o que Schwartz (2018, p. 230) vai chamar de “transição para uma maioria africana no nordeste brasileiro”. Essa transição ocorre em decorrência da expansão do mercado açucareiro, e da resistência empregada pelo indígena que não se enxergava trabalhando forçadamente em determinadas funções e assim, fazendo com que a produção do açúcar fosse bem menor do que o esperado pelos portugueses.

Dessa forma, a mão de obra especializada ficou a cargo das/os africanas/os pois,



Os portugueses, que já tinham longa experiência com os africanos e suas habilidades em Portugal e na ilha da Madeira, tenderam a empregá-los no Brasil, de início, principalmente como mão de obra qualificada. Muitos dos primeiros africanos, provenientes de sociedades habituadas à pecuária, a sistemas agrícolas complexos, à metalurgia e outras atividades qualificadas, eram treinados como oficiais no processo de fabricação do açúcar [...] (SCHWARTZ, 2018, p. 230).

No entanto, o Cariri cearense veio a ser ocupado, como aponta Pinheiro (2010), a partir do início do século XVIII, época em que a mão de obra nas fazendas do nordeste brasileiro era africana ou afrodescendente. Como se percebe, Schwartz (2018) nos afirma que as sociedades africanas eram sociedades agrícolas, com atividades relacionadas ao campo, dentre elas a pecuária, e a metalurgia.

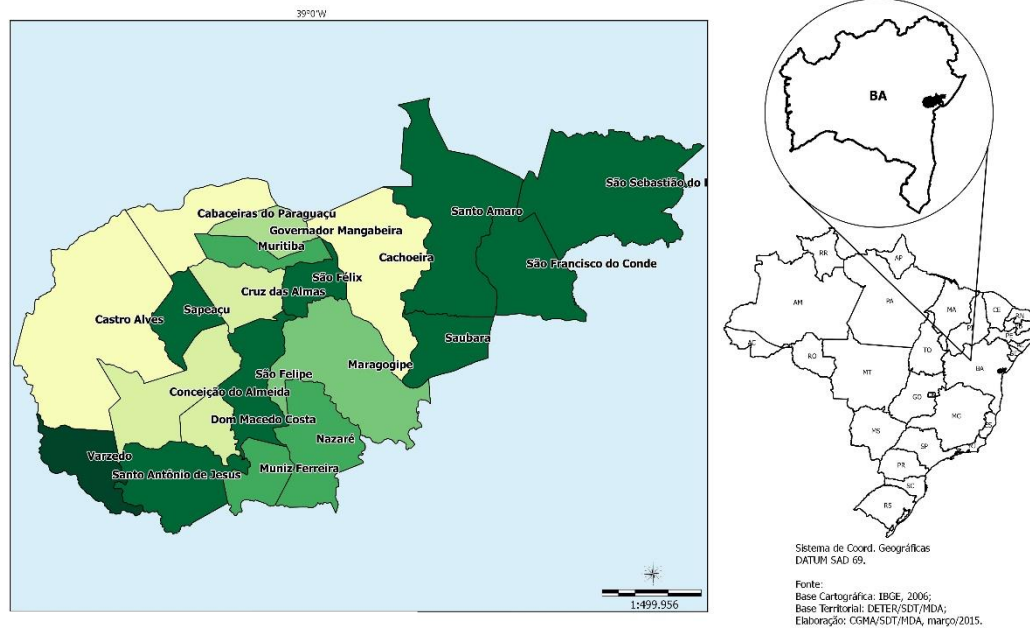
Seguindo a ginga em Efemérides do Cariri (2010), Irineu Pinheiro nos assegura vir fixar residência na cidade de Crato-CE pessoas oriundas de 05 cidades baianas, sendo elas: a capital do estado, duas da região Vale do São Francisco e outras duas da região do Recôncavo baiano.

Contados a dedo, pode dizer-se, pelo padre Antônio Gomes de Araújo, em livros da Cúria cratense, de batizados e casamentos, chegaram ao cariri, no século XVIII, quase 500 baianos, de Pambu, Geremoabo, Santo Amaro, Chachoeira, S. Salvador, etc., fixaram-se em nosso afamado vale e povoaram a terra (PINHEIRO, 2010, p. 24).

A vinda africanas/os ou afrodescendentes ao Cariri cearense se fez imprescindível a sua ocupação e povoamento uma vez que, para a mão de obra nas fazendas, eram necessárias pessoas que soubessem lidar com os engenhos, as plantações e a criação de animais.

O Recôncavo baiano é uma região no estado da Bahia composto por 20 cidades das quais formam a baía de todos os santos. Esta, tem grande importância econômica, cultural e histórica, pois abrigava várias fazendas e engenhos exportadores de açúcar e tabaco, concentrado a grande maioria de pessoas escravizadas no estado da Bahia.

**Figura 12 - Mapa do Recôncavo baiano.**



Fonte: IBGE (2015).

A informação nos apresentada por Pinheiro (2010) parece ser pouco relevante, principalmente se nos apegarmos somente ao fato da vinda de baianos ao cariri cearense para fixar moradia.

Porém, em se tratando sobre a existência de capoeira na região, essa informação nos permite fazer esta associação pois, o autor afirma a vinda de pessoas de Salvador, considerada a principal cidade brasileira quanto a existência da capoeira, e de cidades do Recôncavo, região em que se atribui o surgimento da capoeira baiana, bem como o samba de roda e o batuque.

Mestre Bimba<sup>30</sup> assegurava que “os negros, sim eram de Angola, mas a Capoeira é de Cachoeira, Santo Amaro e Ilha de Maré, camarado!” (ABREU, 2017, p. 77).

Para o Recôncavo também se requer as origens do samba-de-roda, do samba-de-pandeiro e viola, e de tantos outros tipos de samba. Do batuque luta, do maculelê e de outras manifestações da cultura afro-baiana. Todas elas com interfaces com a capoeira (ABREU, 2017, p. 77).

<sup>30</sup> Manoel dos Reis Machado. Um dos mais importantes capoeiristas do Brasil. Foi o criador da Luta Regional Baiana a Capoeira Regional.

Por certo, ainda não podemos afirmar a existência da capoeira entre as/os baianas/os citadas/os por Pinheiro (2010) chegados ao Crato. Porém, dada a relação estabelecida, levanta-se a hipótese desta a vinda, uma vez que, o Recôncavo baiano é o berço da capoeira e de várias manifestações afrodescendentes da Bahia.

Essa possibilidade se torna plausível pelo fato de o autor não especificar quem são esses, “cerca de 500 baianos” que vieram para o Crato, nem tampouco quantos vieram de Salvador ou de Cachoeira e Santo Amaro, ambas cidades do Recôncavo baiano.

Em nosso grupo focal, as/os mestras/es do Cariri não apresentaram questões relacionadas a esse fato, mesmo porque elas/es se mantiveram numa reflexão sobre a capoeira que elas/es praticam e dessa forma, um olhar mais contemporâneo sobre nossa Manifestação Cultural Afrodescendente.

Corroborando com as ideias até aqui apresentadas, vamos gingando ao século seguinte onde encontramos nos estudos de Nunes (2010) essa mesma possibilidade. Através da obra de Pinheiro (1950), a pesquisadora caririense nos traz um indício da possível existência de capoeiristas na região. Seus estudos apontam que quando pessoas escravizadas fugiam, anúncios eram publicados no Jornal O Araripe, antigo jornal da cidade de Crato-CE.

[...] O autor registra ainda que no semanário “O Araripe” era comum encontrarem-se anúncios de escravizados fugidos, onde se oferecia sempre boas recompensas a quem os capturassem, além de trazer as características físicas e morais dos escravizados [...] (*apud* NUNES, 2010, p. 90).

A busca pela liberdade, sobrevivência e uma melhor condição de vida produziam as fugas das/os escravizadas/os, estas/es por sua vez, planejavam estratégias para possíveis combates, possíveis esconderijos e formas de se passarem por pessoas livres.

Muitas dessas pessoas procuravam os centros urbanos, afim de se misturarem ao cotidiano das vilas ou cidades e assim, passarem despercebidos quanto a sua condição de fugitiva/o. (ALVES, 2010).

Abrimos aqui, um parêntese para destacar que estudos de Areias (1983), Pires (2004), Oliveira e Leal (2009), Campos (2009), Soares (2004), Sodré (2002), Beltrão (2011) e outras/os pesquisadoras/es que se debruçam sobre a capoeira, mostram ser justamente nessas condições, de luta pela sobrevivência nos centros e subúrbios das cidades, que vamos ter evidenciada a capoeira nos centros urbanos, principalmente, em Recife, Salvador e Rio de Janeiro.

Voltando ao nosso raciocínio, embora existisse a/o afrodescendente livre no Cariri Cearense do século XIX, a/o escravizada/o se fazia necessária/o pois, muitas das pessoas livres não se dispunham a realizar certos trabalhos. Assim, ao analisar o periódico O Araripe, Alves (2010, p. 138) conclui que:

a escravidão foi tida como um fator estrutural da economia local tornando-se “necessária” para assegurar o mínimo de produção, desenvolvimento e crescimento econômico, uma vez que as dificuldades para contratação e aluguel de trabalhadores livres era algo complexo na região, sendo imprescindível, conforme o periódico, a organização dessa mão-de-obra, que apesar de ser em maior quantidade que a cativa não apresentava ainda condições “psicossociais” que estimulassem seu emprego em atividades produtivas.

Na época, esses tipos de periódicos eram importantes fontes de informações sobre as fugas e comercialização de pessoas escravizadas. Dessa forma, os fazendeiros se utilizavam desse recurso para que lograssem êxito na captura ou comercialização das/os mesmas/os.

O contexto histórico e social da formação da região do Cariri, está de fato ligado ao uso da mão de obra africana ou afrodescendente, seja ela escravizada ou livre. Portanto, não se fazem necessários maiores estudos para percebermos as afrodescendências no Cariri cearense, uma vez que:

Os antigos estabelecimentos rurais se desenvolveram no Cariri e no Nordeste, de forma geral, dando origem a evolução dos núcleos urbanos no semiárido. A projeção urbana em áreas correspondentes aos antigos sítios e fazendas não aboliu as características socioculturais marcadas por valores sociais agrários, patriarcal, que continuou a ser exercida no cotidiano dos povoados, vilas e cidades (SILVA, 2013, p. 134-135).

Todavia, temos estudos que apontam uma forte ocupação de população afrodescendente no Cariri. Nos conta Cândido (2018) que no ano de 1823, quando o poder no Ceará estava recrutando forçadamente pessoas para ajudar na luta da independência cearense, existiu um levante no Cariri formado por esta população.

No Crato, a então mais populosa vila da província, e de onde esperava-se o recrutamento dos maiores contingentes de soldados, deu-se um verdadeiro levante “de homens pardos e pretos de que abundam aqueles lugares”. Filgueiras e Tristão de Alencar, em ofício, informavam haver ali “mais de 2000 cabras em armas e prontos a praticar as maiores hostilidades, tendo já perpetrado roubos e dispostos a instalar um governo a seu molde”. Aquele que foi qualificado como um “estado anárquico” constituiu-se em problema de grandes dimensões, a ponto de um conselho militar composto pelos “oficiais de estado maior do exército” ter sido convocado para deliberar sobre a crise. Decidiu-se então que a expedição só partiria para o Piauí após a prisão dos cabeças da sedição, medida julgada indispensável para

fazer os “povos flutuantes iludidos das vilas” de Jardim, Lavras e Crato entrarem “nos seus deveres de subordinação” (CÂNDIDO, 2018, p. 203).

Como percebemos, José Pereira Filgueiras e Tristão Alencar, chefes da junta militar que seria composta ao longo da expedição pelo estado, encontraram no último ponto recrutamento do estado, a cidade de Crato, um levante composto por pretos e pardos, o que corresponde para nós a africanas/os e afrodescendentes.

O pesquisador cearense Alex Ratts (2016, p. 10) baseado em seus estudos antropológicos, também afirma ser o Cariri cearense um lugar de afrodescendentes.

Como apontavam os folcloristas e antropólogos dos anos 1950, o sul do Ceará, particularmente o Cariri é uma área de concentração negra, com antigos engenhos, canaviais e com a atual presença de reisados, quilombos, grupos do movimento negro e terreiros de religiões de matriz africana.

Continuando nossas buscas encontramos nas pesquisas de Santos e Cunha Junior (2017) informações mais contundentes a esse respeito nos mostrando que, ao analisarem as comunidades quilombolas cearenses em busca da ressignificação das práticas educacionais de uma escola quilombola caririense,

a região do Cariri é um território negro quilombola, com vinte seis comunidades negras sem certificação e seis certificadas, sendo elas: Potengi, com Sítio Carcará; Porteiras, com Souza; Salitre, com Serra dos Chagas, Renascer Lagoa dos Criolos; Nossa Senhora das Graças do Sítio Arapuca e Araripe, com a comunidade quilombola Sítio Arruda. Esta última, no dia 15 de dezembro de 2015 recebeu o título de regularização do território, a primeira do estado a ter suas terras regulamentadas pelo INCRA (SANTOS; CUNHA JUNIOR, 2017, p. 7).

Como afirmam as/os autoras/es “o Cariri é terra de quilombo” (SANTOS; CUNHA JUNIOR, 2017, p. 7), coincidência ou não existe um ritmo musical tocado nos reisados caririenses, chamado de quilombo.

Fazendo um recorte especificamente a Juazeiro do Norte, principal centro econômico do Cariri, vamos encontrar em Neto (2009, p. 48-50), outros indícios sobre a presença africana na região, bem como a possibilidade de existência da capoeira.

Foi um neto do brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, o padre Pedro Riberio da Silva, sacerdote ordenado pelo Seminário de Olinda, quem lançou em 1827 a pedra fundamental da histórica capelinha dedicada à Nossa Senhora das Dores, cuja imagem de madeira fora mandada trazer diretamente de Portugal. A capela fazia companhia às outras poucas edificações da fazenda: a casa principal, a senzala, a casa de farinha e – como era comum a todas as grandes propriedades do vale do Cariri – o engenho para moer cana e fabricar rapadura, então base da economia local. Em torno desse núcleo primitivo, nasceu a acanhada povoação do Juazeiro.

Sendo evidente a existência de uma senzala<sup>31</sup> na então Fazenda Tabuleiro Grande a informação nos assegura a utilização de mão de obra escravizada seja nos afazeres domésticos ou na fabricação de farinha ou rapadura.

Da mesma forma, temos na cidade de Barbalha – CE, a igreja do Rosário dos Pretos, templo religioso construído especificamente para as pessoas afrodescendentes, pois elas eram proibidas de assistir as missas nas igrejas das “pessoas brancas”. Como nos mostra Silva (2009, p. 37),

A ata da Benção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Barbalha, datada no dia 2 de fevereiro de 1922, faz referência à participação da cultura africana no universo cultural do município, descrevendo os rituais das celebrações das Festas dos Reis de Congo, promovidas pelos negros da Irmandade do Rosário. Considerando a exclusão socio-religiosa imposta pelo catolicismo, essa manifestação cultural se realizava na perspectiva de arrecadação de recursos para a construção de um templo, específico para eles, consagrado a Nossa Senhora do Rosário, cujas as obras, foram iniciadas em 1860.

Assim, as pessoas afrodescendentes da cidade de Barbalha, só tiveram o direito de frequentar um templo religioso sessenta dois anos após o início da construção de uma igreja específica a elas. Praticamente uma vida. O pesquisador nos mostra a Festa de Reis de Congos, como principal fonte de renda a construção da igreja, como também evidencia a importância da referida manifestação cultural afrodescendente para a cidade de Barbalha – CE.

No mesmo período, fora construído em Barbalha por meio de mão-de-obra escravizada, a casa do comerciante Antônio Manoel de Sampaio da qual teve como modelo os sobrados de Recife – PE. Situada na rua da Matriz nº 21, este sobrado foi tombado pelo decreto estadual Nº 16.237 de 30/11/83, e veio a se tornar o Casarão Hotel. Hoje a edificação abriga a Secretaria de Cultura do município.

Como se percebe, o Cariri cearense mantinha uma estreita relação com o estado de Pernambuco pois,

No início daquele século, a capitania do Ceará recebia muita influência da capitania de Pernambuco da qual tinha sido subordinada até 1799. Não obstante, o Ceará estava ligado ao Pernambuco por fortes relações comerciais e familiares (LEITE, 2013, p. 1).

---

<sup>31</sup> Segundo o Dicio - Dicionário Online de Português. Trata-se de um substantivo feminino: habitação usada como alojamento para *as/os escravizadas/os* negros, trazidos ao Brasil, durante o período de *escravização*. (grifo nosso). disponível em: <https://www.dicio.com.br/senzala/>

Compreendendo as relações comerciais existentes entre o Cariri cearense e o estado de Pernambuco, pode - se dizer que a grande maioria das pessoas escravizadas da região eram “mercadorias” vindas de fazendas pernambucanas ou diretamente do porto de Recife – PE.

Lançando o olhar para a cidade de Recife – PE, vamos identificar a existência de uma violenta capoeira, ligada as Bandas Musicais e ao Frevo, como segue:

Seções dispostas nos jornais de época refletiam a resistência e o panorama da capoeiragem do sec. XIX, capoeiras eram comparados a inclusos nas seções da polícia juntamente com os maiores desordeiros, figuras com problemas mentais e indivíduos que feriam a ordem social. Destaques nas manchetes jornalísticas dispunham já a presença dos capoeiras pelas rodas da sociedade e estampando os carnavais de Recife (BELTRÃO, 2011, p. 24).

Em suas pesquisas, Beltrão (2011) nos apresenta os jornais Pernambucanos trazendo matérias que mostravam a capoeira na cidade, das quais evidenciavam a violência ocorrida na cidade, principalmente nos períodos carnavalescos.

Mas voltando ao contexto de Juazeiro do Norte, a fazenda Tabuleiro Grande se tornaria a vila Joazeiro, lugarejo que era habitado por uma população estimada de 400 pessoas que moravam em 80 casas de taipa com cobertura de palha. Também conhecido como um lugar de “desordeiros e beberrões” (NETO, 2009, p. 48) e que servia como lugar de descanso aos caixeiros–viajantes, vaqueiros e outras pessoas a caminho do Crato. No lugar, ocorriam arruaças e brigas que geravam várias mortes a faca ou cacete (NETO, 2009).

Segundo Melo (2004), existiam rodas de samba e prática de cultos de influência africana em Joazeiro, assim, Padre Cícero Romão Batista quando chegou à vila, tratou de controlar as brigas e apaziguar os ânimos dos moradores, acabando pessoalmente com os folguedos e sambas, “pois acreditava que os batuques herdados dos negros deviam ter parte com o satanás” (NETO, 2009, p. 50).

Desse modo, as informações nos permitem afirmar que havia no Cariri cearense uma população afrodescendente mista, composta por seres humanos escravizados e livres.

Na década de 1890 a vila Joazeiro foi surpreendida pelo fenômeno que ficou conhecido como O Milagre de Juazeiro. Em 1889, Padre Cícero ao administrar a eucaristia, entregando a hóstia para a afrodescendente Beata Maria de Araújo, a viu se transformar em sangue. Esse fenômeno ocorreu por várias vezes e apenas com a mesma Beata.

O caso foi divulgado pelo Brasil, em especial na região Nordeste e a partir desse fenômeno a vila passou a atrair romeiras/os, espiritualmente identificados com os fatos ocorridos, na maior parte de características étnicas de afrodescendentes, que vinham em busca

de cura ou de uma melhor condição de vida no lugar que passou a ser chamado “terra santa<sup>32</sup>”.

A maioria da população que deu origem ao município era formada por indivíduos miseráveis, perseguidos por questões de posse da terra, ex-cangaceiros, ex-“mulheres da vida”, “sem-terras”, retirantes das grandes secas que assolaram o Nordeste no início do século XX e portadores de doenças crônicas que no Joazeiro do Padre Cícero buscavam aconselhamento, refúgio, redenção e melhoria de condições de vida e de trabalho. Muitos desses indivíduos vinham originalmente em romaria (CORDEIRO, 2010, p. 108-109).

Convém lembrar que, em março de 1884 foi decretada pela oficialidade histórica, abolição da escravidão no estado do Ceará, e em 1888 no Brasil, de aceitação resistida pelos movimentos identitários. Estas pessoas libertas, não tinham para onde ir, assim, muitas ficaram nas fazendas e acabavam por trabalhar apenas pela comida.

Essa população, agora liberta, ficou excluída dos novos processos de absolvição do trabalho, sobretudo após a industrialização e o espírito de modernidade idealizado pelo regime republicano, intensificando desse modo, a ocupação de áreas periféricas das cidades.

Desse modo, pelas notícias que corriam na região nordestina; pela proximidade geográfica e pela esperança de uma melhor condição de vida, é evidentemente possível a existência de migrações para o Cariri cearense, feitas por pessoas que haviam sido libertas da escravização nas fazendas nordestinas.

Compreendendo a relação política e social existente entre o Cariri cearense e o estado de Pernambuco, nos cabe nesse momento voltar um pouco na história para uma ginga sobre o tráfico de pessoas nesse século, onde:

Mesmo com a Lei anti-tráfico de 1831 no Brasil, o comércio transatlântico de africanos escravizados continuou, ilegalmente, alimentando a sociedade escravista recifense até 1850. A Lei de 1831 “tivera um efeito mais contundente, porém efêmero.” Em meados de 1830, o negócio de Luanda (no Norte de Angola) para o Brasil, por exemplo, foi retomado com toda força; a partir de então com acesso mais fácil a escravos, por causa da descentralização das fontes de fornecimento. Só para se ter uma idéia, de 1837 a 1841, em cálculos conservadores, estima-se que desembarcaram cerca de 205.500 cativos no Brasil, sendo cerca de 28 mil em Pernambuco, mais de 90% proveniente do Centro-Oeste Africano, com destaque para Angola. A segunda Lei anti-tráfico em 1850 extinguiu de vez o tráfico negreiro, promovendo uma mudança substancial na cidade: a diminuição da proporção dos escravos, por ter eliminado sua principal fonte de renovação (LIMA, 2019, p. 192).

Essa ginga nos faz perceber a significativa quantidade de pessoas criminosamente traficadas com destino a Pernambuco. Para termos uma ideia do que representou a quantidade

---

<sup>32</sup> Terra santa é um termo usado por romeiras/’os para designar a cidade de Juazeiro do Norte - CE



de pessoas escravizadas nesse período descrito, vamos observar os dados do portal população.net.br, como comparativo, do qual apresenta através do censo de 2010, uma população de 17.859 habitantes no bairro João Cabral, um dos maiores bairros afrodescendentes da periferia de Juazeiro do Norte – CE.

Se tomarmos por base a capital pernambucana em relação a Juazeiro do Norte, isso nos demonstra que a cerca de 600km de distância do Cariri cearense a quantidade de africanas/os vindas, nessa época, através do escravismo criminoso foi muito maior do que a população de um dos bairros mais populosos da cidade de Juazeiro do Norte – CE na atualidade.

**Figura 13 - Mapa do bairro João Cabral - Juazeiro do Norte – CE.**



Fonte: Google Maps.

Com aproximadamente 40 anos após o acontecimento acima relatado, e dois anos após a Lei Áurea<sup>33</sup>, surge outra questão interessante a respeito deste período. É o fato de a capoeira ter sido proibida e legalmente perseguida a partir de 1890, com a criação do Código Penal da República que trazia em seus artigos 402, 403 e 404<sup>34</sup> a criminalização de sua prática. (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

<sup>33</sup> Refere-se a Lei nº 3.353 sancionada pela Princesa Dona Isabel no dia 13 de maio de 1888. A lei concedeu liberdade as pessoas escravizadas no Brasil.

<sup>34</sup> DECRETO Nº 847, DE 11 DE OUTUBRO DE 1890  
CAPITULO XIII, DOS VADIOS E CAPOEIRAS

Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão

Mesmo antes da lei, a prática da capoeira era combatida, por meio de prisões aos capoeiristas, nas principais cidades do Império brasileiro. Em nossas gingas na história da capoeira, vamos encontrar nas pesquisas de Carlos Eugênio Líbano Soares, um dos maiores historiadores do assunto no país, uma minuciosa busca em registros da Casa de Detenção do Rio de Janeiro.

Nesta busca, o historiador consegue mapear a origem de capoeiristas presos no período compreendido de 1881 a 1890, realizando uma tabela de fácil compreensão.

**Figura 14 - Tabela contida no artigo A Capoeiragem Baiana na Corte Imperial (1863-1890) de Carlos Eugênio Líbano Soares.**

Tabela 1  
Distribuição segundo a origem dos capoeiras detidos na Casa de Detenção do Rio de Janeiro. 1881-1890

Origem	Número	%
Bahia	112	5,6
Minas Gerais	39	1,9
Pernambuco	70	3,5
Piauí	14	0,7
Santa Catarina	16	0,8
Rio Grande do Norte	9	0,4
Rio Grande do Sul	38	1,9
São Paulo	63	3,1
Maranhão	35	1,7
Ceará	37	1,8
Pará	10	0,5
Alagoas	11	0,5
Sergipe	9	0,4
Paraíba	13	0,6
Paraná	5	0,2
Mato Grosso	2	0,1
Amazonas	2	0,1
Espírito Santo	9	0,4
Província do Rio	338	17,0
Corte	1146	57,9

Fonte: Revista Afro-Ásia, Número 21,22. (1998-1999), p. 147.

corporal, provocando tumultos ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal:

Pena - de prisão celllular por dous a seis mezes.

Parapho unico. E' considerado circunstancia aggravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta.

Aos chefes, ou cabeças, se imporá a pena em dobro.

Art. 403. No caso de reincidencia, será applicada ao capoeira, no gráo máximo, a pena do art. 400.

Parapho unico. Si for estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

Art. 404. Si nesses exercicios de capoeiragem perpetrar homicidio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranquillidade ou segurança pública, ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas comminadas para taes crimes.

Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>

A tabela elaborada por Soares (1998) nos comprova a existência da capoeira no estado do Ceará de forma bem significativa, pois o estado aparece em 7º lugar no *ranking* elaborado pelo autor, com 37 capoeiristas oriundos de nosso estado presos na Casa de Detenção carioca. Resta-nos saber de qual região eram esses capoeiristas cearenses.

Voltando ao Cariri cearense e as migrações oriundas a partir das notícias em relação ao fenômeno compreendido como milagre, em torno de 20 anos após seu acontecimento, Juazeiro do Norte terá um crescimento significativo. Segundo, Neto (2009, p. 228),

o Juazeiro embora continuasse sendo um distrito do Crato, já era maior do que muitas cidades do sertão cearense. Sozinho, ultrapassava em número de habitantes os municípios caririrenses de Aurora, Araripe e Brejo Santo reunidos. O centro urbano possuía dezoito ruas alinhadas e mais quatro travessas, abrigando ao todo 15 mil moradores fixos. Se incluídos os arredores, o número subiria para 25 mil habitantes.

Mas o que realmente chamava a atenção na paisagem e no burburinho econômico do Juazeiro eram as 138 oficinas dos mais diversos tipos de artes e ofícios. Havia de alfaiates a fogueteiros, de marceneiros a modistas, de ourives a ferreiros, de funileiros a pintores, de fundidores a sapateiros.

No início do Sec. XX, o distrito de Juazeiro já contava com 25 mil habitantes Neto (2009) porém, o que chama a atenção do autor, era a imensa quantidade de oficinas de arte e ofícios existentes.

É de conhecimento comum, que as/os africanas/os vieram ao Brasil para trabalhar num regime escravista criminoso e dessa forma, tínhamos no país pessoas escravizadas que:

trabalhavam na agricultura, nos ofícios e nos serviços domésticos e urbanos. Os negros do campo cultivavam para a exportação — atividade que dava sentido à colonização — a cana-de-açúcar, o algodão, o fumo, o café, além de se encarregarem da extração dos metais preciosos. Os negros de ofício especializaram-se na moagem da cana e no preparo do açúcar, em trabalhos de construção, carpintaria, olaria, sapataria, ferraria, etc. No século XIX, não foram poucos os escravos que trabalharam como operários em nossas primeiras fábricas.

Quanto aos negros domésticos, escolhidos em geral entre os mais "sociáveis", cuidavam de praticamente todo o serviço das casas-grandes e habitações urbanas: carregar água, retirar o lixo, além de transportar fardos e os seus senhores em redes, cadeiras e palanquins (RIBEIRO, 1988, p. 9-10).

As semelhanças apresentadas pelos autores têm nos mostrado que as/os afrodescendentes foram fundamentais para suprir as demandas de trabalho, sejam em fazendas, sejam nas cidades. Assim, essas pessoas tiveram importante contribuição ao desenvolvimento das cidades brasileiras.

Com base nos estudos até agora apresentados, especialmente os de Ribeiro (1988) e Neto (2009), podemos dizer que a grande maioria dos trabalhadores de Juazeiro do Norte eram pessoas afrodescendentes que vieram nas migrações.

Ainda assim, vamos observar um dado contemporâneo. Segundo matéria do jornalista Melquíades Junior ao jornal Diário do Nordeste, é na região do Cariri que se concentra o maior número de pessoas, do estado do Ceará, que se declararam negras ao censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

No ano de 2010, no País, cerca de 91 milhões de pessoas se classificaram como brancas, 15 milhões como pretas, 82 milhões se disseram pardas, outras duas milhões como amarelas e 817 mil como indígenas. Não é só o número absoluto que aumenta porque a população total aumentou. É também maior o número de pessoas que não se declararam brancas, mas pardas, negras e índias. Há casos de quem se declarou pardo em 1991 e índio em 2010. Essa maior distribuição relativa é mais evidente nas áreas mais populosas e urbanizadas. Foi principalmente nos menores Municípios do Ceará que o IBGE simplesmente não registrou autodeclaração indígena - 15 Municípios cearenses declararam não ter índios. No Interior do Ceará, é na região do Cariri que se concentra o maior número de pessoas que se declaram negras. O Estado do Ceará está constituído, segundo o Censo 2010, de 31,99% de brancos, 4,64% de pretos, 1,24% de amarelos, 61,84% de pardos e 0,22% de índios. Os dados também revelam que, em números relativos, a Capital concentra mais brancos que o Interior, e a proporção de negros, pardos e índios é maior no Interior (MELQUÍADES JÚNIOR, 2011).

Este dado, a respeito da formação populacional do Cariri cearense, nos comprova que 66,48 % da população caririense é formada por afrodescendentes e não nos deixa dúvidas sobre a região do Cariri cearense ter recebido essa influência em sua formação social e cultural.

Diante do apresentado, percebemos a presença afrodescendente em vários períodos históricos do Cariri, desde a intervenção capitalista de apropriação da terra até o momento atual, sendo essas pessoas fundamentais à construção cultural e ao desenvolvimento da região.

Observamos que essa massiva presença afrodescendente na região do Cariri cearense, ocorreu por conta da escravização e das migrações ocorridas. Alguns autores nos mostraram a participação dessas pessoas nos trabalhos em fazendas, vilas ou centros urbanos, bem como envolvidos em sambas, lutas, guerras e arruaças.

Seguindo nosso olhar a existência da capoeiragem, Oliveira e Leal (2009, p. 38) mostra que Antônio Liberac Cardoso Simões Pires, usou como caminho para rastrear capoeiristas na Bahia a busca dos termos “capadócio, valentões, bambas, navalhistas, entre outros que possam ser observados como referência”.

Em vista disso, dada as informações e a contemporaneidade dos acontecimentos, é plausível levantamos a hipótese de ter ocorrido a vinda de capoeiristas, afrodescendentes e africanas/os, libertas/os ou fugitivas/os, nas migrações que povoaram o Cariri cearense.

Nesse sentido, acreditamos que uma pesquisa histórica aprofundada sobre o tema, possibilitará a descoberta e evidenciação de capoeiristas em meio a população do Cariri cearense desse período e acontecimentos.

No entanto, essas reflexões nos servem como parâmetro social e histórico, fazendo com que possamos entender a formação e a história desse lugar para assim, chegar à compreensão sobre a capoeira existente hoje no Cariri e sua relação com as outras manifestações culturais caririenses, e com isso, nos subsidiar quanto aos aspectos educacionais da capoeira para a educação.

### 3.2 OS ASPECTOS CULTURAIS E A RELAÇÃO COM A CAPOEIRA; JOGANDO COM AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E COM OS CABRAS NO PASSADO DO CARIRI

Continuando nossa ginga, temos na história local, ocasiões em que o cacete fora usado como principal arma de combate. Em 1831 ocorreu a revolta de Pinto Madeira<sup>35</sup>, ou a guerra dos cacetes como popularmente falam. Assim,

No ano de 1831, a vila de Crato, sede de Comarca do Cariri Cearense, foi invadida por homens que, segundo relatos, carregavam cacetes e facas e infundiam terror à população da vila. Ainda conforme as notícias, eram os homens de Jardim, inconformados com a abdicação de D. Pedro I, pois acreditavam que o monarca teria sido obrigado a deixar o cargo e voltar para Portugal. Sobre o comando desses homens estavam Joaquim Pinto Madeira e o Padre Manoel Antônio de Sousa. Essa revolta, que durou até meados de outubro de 1832, ficou conhecida como Guerra Civil ou revolta do Pinto Madeira e seu exército, como cabras (IRFFI, 2017, p. 201).

O uso de cacetes não foi exclusividade de indivíduos de uma única região brasileira. No cariri cearense temos o uso de cacetes atribuído tanto em manifestações culturais como em disputas e conflitos como por exemplo, a Revolta de Pinto Madeira.

O cacete se tornara uma arma comumente utilizada pelos cabras, como eram conhecidos as pessoas pobres e sem prestígio, tidos como jagunças/os, agricultoras/es, cangaceiras/os, etc.

---

<sup>35</sup> Joaquim Pinto Madeira foi militar, proprietário rural e chefe político da Vila de Jardim, hoje cidade de Jardim, localizada ao sul do estado do Ceará, região do Cariri cearense.

Porém, antes de prosseguirmos, faz-se necessário compreender o termo cabra. Desse modo,

no plano das miscigenações, vislumbram-se três situações díspares. A primeira situação faz menção ao indivíduo que provém da mistura entre negros e mulatos. A segunda diz respeito à mestiçagem ocorrida entre brancos e negros, assumindo, neste caso, o mesmo sentido de mulato. Por último, temos a unidade lexical “cabra” significando aquele que é fruto do intercurso entre índios e africanos (ALMEIDA *et al.*, 2017, p. 153).

Na verdade, essa denominação surge preconceituosamente para identificar o brasileiro fruto da miscigenação, pois as/os cabras eram tidos como pessoas rudes e de classes subalternas. Em suas análises, as autoras constataram

que, de fato, houve variações de sentido da lexia “cabra” entre os séculos XVI e XIX, uma vez que no século XVI “cabra” era usado de forma pejorativa para qualificar os índios, passando a designar os filhos nascidos da mescla entre índios e africanos e, com o passar do tempo, servindo como qualificativo de mestiçagens, entre índios e negros, mulatos e negros, negros e brancos. Ademais, verificou-se que, a partir do século XVIII, passa a referenciar também os aspectos cromáticos dos negros escravos, tendo como fio condutor para essa categorização a sua condição social e/ou a subjetividade dos escravos, religiosos, entre outros, responsáveis por esses atos em documentos eivados de fé pública (ALMEIDA *et al.*, 2017, p. 159).

Compreendida a aplicação do termo cabra a/ao brasileira/o afrodescendente, voltamos ao Cariri onde teremos no início do século XX, outro caso muito similar ao de Jardim, pelo menos quanto ao fato do uso do cacete.

Em 1910, o Coronel Antônio Luiz enviou um batalhão de soldados armados a Juazeiro como missão de cobrar os impostos devidos ao Crato. Assim,

Ao atingirem as imediações do Juazeiro, os soldados ficaram à espera da ordem de ataque. A orientação era a de que, uma vez recebido o sinal, sentassem o pé na porta de todos os devedores de impostos e cobrassem deles a importância devida ao tesouro do Crato. Aos recalcitrantes seriam reservados os rigores da lei. Quem insistisse em reagir levaria chumbo. Mas o batalhão, posto em posição de assalto, não se mexeu. Diante do cenário que os aguardava, os soldados engoliram em seco. Estavam em flagrante desvantagem numérica. Em um confronto direto, não seriam páreo para a multidão que os receberia de cacete, punhal e espingardas em punho. Se ousassem entrar em combate, seriam trucidados pela cabroeira em fúria (NETO, 2009, p. 318).

Apesar do uso de rifles, espingardas ou bacamartes, o cacete aparece novamente como arma nas mãos de vários cabras. A cabroeira. Para o olhar de outras pesquisas, pode-se não ter relevância histórica ou social essa característica, porém ao contexto capoeirístico se torna um fato marcante e de grande importância, dado todos os indícios apontados no que diz respeito

ao tempo histórico, a formação social do Cariri e de Juazeiro do Norte e comparações aos contextos de outras cidades e regiões.

A publicação de Neto (2009) nos traz várias menções sobre o uso da tal arma e sobre os cabras, como um termo genérico para caracterizar cangaceiros e jagunços. Os cabras ou jagunços da Sedição de Juazeiro<sup>36</sup>, episódio que ficou conhecida como Guerra de 14, eram também formados por moradores da cidade, em geral romeiros e beatos, que se revoltaram e partiram em defesa da cidade sagrada.

Sobre essa guerra, a história nos conta que, no final de 1913, mais precisamente no dia 20 de dezembro, o coronel Alípio de Lima Barros, por não ter tido resposta a um telegrama enviado em que ordenava Pe. Cícero se render, sitiou Juazeiro. Então, Pe. Cícero alertou a população quanto aos perigos da invasão, e assim,

Ao ouvirem alocações como aquela, muitos beatos e romeiros decidiram trocar o rosário pelo rifle. Um deles, o beato Vicente, que residia no alto da serra do catolé, pegou um bacamarte boca de sino e seguiu para a trincheira. O beato Ricardo, que se vestia de frade com um cordão de São Francisco amarrado à cintura, despiu o hábito, travestiu-se de jagunço, pôs um chapéu de cangaceiro, beijou o bentinho pendurado no pescoço e saiu para se juntar á linha de frente (NETO, 2009, p. 365).

Após esse episódio, no ano de 1914 fora consentido pelo Padre Cícero a vinda de um oficial do exército para inspecionar a cidade e realizar um relatório, de como ocorrera o ataque do Coronel Alípio a Juazeiro do Norte, a ser enviado ao palácio do Catete no Rio de Janeiro. Na ocasião dessa visita, Floro Bartolomeu temendo ser um espião, tratou de realizar um desfile da tropa juazeirense ao ilustre visitante. Neto (2009, p. 370),

A “parada militar” preparada por Floro era desconcertante para os padrões de um soldado profissional. Compunha-se de cerca de 3 mil cabras, jagunços e cangaceiros, armados de rifles, fuzis, pistolas e bacamartes, mas também, com cacetes e longos punhais que mais se assemelhavam a espadas. Muitos traziam costurados na aba do chapéu de couro, como enfeites, espelinhos redondos e fitas vermelhas, além de medalhinhas com a efígie de Cícero pregadas na blusa à altura do peito para garantir proteção. Em vez de Uniforme, vestiam desgrenhadas roupas civis. No lugar de rosto escanhado e cabelo militar à escovinha, traziam barba malfeita, bigode espesso e cabelo em desalinho. Em vez de coturnos, usavam botas de vaqueiro ou simples alpercatas. Gritavam vivas ao *Padim Cicho* e xingamentos contra os “macacos”, apelido com o qual jagunços e cangaceiros se referiam aos policiais.

---

<sup>36</sup> A Sedição de Juazeiro foi a guerra corrida em 1914 onde um exército de cabras, romeiros devotos de Pe. Cícero, derrotou as forças do governo federal, depondo o então governador cearense Franco Rabelo.

Novamente o cacete aparece nas mãos dos cabras, como arma de combate. Há de se pensar que em um confronto direto o sujeito teria que ter a destreza no manuseio e ser bom de briga para que viesse a vencer.

Hoje, o Cariri cearense não é conhecido apenas por sua exuberância ambiental, pelo seu viés econômico e industrial ou por suas romarias. É também mundialmente conhecido por ter uma rica e diversa cultura popular.

Podemos perceber que houve no Cariri uma migração significativa de africanas/os e afrodescendentes no decorrer de sua ocupação e produção agropastoril, toda via, seguindo o pensamento de Nunes (2010), é no século XIX que existe um aumento considerável no número de pessoas mestiças na região.

Como já apresentado anteriormente, uma pessoa de extrema importância para o desenvolvimento da região foi o Padre Cícero Romão Batista. Sobretudo, a partir do fenômeno da hóstia, conhecido como milagre de Juazeiro, ao final do século XIX, que envolveu também como protagonista a beata, afrodescendente, Maria de Araújo e que promoveu as romarias atraindo migrantes de vários estados do nordeste.

A partir daquela data o fenômeno veio a se repetir por várias vezes, sendo fato intensamente propagado nos sertões, contribuindo para que Juazeiro do Norte assumisse uma condição de núcleo religioso popular centrado nas romarias. A localidade passou a se projetar no cenário nordestino como lugar sagrado, passando a atrair milhares de pessoas, chamadas de romeiras/os e oriundas/os principalmente dos estados nordestinos, em busca de refúgio, fé e melhores condições de vida.

As atividades religiosas impulsionaram o crescimento populacional e o desenvolvimento comercial local projetando uma urbanização que ganhou o status de cidade. Juazeiro do Norte é hoje uma das maiores cidades do estado com um significativo crescimento econômico e demográfico anual.

A título de ilustração, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicadas - IPEA, em seu site [atlasbrasil.org.br](http://atlasbrasil.org.br), entre os anos de 1991 e 2000, o crescimento da população atingiu a marca de 2,25% de taxa média anual.

Para se ter um parâmetro, a taxa do estado no mesmo período foi de 1,73% e no país foi de 1,63%. Já entre os anos de 2000 e 2010, a população cresceu a uma taxa média anual de 1,65%, enquanto no Brasil foi de 1,17%, no mesmo período.

Dessa forma o processo migratório, decorrente da religiosidade e da esperança por uma melhor condição de vida, oriundo de cidades de todo nordeste brasileiro para Juazeiro do



Norte, provocou um encontro de culturas afrodescendentes nordestinas e assim formou a cultura e as manifestações culturais do Cariri cearense.

Entre as manifestações culturais impulsionadas com a migração, inclui-se os cocos, as bandas cabaçais, as lapinhas, os pastoris, os reisados de congo, os guerreiros, o maneiro pau, os caretas, os penitentes, dentre outras. Assim,

[...] em sua cultura, também mestiça, a presença do negro alcança além da etnia. Está presente em um sem número de folguedos, ou seja: nos Congos, onde se procede à coroação de reis negros, em cortejos e rituais nas igrejas de Nossa Senhora do Rosário, folguedo ainda vivo nos municípios de Milagres e Aquiraz. Nos reisados de Congos, abundantes em todo o Cariri cearense, no qual o cortejo dos Congos se funde com a ida dos Reis Magos a Belém e com entremeios do Bumba-meu-Boi, resultando num ritual de rica complexidade. [...] Nos bois, reisados e caretas, onde também o boi é o entremez principal, denotando uma nítida influência africana. Nas bandas cabaçais, com seus números anímicos e principalmente em seu sapateado de notável ascendência africana, abundantes no Cariri, onde a presença negra nos engenhos de rapadura sempre foi marcante. Nos diferentes cocos, sejam de roda, sapateado ou embolada. No maneiro pau, ou leroá, parente próximo do maculelê. Em outras festas e folguedos, nas danças, na culinária, no artesanato, enfim, nos costumes e nos modos de ser, populares em geral (BARROSO, 2009, p. 22-23).

O Cariri cearense se tornou um centro de manifestações culturais afrodescendentes, e assim acreditamos que na diáspora ocorrida a capoeira tenha, possivelmente, vindo a região.

Muitas das manifestações culturais do Cariri têm características semelhantes à capoeira, principalmente na forma de ensino pautado na oralidade e no corpo como instrumento de saber. Barroso (2009) tenta fazer uma aproximação entre as variadas manifestações da cultura popular e a capoeira. Nessa relação, ele encontra aspectos muito parecidos, nos cocos, nos reisados, nas bandas cabaçais, nos maracatus, nos caretas, nos maneiro paus, nos maculelês, etc.

O maneiro pau é uma das manifestações culturais do Cariri que se caracteriza por ser uma dança circular marcada ao toque dos cacetes ou bastões e ao som dos cantos improvisados. Nela, os brincantes ficam em círculo e cada integrante bate o seu bastão nos bastões de seus vizinhos, fazendo girar a roda numa dança marcada ao ritmo musical e corporal de tal forma que, os participantes vão respondendo o côro ao canto de improvisos de um mestre que conduz o ritual.

Apesar de o maneiro pau não se caracterizar como uma luta de bastões a historicidade da capoeira é marcada pelo uso de paus, cacetes ou porretes. É comum nos depararmos com relatos de que os valentões de épocas antigas, em vários estados brasileiros, tinham habilidade com essa espécie de cacetete feito a partir das árvores de madeira dura e resistente.

O fato de capoeiristas em um tempo passado terem se utilizados de cacetes, a semelhança na musicalidade baseada em versos e improvisos e a circularidade existente em ambas práticas culturais, nos fazem perceber uma proximidade. No entanto, apenas um estudo mais aprofundado poderá nos mostrar se ocorre de fato essa relação.

Por outro lado, Pinheiro (2010, p. 439) nos escreve: “restringiram-se, no começo, pode dizer-se, os poderes públicos a policiar, imperfeitamente, a porção meridional do Ceará, cheia de valentões, hábeis nos jogos de pau e de faca”.

Como atesta a narrativa de Pinheiro (2010) na região do cariri cearense existiam valentões, que sabiam jogar com paus e com faca. Estas são características que se assemelham à prática de capoeiristas nas principais cidades brasileiras. (MARQUES, 2012), (BELTRÃO, 2011), (OLIVEIRA; LEAL, 2009), (SOARES, 2004).

Assim, em nosso jogo bibliográfico realizado com a ginga do estado da arte, conseguimos encontrar referências no estado do Ceará e em alguns estados brasileiros.

Do estado de São Paulo, nos deparamos com a referência que disserta sobre a narrativa de uma senhora contando que seu pai foi capoeirista e que brincava uma dança com paus.

Thereza Henriqueta Marciano, nascida em Tietê e residente em Sorocaba desde 1934, contou que seu pai, João André, um negro nascido em 1889, aprendeu capoeira com o avô dela, José André, na fazenda Parazinho em Tietê. Ao mudar-se para Sorocaba em 1934, João André sempre brincou de capoeira e de uma espécie de dança de paus, também conhecendo o tambu ou samba caipira. Ele faleceu em Sorocaba no ano de 1965, aos 74 anos de idade (CUNHA, 2011, p. 308).

O Tambu ou Samba Caipira, como cita o autor, é um tipo de manifestação afrodescendente brasileira originado nas senzalas paulistas que se caracteriza por ser uma dança ritmada ao som de tambores e de passos variados que termina após uma umbigada entre o casal que dança. O autor não especifica o que seria essa dança de paus, mas nos indica a proximidade com a capoeira.

Na capoeira carioca do século XIX encontramos algumas referências de afrodescendentes, chamados na literatura por pretos, cabras, crioulos, etc. como segue:

o inspetor do quarteirão do Catumbi informou certa vez de uma casa abandonada que servia aos capoeiras da área, “não falando do zungu que de noite fazem na mesma casa, onde tem ocorrido frequentes desordens que os pretos ali fazem puxando facas e paus” (SOARES, 2004, p. 234).

Soares (2004) consegue nos mostrar através de registros policiais do estado do Rio de Janeiro, o uso do cacete na capoeiragem carioca. Assim, seguindo as buscas por mais

evidências, conseguimos informações sobre brigas envolvendo capoeiristas da cidade de Recife, estado de Pernambuco, onde estes tinham como característica o uso de cacetes.

A utilização de facas e pedaços de pau, pelos capoeiristas e outros criminosos no Recife, fez com que os jornais noticiassem verdadeiros duelos à base da bicuda e do cacete. Em 1904, o Correio do Recife, por exemplo, citava que diversos “moleques” jogavam capoeira armados de facas de ponta e cacete na Campina do Bodé, bairro de São José. Essa capoeira, de finais do século XIX e início do XX, seria uma mistura de força muscular e agilidade, seguindo o capoeira alguns preceitos na hora de dar uma “pernada” ou “cabeçada” no seu opositor. Além disso, possuíam grande destreza no manejo do cacete e da faca de ponta, fazendo desses instrumentos uma adjacência de seu corpo (MARQUES, 2012, p. 35).

É importante lembrar, que nessa época as brigas envolvendo capoeiristas muitas vezes acabavam em graves lesões ou mortes. Os/as capoeiristas de Recife eram temidas/os na sociedade pela valentia e destreza. Elas/es, faziam parte das bandas de música onde corriqueiramente estavam envolvidos em conflitos, principalmente na defesa de suas agremiações.

Os capoeiras davam brilhos e encantos próprios à musicalidade que saíam às ruas, defendendo os integrantes das bandas e usando dos porretes em defesa de suas agremiações, as quais geralmente saíam nos bairros da Penha ou do Prado, mas, mesmo assim, a capoeira passou a resumir-se em desfiles de agressividades entre bandas (BELTRÃO, 2011, p. 34).

Como percebemos, o uso do cacete<sup>37</sup> também era um hábito da/o capoeirista pernambucano. Era uma arma comumente usada em brigas e disputas de poder entre as bandas e capoeiristas da época.

Não nos foi possível identificar se nestas bandas o cacete era usado como forma de adereço ou instrumento para se marcar ritmo em sua musicalidade. Para nós, o que fica evidenciado é o uso do cacete na capoeira, onde a mesma se fazia presente nas festividades de Recife. A ela existia um misto de respeito e de medo por serem de extrema violência as brigas e disputas ocorridas.

O uso de cacetes não era privilégio dos afrodescendentes em Pernambuco, São Paulo, Rio de Janeiro e em outras cidades. No estado do Ceará, encontramos referências quanto ao uso de cacetes nas manifestações afrodescendentes.

O botânico Francisco Freire Alemão<sup>38</sup>, em sua estada no Ceará, ao chegar numa residência na cidade de Pacatuba, nos conta;

---

<sup>37</sup> Refere-se a um pedaço de madeira para uso como arma.

Hoje de tardinha fui fazer a minha visita à família do Senhor. M. G. Valente, com o Capitão Justa; saindo de lá seriam 8 horas, o Justa me convidou para ir assistir a um samba de negros na casa do Senhor Crisanto, cunhado do Senhor Antero. Prontamente acedi, cuidando ir assistir a uma dança de negros em alguma palhoça ou sanzala; mas fui surpreendido quando chegando a casa do Crisanto, logo fora achar muita gente da principal de Pacatuba sentados em cadeiras fora da porta como aqui se costuma. Entre outros eram o Subdelegado de Polícia Dr. Vitoriano, o Antero, Juvenal, dois deputados provinciais filhos do Barão de Icó, que acabavam de chegar do sertão naquele momento, e muito mais outros senhores, e a sala dentro estava cheia de senhoras; eram as famílias do Senhor J. da Costa, a saber, D. Maria C, Teófilo, D. Joana, sua filha, e o Senhor Juvenal; era a família do Dr. Vitoriano, era a família do Antero, do Crisanto, e outros mais parentes. Depois de conversarmos um pouco fora, entramos para a sala, e pouco depois nos conduziram ao quintal passando pela casa de jantar, onde estava a mesa coberta de pratos, de papas (canjica), de arroz de leite, aletria, vários bolos, e muitos outros doces secos e de calda,vinhos, cerveja, etc.

No quintal achamos uma grande roda de negros e negras, calculo em mais de 100, *escravizados* dessas famílias, e das mais de Pacatuba. Os instrumentos eram tambores, e caquinhos com sons que atormentavam os ouvidos, e ainda mais com cantos, algazaras e vivas. As senhoras chegavam muitas vezes para a roda, assim como os homens e assistiam com prazer as danças lúbricas das pretas, e os saltos grotescos dos negros, que também fizeram jogo de pau, etc. grifo nosso. (CUNHA; DAMASCENO *apud* ALEMÃO, 1961).

A cidade de Pacatuba, faz parte da região metropolitana de Fortaleza, e fica a 29km de distância da capital cearense. O botânico do Império brasileiro em sua viagem exploratória ao estado do Ceará, descreveu características dos lugares, das pessoas e as situações vivenciadas durante sua missão.

Apesar de sua narrativa ser a de um estranho, e assim está orientada em outra visão de mundo, sua descrição sobre a vivência realizada na cidade de Pacatuba nos mostra afrodescendentes tocando, cantando, dançando, saltando e fazendo o que ele chamou de “jogo de paus”. Seria então a Capoeira dos *escravizados* no estado do Ceará? Provavelmente, pois,

Nas horas da noite, ou em algum momento de folga, antes de se entregarem ao minguado repouso, os *escravizados* reviviam os seus folguedos, expressando os seus sentimentos e a sua ânsia de livrarem-se da dor. junto a estas manifestações, lá estava a capoeira sendo praticada e, em momento oportuno, utilizada pelos *escravizados*, quando estes, desferindo golpes traiçoeiros em seu opressor, desarmavam-no e fugiam, novamente, mata a dentro em busca da preservação de suas vidas. Entretanto, às vezes os negros eram surpreendidos pelos feitores praticando os seus treinamentos. O risco desse ato era o castigo onde o tronco e o chicote podiam significar a morte. Mas os negros não desistem, a necessidade de sobreviver fala mais forte, e eles mesclam com música e dança a prática da capoeira. grifo nosso. (AREIAS, 1984, p. 23).

---

<sup>38</sup> Francisco Freire Alemão foi um médico e naturalista fluminense, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB fundado em 1856, do qual foi presidente da missão científica que visava conhecer a geografia, a população e os recursos naturais brasileiros.

Desse modo, acreditamos que a capoeira tenha sido praticada junto as demais manifestações afrodescendentes naquele quintal pois, é justamente dessa ação festiva que a gênese da capoeira baiana é atribuída (ABREU, 2014).

Corroborando com o pensamento de Areias (1984), dada a falta de conhecimento dos brancos sobre as mesmas, esse conjunto de manifestações culturais, descritas pelo botânico, eram chamadas de batuque. “O batuque era um termo genérico, com o qual se denominavam, indistintamente, muitas e muitíssimas vezes, por denúncia e maltrato, manifestações negras que se realizavam. quase sempre, mediante a combinação de percussão com dança”. (ABREU, 2014, p. 15).

A partir das informações quanto a utilização de instrumentos, roda, cantos, saltos e jogo de pau, o que podemos pensar, dado o contexto da época e a situação descrita, é que fica bastante evidente a possibilidade de naquele dia, uma das manifestações culturais apresentadas ter sido a capoeira, uma vez que;

No plano dos acontecimentos, cada função poderia se manifestar em separado; uma de cada vez; podendo uma roda de samba ser realizada após o candomblé (prática ainda hoje comum), e após o batuque-luta, uma roda de capoeira. Poderiam acontecer todas ao mesmo tempo, espacialmente juntas. Por exemplo, um samba a “dois passos” da roda de capoeira. Tão próximas que poderia persuadir a outra, a ponto de uma roda de samba virar uma de batuque-luta, e uma dessa luta se converter num jogo de capoeira (ABREU, 2014, p. 22).

A capoeira praticada pelos escravizados não se fazia evidente como hoje a reconhecemos, ela ocorria e se fazia presente junto as outras manifestações culturais de africanas/os e afrodescendentes aqui escravizadas/os.

Essas manifestações só eram possíveis com o consentimento dos ditos senhores em momentos de folga ou dias festivos. É o que parece ter sido a motivação da festa ou o samba de negros apontado por Alemão. Segundo Abreu (2014, p. 69), na Bahia o

domingo, dias santos e feriados, após a jornada de trabalho, nos momentos de vadiação, negros livres e escravos, antes da Abolição, exercitavam-se no batuque-luta. Podia ser nas senzalas, quilombos, nos roçados de terrenos baldios, nos quintais das casas, nos eitos das fazendas, nos largos e praças, nas quebradas da rua, nos lugares de ajuntamento de negros (feira, mercados e pontos de baianas vendedoras de comida). Em lugares e momentos permitidos ou proibidos pela polícia. Fosse luta ou brincadeira ou as duas ao mesmo tempo, se impôs como uma luta para saciar a fome do negro pelo prazer, pela folga, pela necessidade de vadiar e azular a sua felicidade guerreira.

A descrição de Alemão nos reporta a um dia festivo, onde várias pessoas que eram importantes para a sociedade da época estavam presentes. No quintal da casa ocorrera a

manifestação cultural, apontada pelo botânico como samba de negros. Quando olhamos relatos de outros locais do país, percebemos a aproximação e similaridade entre as manifestações culturais descritas.

Mas outros sentidos latejavam dentro dos batuques. Para seus praticantes, podia ser uma fonte de recuperação das energias desgastadas depois de longas e pesadas jornadas de trabalho; podia ser uma maneira de desembaraçar os domingos e dias santos para realizar seus ritos religiosos, celebrar seus deuses e orixás; reis, reisados e santos protetores (ABREU, 2014, p. 21).

Voltando ao Cariri, é incontestável a presença de reisados de congo, cocos, maneiro pau, banda cabaçais e religiões de matrizes afro nessa região cearense. Quanto as bandas cabaçais, encontramos em Cariry (1982) uma referência interessante.

Nela, o autor cita a partir de J. Figueiredo Filho [s.d.], a relação das bandas cabaçais com a religiosidade afrodescendente. Assim,

Os folguedos das bandas cabaçais “surgiram nos campos de escravos, parecendo uma forma de exaltação religiosa dos povos africanos”, acentuando seu novenário de maio. Reverenciam santos, com cerimonial bem complicado, de passos e trejeitos que mostram muita prática anterior (CARIRY, 1982, p. 123-124).

Apesar da maioria dos integrantes das bandas cabaçais serem afrodescendentes, há divergências quanto a sua origem. O próprio autor citado, faz alusões a origem ibérica, vindo através dos colonizadores e a origem indígena caracterizadas pelas execuções da banda. (CARIRY, 1982). Porém,

As bandas cabaçais têm suas práticas fortemente ligadas à religiosidade. As festas dos padroeiros, as Renovações do Sagrado Coração de Jesus, os Reisados de Congo, as Lapinhas, a Consagração e Entronização dos santos nos altares domésticos, as Novenas, são alguns exemplos de celebrações religiosas as quais os zabumbas estão associados (SARAIVA *et al.*, 2015, p. 168-169).

O dossiê da festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha publicado em 2015, também nos traz evidências sobre a relação afrodescendente das bandas cabaçais da cidade de Barbalha no Cariri cearense.

As bandas cabaçais são necessárias aos reisados de congo, principalmente quanto às embaixadas e ao jogo com espadas, pois marcam o ritmo e o compasso das danças e jogos do reisado. Assim, “dentre todos os folguedos, os reisados de congo são os que estabelecem uma relação mais próxima com as bandas cabaçais”. (SARAIVA *et al.*, 2015, p. 178).

Portanto, dada as informações apresentadas por Cariry (1982), podemos entender as bandas cabaçais, como sendo uma das manifestações culturais afrodescendentes da região. Esse entendimento é corroborado por Barroso (2009, p. 22-23), uma vez que,

a presença do negro alcança além da etnia. Está presente em um sem número de seus folguedos, ou seja: [...] nas bandas cabaçais, com seus números anímicos e principalmente em seu sapateado de notável ascendência africana, abundantes no Cariri, onde a presença negra nos engenhos de rapadura sempre foi marcante.

Temos no reisado outra manifestação afrodescendente de forte influência no Cariri cearense, do qual apresenta danças e músicas ritmadas pelas bandas cabaçais e acompanhadas pelo coro dos participantes. Quanto ao seu surgimento, temos nas Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos a condição necessária para que as/os africanas/os e afrodescendentes pudessem reverenciar seus reis e rainhas. Trata-se, portanto, de um folguedo religioso que as/os afrodescendentes criaram para manter vivos seus costumes e religiosidade.

Em Fortaleza, capital do estado, existe a coroação dos Reis de Congo executada nos vários Maracatus da cidade e em Barbalha, existe os rituais das celebrações das festas dos reis dos Congos, (SILVA, 2009). Coincidência ou não, e apesar da existência em toda região do Cariri cearense, os reisados figuram como uma das mais importantes manifestações afrodescendentes da cidade de Juazeiro do Norte.

Bairros afrodescendentes e periféricos como o bairro João Cabral, são cheios de grupos de reisados, como também de outras manifestações culturais. Nunes (2008), nos explica essa suposta coincidência.

No Cariri cearense os Reisados de Congo têm se espalhado por toda a região, onde a presença negra foi marcante trabalhando nas zonas de engenho de cana, utilizada na produção de aguardente e rapadura. Teriam chegado provavelmente no final do século XIX e são mais encontrados em zonas de influência de imigração alagoana. Percebemos esta ligação nas canções cantadas que fazem referência aos nomes de cidades e aos naturais de Alagoas, como também nos reisados de Alagoas vemos referência a Juazeiro do Norte e ao Pe. Cícero (NUNES, 2008, p. 3).

É justamente ao fim do Século XIX que as migrações a Juazeiro do Norte se intensificam decorrente do Milagre da Hóstia. A pesquisadora nos mostra que as músicas dos reisados juazeirenses têm relação com as dos reisados do estado de Alagoas e vice-versa.

Outro fator importante é que o estado de Alagoas teve uma forte presença africana e afrodescendente na era colonial brasileira, inclusive abrigoando o maior quilombo do país. O Quilombo dos Palmares<sup>39</sup>.

Diante ao exposto, enxergamos uma determinante influência africana e afrodescendente na formação cultural cearense, em especial da região do Cariri. Percebemos também, que as manifestações culturais existentes na região têm similaridades com a capoeira;

Essas similaridades, relações e influências aqui gingadas, foram apontadas em uma *Live* a Rádio Capoeira ocorrida no dia 10 de junho de 2020, pelo professor da Universidade Federal Fluminense – UFF Júlio César Tavares, quando ele nos fala sobre 03 marcadores das culturas e tradições africanas, fundamentais para identificação das mesmas.

Primeiro: Aonde tem tradição africana vai ter música. Música pra nunca ser ouvida. Música pra ser dançada. Isso é uma marca fundamental. Sempre a música com a movimentação corporal. Segundo lugar é essa relação com a chamada e a resposta... A música africana é marcada profundamente por respostas da audiência. Alguém chama num canto em uma determinada direção e uma audiência responde junto àquela direção. Então ninguém canta sozinho, canta-se sempre em resposta há algum chamado em canto. Dá até um conceito aí, não é? “O canto é um encanto na tradição africana”. O terceiro marcador é a presença da roda. Ela é primordial e essencial e permanente em todas as práticas culturais africanas. *sic* (TAVARES, 2020).

Ele também comenta, não haver como achar um selo que identifique. O que existem são marcadores e estes nos conduzem ao encontro de fragmentos das várias culturas africanas que se reinventaram na diáspora em nosso país. O resultado dessa reinvenção diaspórica são as nossas manifestações culturais brasileiras afrodescendentes.

Portanto, essas manifestações têm dialogo, similaridades, aproximações e confluências, porque partiram da mesma gênese. Assim, os indícios aqui apresentados, nos levanta uma questão pertinente: a possibilidade dessas pessoas, compreendidas socialmente como arruaceiras/os, valentonas e valentões realizadoras/es de sambas, as/os jagunças/os e, principalmente, os cabras participantes das guerras ocorridas no Cariri, terem destrezas capoeirísticas.

Dentro desse mesmo contexto, outra informação intrigante surge a partir do relato realizado pelo botânico Francisco Freire Alemão, quando nos aponta o que para nós parece

---

39 O Quilombo dos Palmares surgiu no final do século XVI, no território da capitania de Pernambuco, mais precisamente em uma região em que hoje está localizado o estado de Alagoas. O quilombo foi formado por escravos que tinham fugido de engenhos da região de Pernambuco e que escolheram a região da Serra da Barriga, na zona da mata de Alagoas. <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/quilombo-dos-palmares.htm>



ser a antiga capoeira cearense. Uma roda ao som de tambores e cacos, músicas e gritos, com saltos e jogo de pau.

Dadas as circunstâncias históricas e sociais, o Cariri cearense se tornou um lugar de grande riqueza cultural, onde suas características e manifestações expõem e comprovam uma viva afrodescendência e, portanto, denotam o lugar como um território afrodescendente. (CUNHA JUNIOR, 2013).

Assim, todo esse conjunto apresentado nos permite supor e questionar a existência da capoeira no passado caririense; sejam nas guerras, revoltas e lutas, sejam nas cidades, vilas, sítios e fazendas da região. Pois, em síntese “um capoeira não era identificado apenas pelas armas que portava, mas principalmente por saber jogá-las” (MAIA, 2001, p 128).

### 3.3 A GINGA CONTEMPORÂNEA CEARENSE E A BUSCA PELA CAPOEIRA DO CARIRI

Dadas as circunstâncias sociais e culturais apresentadas, é muito provável a existência de capoeiristas no Cariri cearense a partir do século XVIII, com maior probabilidade a partir de meados do século XIX

Os apontamentos realizados nos mostram aspectos socioculturais importantes à nossa discussão e desse modo, gostaríamos imensamente de permanecer nesse jogo por entendermos sua importância histórica e a possibilidade em apresentar novos fatos a história da capoeira. No entanto, como nossa pesquisa tem outra ginga, teremos que mudar o toque do berimbau<sup>40</sup> e cair no jogo da capoeira que conhecemos na contemporaneidade para jogarmos com mais propriedade no próximo capítulo que versará sobre as relações da capoeira enquanto uma prática cultural na roda da educação.

Buscaremos nesse tópico a ginga da capoeira no Ceará com recorte ao Cariri cearense, portanto, não aprofundaremos as discussões sobre a capoeira no contexto brasileiro, pois reservaremos ao próximo capítulo estes aprofundamentos, onde ginguemos sobre a capoeira enquanto uma Manifestação Cultural Afrodescendente Brasileira de rica potencialidade a educação.

Inquestionavelmente, a capoeira que hoje conhecemos e praticamos é fruto dos movimentos de mudança política e social ocorridos na capoeira a partir da década de 1930 no

---

<sup>40</sup> O toque do berimbau é quem determina como deva ser o jogo na capoeira. Ela dá o ritmo, o tom e a cadência do jogo.

estado da Bahia com a criação da Capoeira Regional e a organização da Capoeira Angola em Salvador.

Buscando a compreensão desses movimentos, nos deparamos com o fato de a prática da capoeira tornar-se crime a partir do Código Penal de 1890. Desde então, a prática da capoeira foi duramente perseguida e as/os capoeiristas continuaram a serem presas/os e discriminadas/os na sociedade, de forma mais contundente, respaldados pela lei.

Nas primeiras décadas do século XX as/os capoeiristas baianos foram se reinventando e construindo suas articulações sociais, tentando burlar e escapar dessas perseguições. Na década de 30, ocorreu um fenômeno revolucionário na capoeira através do Capoeirista Manoel dos Reis Machado – Mestre Bimba, onde veio a ser criada a Luta Regional Baiana, conhecida como Capoeira Regional.

Sua criação ocorreu com a influência de alunos cearenses que à época faziam o curso de medicina na universidade baiana. O principal deles foi José Sisnando Lima, pois além da contribuição no desenvolvimento da nova modalidade, realizou a aproximação da capoeira com a esfera política, do qual conseguiu fazer a articulação que proporcionou Mestre Bimba e seus alunos, apresentarem no Palácio do Governo da Bahia, a nova forma de capoeira ao interventor baiano Juracy Magalhães.

Segundo Manoel Roseno, um dos antigos alunos de mestre Bimba, em entrevista ao também aluno do mestre, conhecido como Itapoan,

[...] o médico José Sisnando, que hoje reside numa fazenda perto de Feira de Santana, foi ao interventor da Bahia Juracy Magalhães, e disse que a Bahia tinha uma excelente arma que não era explorada e falou do mestre Bimba. Dias depois, o mestre dava uma exibição com seus alunos para o sr. Juracy Magalhães, que, a partir daí, liberou a prática da capoeira, dando assim um passo para sua ascensão social. (ROSENO *apud* ALMEIDA, 2004, p. 20).

Essa aproximação política realizada por Sisnando veio proporcionar a retirada da capoeira do novo Código Penal Brasileiro decretado em 1940 e assim, abrindo espaço para sua expansão enquanto uma prática esportiva.

Mesmo porque ela estava posta se adequando ao modelo político brasileiro e assim, no decorrer das décadas a capoeira vai se tornando mais aceita, dada a condição de “esporte genuinamente brasileiro” como proferiu o então presidente Getúlio Vargas, como também ocorre a migração de capoeiristas baianos para o sudeste do país, proporcionando sua expansão e o surgimento dos grupos de capoeira na forma que hoje conhecemos.

A capoeira que hoje se pratica no estado do Ceará, é diretamente influenciada por este fenômeno. Nas várias regiões de nosso estado, aparecem ligações com a capoeiragem de outros grandes centros, principalmente de São Paulo, Pernambuco, Brasília e Rio de Janeiro.

Reginaldo da Silveira Costa, conhecido na capoeira como mestre Squisito, quando em uma apresentação<sup>41</sup> realizada no mês de dezembro de 2016, no Teatro José de Alencar em Fortaleza – CE, falava sobre os Simpósios Universitários Cearenses de Capoeira realizados pela Terreiro Capoeira e Universidade Federal do Ceará – UFC, nos informou que: “numa edição desse simpósio, houve a participação do Dr. Bonfim, que afirmou que deu aulas de capoeira em Fortaleza, na década de 50, para diversos capoeiristas, sendo ele discípulo formado pelo Mestre Bimba” *sic* (2016).

Segundo o mestre, essa informação teria sido passada em uma palestra proferida pelo próprio Antônio de Andrade Bonfim Filho, Dr. Bonfim, numa das edições do referido Simpósio Universitário Cearense de Capoeira.

Outro dado sobre a questão, são vindas por meio de pesquisas que partiram de capoeiristas da cidade de Fortaleza, das quais apontam a prática da capoeira surgida na década de 1960 através de um militar que serviu no quartel do Exército Brasileiro na cidade de Crateús e este havia ensinado a José Renato Vasconcelos de Carvalho, o mestre José Renato, hoje reconhecido como tesouro vivo da cultura cearense, por parte do governo estadual. “Por volta do ano de 1960, que muitos militares chegam a Crateús para o Quarto Batalhão de Engenharia de Construção, entre eles Cipolati, um sargento gaúcho que residiu na Bahia”. (FERREIRA NETO, 2014, p. 134).

Não se tem conhecimento onde o sargento Cipolat aprendera a capoeira, porém as circunstâncias nos conduzem ao mestre Bimba quando o mestre “estava ensinando a sua capoeira regional no quartel do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR) do exército” (SODRÉ, 2002, p. 67).

O então sargento Cipolat veio a ser o iniciador da prática de capoeira daquele que veio a se tornar um importante mestre ao estado do Ceará. O mestre cearense, relatado por Ferreira Neto (2014), foi responsável por iniciar no ano de 1974, um dos movimentos que tiveram importância significativa na capoeira da capital do estado. Se tornando, desse modo, umas das relevantes referências da capoeira do estado do Ceará.

---

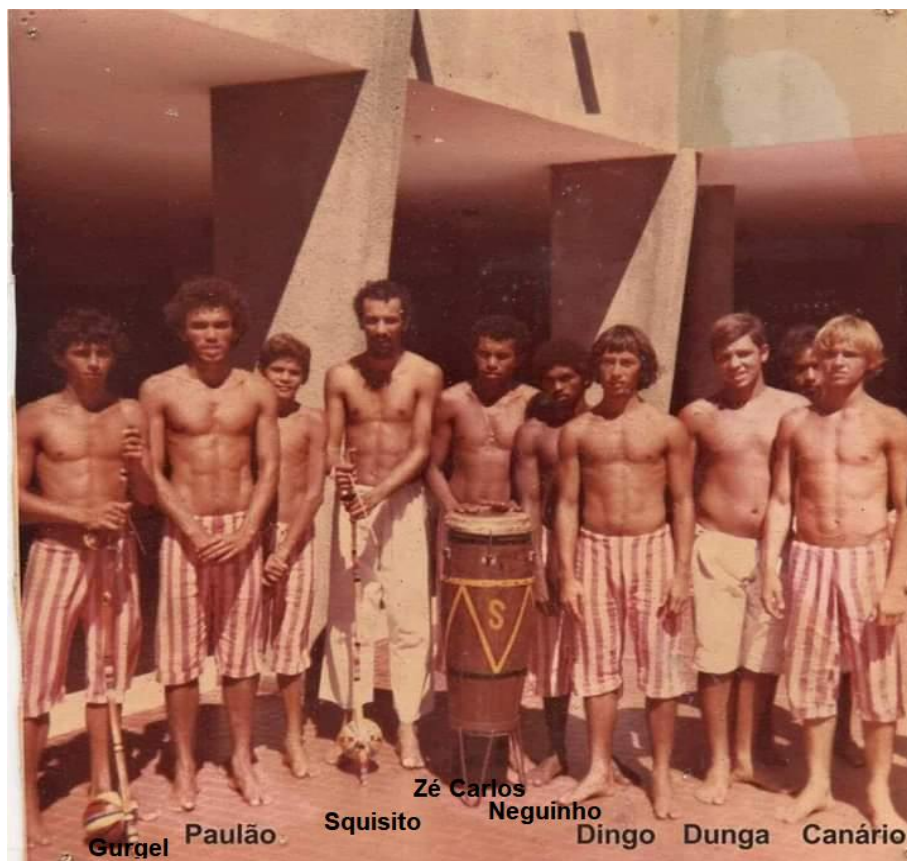
<sup>41</sup> A referida apresentação ocorreu em um programa do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, para o processo de Salvaguarda da Capoeira do Estado do Ceará, chamado Roda da Memória. Edição Roda do Diretório Central dos Estudantes – DCE – UFC.

Mesmo com a influência apontada, a capoeira de Fortaleza só veio a se constituir efetivamente enquanto uma prática esportiva cultural organizada metodicamente ao final da década de 1970, pois segundo Dias (2016), até então ela se constituía como uma prática folclórica.

Vale ressaltar que a capoeira por essa época ainda era atrelada à dança folclórica, traço marcante que só veio a começar a se desfazer quando chegou ao Ceará, Reginaldo Silveira da Costa, o Mestre Squisito, oriundo de Brasília, que trouxe várias inovações ao seu ensino, com técnicas de aprendizado nunca antes treinadas por aqui, além de introduzir o treino de golpes e contragolpes da Capoeira Regional, estilo derivado da Capoeira de Angola (DIAS, 2016, p. 18).

A capoeira da cidade de Fortaleza, organizada enquanto grupo e com uma prática de ensino e aprendizagem pautadas numa metodologia de ensino, só veio a ser constituída e praticada gerando um movimento que não mais se dissiparia no tempo, com a chegada de mestre Squisito.

**Figura 15 - Mestre Squisito com capoeiristas em Fortaleza – CE. Segundo Francisco Lima, mestre Bulldog essa foto foi feita no Clube do Líbano.**



Fonte: Acervo Reginaldo da Silveira Cossta.

O mesmo veio prestar concurso público a Caixa Econômica Federal em 1978, e a partir de 1979 começou a residir na capital cearense, vindo a criar no corrente ano a Associação Terreiro Capoeira.

O referido mestre foi protagonista da primeira organização jurídica de capoeira da cidade, do qual congregou muitas/os das/os capoeiristas existentes em Fortaleza, e com isso, realizou o primeiro batismo de capoeira ocorrido em 1979, no Círculo de Trabalhadores Cristãos Autônomos de Fortaleza – CTCAF que funcionava nas dependências do Teatro São José.

**Figura 16 - Recorte de Jornal que anunciava o Batizado ocorrido cedido por mestre Squisito.**



Fonte: Acervo Reginaldo da Silveira Costa.

O primeiro parágrafo do anúncio confirma ser a primeira vez que ocorre um batizado de capoeira na cidade. Segundo o mestre protagonista do feito, esse evento foi televisionado ao vivo pela emissora Verdes Mares de televisão.

Mestre Squisito, também fora o responsável pelo registro da capoeira junto a Federação Cearense de Pugilismo que à época agrupava todas as lutas.

No entanto, a oralidade da capoeira de Fortaleza aponta que existiram outros movimentos e segmentos existentes na capital cearense. Segundo Paulo Sales Neto, na capoeira conhecido como Mestre Paulão Ceará, em entrevista para uma *Live*<sup>42</sup> ocorrida no dia 09 de maio de 2020, o mesmo conheceu a capoeira na Praia de Iracema por meio de um artesão chamado Deó que teria aprendido a capoeira no Mercado Modelo em Salvador estado da Bahia, como segue.

Bom, a primeira vez que eu vi a capoeira foi através de um amigo lá na praia de Iracema que morava na João Cordeiro que se chamava Deó. Ele tinha morado seis meses na Bahia e treinando com o pessoal do mercado modelo. E eu tava batendo racha, jogando uma pelada lá na praia, aí sentei no paredão depois do racha, aí fiquei pegando um sol e de repente vi uma pessoa fazendo os movimentos, e até então não sabia o que era, e é muito bonito, era o macaco, era o s dobrado, era umas perna de capoeira, aí eu me aproximei dele, e falei com Deó, e perguntei o que era. Ele disse que era capoeira da Bahia, antigamente se falava capoeira da Bahia por lá ser o grande foco. E aí eu perguntei: Tu aprendeu a isso onde? Aí ele contou a história, que ele aprendeu no mercado modelo e treinou com os capoeiristas de lá. Aprendeu a fazer berimbau também, que ele era artesão sabe? tipo assim, um... na época a gente chamada de hip né? aquele cara que gostava de viajar, fazia aqueles colares. É artesão, é, exatamente... e ele fazia berimbau também. Então foi a primeira vez, e logo em seguida eu vi o Canário né? o Canário que me levou para roda de capoeira que foi lá na casa do governador Virgílio Távora, o ex-governador Virgílio Távora, que dia de domingo o Luciano Negão organizava uma roda com a rapaziada lá nas antigas. Aí foi a primeira vez que eu vi uma roda de capoeira. *sic.* (SALES NETO, 2020).

A informação apresentada mostra a capoeira dentro do espaço político cearense, ou pelo menos, na residência de um político. Seguindo, desse modo, o caminho de envolvimento político e social que tantos outros capoeiras do passado fizeram como, por exemplo, mestre Bimba e seus alunos, em especial os cearenses.

Sabe-se que a partir da chegada de mestre Squisito a cidade de Fortaleza – CE a capoeira daquela cidade veio a sofrer uma profunda transformação, principalmente quanto aos treinamentos, a forma de pensar e vivenciar a nossa arte.

Segundo o próprio mestre, essa transformação ocorreu por conta dos legados que ele trouxe a capoeiragem de Fortaleza. Em sua apresentação ao programa Roda da Memória, ocorrida no segundo semestre do ano de 2016, para o processo de Salvaguarda da Capoeira do Estado do Ceará, ele cita 07 legados.

Mestre Squisito nomeou o primeiro como o Legado Técnico, que diz respeito aos treinamentos e exercícios calistênicos, sequencias da regional, balões, capoeira objetiva e treino coletivo, este baseado em um modelo de capoeira competitiva do qual proporcionou os

---

42 Live Mestre Dandan & Mestre Paulão Ceará, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LjCTmxrjasU>.

primeiros intercâmbios; a participação em eventos e competições fora do estado, como foi o caso do capoeirista Francisco Lima de Souza, mestre Bulldog, que participou da Copa Senavox em Salvador – BA, conquistando o 2º lugar geral.

O segundo legado foi denominado como Coletivo, pois fora proporcionado as primeiras reuniões grupais e decisões coletivas para a capoeira, formando uma comissão de graduação e implementando um sistema único de graduação a todos os capoeiristas da cidade.

O terceiro foi chamado de Legado da Difusão, onde o mestre tratou de fazer periodicamente publicidades sobre a capoeira e suas atividades em jornais da época, como é mostrado no anúncio acima.

O próximo foi o legado nomeado como Legado Institucional. Este, ocorrido por meio do registro da Associação Terreiro Capoeira na Federação de Pugilismo, na Secretaria de Cultura do estado, sendo a associação também registrada no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica - CNPJ, do qual demandou a criação de estatuto e código de ética a capoeira.

O Legado Institucional proporcionou a busca ao que ele chamou de Legado Federativo. Buscou-se à época, a filiação da capoeira de Fortaleza em outras federações de nível nacional.

O mestre entendeu que a Graduação fez criar um outro legado, pois ele trouxera o sistema de graduação da Academia Tabosa de Brasília-DF do qual foi implantado no ano de 79 e 80 a partir dos primeiros eventos organizados que tinham como finalidade a de celebrar e realizar sua entrega.

O último foi chamado de Legado das Tradições, pois implementou os batizados, bem como os seus treinamentos e organização estavam baseados nas tradições da Capoeira Regional, estes, associados a prática de fundamentos básicos de cantoria, roda e ancestralidade, por meio da retransmissão do conhecimento adquirido através de seu mestre e de outros mestres com quem o mesmo conviveu.

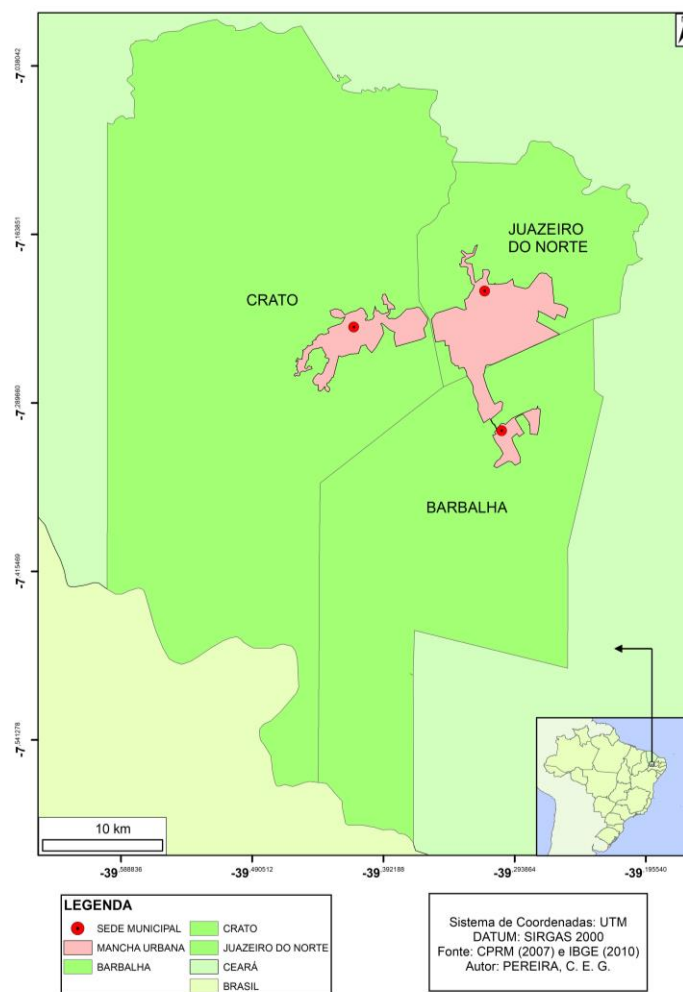
Assim, a década de 1980 foi para a capoeira de Fortaleza o período em que se consolidou os legados atribuídos pelo mestre, contribuindo de forma significativa com sua expansão pela cidade e mundo a fora.

No entanto, ocorreu em várias cidades do interior do Ceará a mesma forma de inserção da capoeira contemporânea. Antes de prosseguirmos, é necessário pontuar que o termo, capoeira contemporânea não representa para nós um estilo de capoeira, mas sim a capoeira no tempo atual.

Entendido isso, temos conhecimento de que as práticas de capoeira inseridas em outras regiões do estado do Ceará chegaram e foram implementadas por meio de pessoas que aprenderam em outras cidades brasileiras e não necessariamente em Fortaleza.

A oralidade nos permitiu gingar, encontrar e comprovar a existência de diversas pessoas e diferentes formas de inserção da capoeira no estado do Ceará. Isso é comprovado pelo exemplo da região do Cariri Cearense, onde o chamado triângulo CRAJUBAR<sup>43</sup> teve uma capoeira vinda de outros estados, principalmente do estado de São Paulo.

**Figura 17 - Mapa do triângulo CRAJUBAR.**



Fonte: IBGE (2010).

<sup>43</sup> Triângulo CRAJUBAR é um termo usado para denominar geograficamente as cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.



Nesses cerca de 14 anos vivenciando a cultura e a capoeira caririense, nos foi possível acessar depoimentos e relatos de alguns capoeiristas importantes na implementação da arte da região. Assim, Antônio Pereira Rocha, conhecido na capoeira como mestre Rocha nos fala:

Aprendi Capoeira de Rua nas quadras da cidade satélite de Taguatinga Norte, Centro e na M Norte- Distrito Federal no ano de 1974 para 1975.  
No final do ano de 1976 para 1977, vim para a cidade de Juazeiro do Norte-Ce. Ao chegar aqui, brincava de capoeira na rua com alguns meninos que moravam na proximidade, e fui treinar e auxiliar o mestre Tena, que também, naquele mesmo ano, tinha acabado de chegar do estado de São Paulo para o Juazeiro, abrindo no bairro das Casas Populares, a primeira academia de capoeira do Juazeiro do Norte, onde permaneci auxiliando o mestre até o final 1978, quando retornei para Taguatinga Norte<sup>44</sup>. *sic* (MESTRE ROCHA, 2020).

O depoimento de Mestre Rocha nos demonstra a existência da capoeira em Juazeiro do Norte na década de 1970 associada a uma pessoa conhecida por mestre Tena.

Continuando nossa ginga, em entrevista<sup>45</sup> a nós cedida, José Wilson Santos, mestre Moreno, da cidade de Juazeiro do Norte – CE, afirmou ter conhecido a capoeira na década de 1980 com o mestre Borracha, um pernambucano que sempre vinha a região para as Romarias de Juazeiro do Norte. Porém, ele veio a treinar e se consolidar enquanto capoeirista através de Raimundo Ferreira da Silva, mestre Naldo.

Outra questão elucidativa quanto a atividade na região é o fato de mestre Moreno, ter nos falado que o primeiro contato caririense com a capoeira oriunda de Fortaleza correu através de Jorge Luiz Pessoa Siqueira, mestre Jorge Ceará, quando este Filiou capoeiristas da região ao seu grupo chamado Associação Memórias de Pastinha.

Segundo dados do portal Mapa Cultural do Estado de Alagoas<sup>46</sup> mestre Jorge Ceará é natural de Fortaleza, porém, iniciou a capoeira em 1966 no estado do Rio de Janeiro com um capoeirista chamado João dos Santos. Isso nos demonstra uma outra referência externa na capoeiragem do estado.

Dadas as informações, seguimos em busca de mestre Naldo, onde o encontramos por via das redes sociais, e este nos concedeu entrevista no dia 05 de maio de 2020 por meio do aplicativo Messenger. Indagamos ao mestre onde ocorreu seu aprendizado na capoeira, quando iniciou seus trabalhos em Juazeiro do Norte – CE e se ele lembrava de alguma outra atividade de capoeira na contemporaneidade que ele iniciou.

<sup>44</sup> Entrevista realizada por meio de aplicativo de mensagens whatsapp em maio de 2020.

<sup>45</sup> Entrevista realizada março de 2017 no ginásio poliesportivo em Juazeiro do Norte -CE

<sup>46</sup><http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-aco-es/mapeamento-cultural/cultura-afro-brasileira/capoeira/mestres/jorge-luiz-mestre-ceara>

Bom, a primeira pergunta onde iniciei a capoeira. Eu iniciei capoeira em São Paulo na cidade de Guarulhos com o então mestre hoje chocolate, na época era professor chocolate na Associação Negro Nagô de Capoeira.

E na segunda pergunta você colocou quando eu comecei em Juazeiro. Eu iniciei os treinos em Juazeiro no início da década de 90. Eu iniciei o trabalho com a capoeira na cozinha da casa do meu pai e depois a gente fomos pedir um espaço no CSU aí a gente iniciamos um trabalho e em pouco tempo já tínhamos mais de 100 alunos treinando no CSU.

Aí você me perguntou agora se na minha época eu sabia demais alguém. Bom, em Juazeiro quando eu comecei não tinha ninguém dando aula ativo né? mas já tinha passado pessoas tipo Professor Venâncio que teve em Juazeiro acho que 82, 83 e tinha o professor Rocha que dava aula de educação física, mas também já era formado como professor de capoeira e depois passou a dar aula em um colégio em frente o segundo Batalhão da Polícia. Então ficamos nós dois nessa década, porque o Rocha decidiu voltar, mas ele já tinha uma história bem antes da minha com aulas de capoeira em Juazeiro<sup>47</sup>. *sic* (MESTRE NALDO, 2020).

Assim, os depoimentos dos mestres nos confirmam a existência da capoeira em Juazeiro do Norte em um tempo passado, através do mestre Rocha e de outra pessoa chamada Venâncio. Vale ressaltar o fato de mestre Moreno, ter visto a capoeira em Juazeiro através de um romeiro pernambucano de nome Antônio Santos Silva, na capoeira conhecido como mestre Borracha.

Seguindo o mesmo fluxo migratório ocorrido desde o milagre protagonizado por Maria de Araújo, uma afrodescendente e beata que vivia junto ao de Pe. Cícero em Juazeiro do Norte, mestre Borracha tornou-se residente da cidade e o mesmo relata no portal Mapa Cultural do Estado do Ceará<sup>48</sup>, que aprendera capoeira com mestre Dema na cidade de Caruaru – PE e, desde 1988 atua no Cariri cearense.

Na cidade de Crato temos a capoeira inserida no início da década de 1980 pelo Mestre Beluá. Segundo Francisco Gilberto da Silva, conhecido na capoeira como mestre Chico Ceará, mestre Beluá aprendeu capoeira no estado de São Paulo com um capoeirista de nome mestre Alemão. Do mesmo modo, a capoeira surgida na vizinha cidade de Barbalha advém do estado de São Paulo. O próprio mestre Chico Ceará que é natural de Barbalha, nos fala que aprendeu a capoeira na década de 1980 com o mestre Risadinha de Zambi na cidade de Guarulhos-SP. (SILVA, 2017).

Assim, continuando nossa ginga em busca de novos fatos sobre a capoeira no estado do Ceará, nos deparamos com uma pesquisa de doutoramento do pesquisador Gilson Soares

---

47 entrevista cedida no dia 05 de maio de 2020, por meio do aplicativo Messenger.

48 Plataforma digital de informações sobre agentes culturais da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. [https://mapacultural.secult.ce.gov.br/busca/##\(agent:\(filters:\(area:!\('Cultura%20Afro-brasileira'\)\)\),global:\(enabled:\(agent:!t\),filterEntity:agent,map:\(center:\(lat:-7.225397718091159,lng:-39.340238571166985\),zoom:13\),openEntity:\(id:33310,type:agent\)\)\)](https://mapacultural.secult.ce.gov.br/busca/##(agent:(filters:(area:!('Cultura%20Afro-brasileira'))),global:(enabled:(agent:!t),filterEntity:agent,map:(center:(lat:-7.225397718091159,lng:-39.340238571166985),zoom:13),openEntity:(id:33310,type:agent))))

Cordeiro sobre a capoeira na cidade de Camocim, nos mostrando a relação da capoeira daquela cidade com a capoeira do estado de São Paulo:

Assim, a partir da coleta de relatos orais com os capoeiras do grupo e outras pessoas da cidade, sabemos que houve na cidade um senhor de nome Batista Sena que em meados da década de 80 ou início de 90 ministrava aulas de capoeira no quintal de sua casa. Diz-se que era uma ‘capoeira primitiva’, como narra contramestre Corisco, uma forma mais voltada para a luta e eivada de duros exercícios físicos que desafiavam a capacidade do aluno em suportar uma iniciação física. Ainda segundo os capoeiras mais antigos do grupo, Batista Sena teria deixado Camocim, não retornado mais a cidade. Sabe-se que ainda existem parentes desse senhor em Camocim e cogitamos em outro momento pós-pesquisa procurar mais informações sobre este início a fim de produzir livro sobre a história da capoeira na cidade.

Outra figura importante para a história da capoeira em Camocim trata-se do falecido Mestre Rafael, o senhor Hugo dos Santos Carvalho. Segundo relatos, Mestre Rafael, filho de Camocim, teria sido aluno do Mestre Dinho, conhecido como Gafanhoto, de São Paulo no grupo 13 de Maio. Após ter migrado para São Paulo a procura de trabalho, Mestre Rafael, também conhecido como Batata em seu grupo de origem, retorna já graduado, iniciando o ensino de capoeira no aparelho governamental Centro Social Urbano – C.S.U. – em Camocim. Mestre Rafael então funda o grupo de capoeira Filhos da Treze de Maio. Segundo Contramestre Corisco era comum que os grupos surgidos como filiais de outros grupos fossem denominados como “Filhos”, daí o nome de Grupo Filhos da Treze de Maio. (CORDEIRO, 2015, p. 176-177).

A informação apresentada nos chamou atenção por conta da capoeira na cidade de Camocim – CE ser próxima a do cariri, pois ambas trazem influências do estado de São Paulo. Atribuímos como circunstâncias que promoveram essas características, as migrações em busca de trabalho, emprego e subsistência, dado o contexto social das décadas de 1970 e 1980 no nordeste brasileiro. Contexto esse permeado pelas secas, dificuldades e miséria que as cidades nordestinas vivenciavam.

Apesar de hoje existirem relações mais próximas e algumas filiações à grupos e mestras/es da cidade de Fortaleza, esses dados nos mostram e nos conduzem a outro caminho de pensamento quanto a inserção da atividade nas regiões cearenses, uma vez que, até o presente momento, muitas/os acreditam na ideia de uma capoeira saída de Fortaleza para interior, quando na verdade nossa capoeiragem “é uma teia muito complexa, é uma arte de muitas/os personagens, muitas vozes e de muitos caminhos.”(SILVA, 2017, p. 21).

Contudo, pudemos perceber a complexidade da capoeira no estado e na própria região do Cariri cearense. No entanto, não conseguimos estabelecer uma relação direta entre a capoeira praticada atualmente na região com possíveis capoeiristas do passado associados as/os cabras caririenses.

Assim, para a elucidação de algo mais aprofundado quanto a relação dessas/es cabras e os caminhos percorridos pelas/os agentes contemporâneos da capoeiragem no estado e na

região do Cariri cearense, seria necessária uma pesquisa mais aprofundada e específica aos temas.

Desse modo, essa ginga nos foi necessária e significativa para nossa compreensão histórica e social da capoeira em relação a cultura caririense, de tal modo que as informações e dados coletados nos forneceram subsídios a discussão realizada no próximo capítulo, que gingará na roda da educação.

#### 4 A GINGA DA CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO

A Capoeira é jogo – jamais, exclusivamente, esporte, defesa pessoal, espetáculo, o que quer que lhe atribuam. Este é um princípio a se estabelecer como um ponto de partida: essa atividade de origem negro-brasileira é marcada por uma funcionalidade artística e cultural, que não deve ser entendida como um conjunto de “funções aplicativas” (como o artesanato, por exemplo), e sim como funcionalidade psicológica com um valor intrínseco próprio, de natureza ética, histórica, mítica, terapêutica etc.

(Muniz Sodré, 2012).

Neste capítulo, a procura será por uma ginga que nos aponte os aspectos e contribuições da capoeira para a educação. Essa ginga foi realizada a partir de vários jogos nas rodas da observação participante, do grupo focal e nos estudos de capoeiristas/pesquisadoras/es que já vem jogando nessa roda, mas que hoje tocam os berimbaus para que possamos vivenciar a nossa capoeira/pesquisa.

Não tivemos como definir um estilo de jogo para esse momento, jogamos o da capoeira/educação em todas as possíveis nuances, para que tivéssemos as condições necessárias a realização das reflexões acerca da capoeira. Mas, nos guiamos compreendendo a capoeira como um patrimônio cultural tradicional afrodescendente brasileiro criado na diáspora e que carrega um rico potencial educativo, por ser um fenômeno originado e praticado no vivenciar, no lidar com a vida, com mundo.

Dessa forma, nos foi necessário olhar para a atuação de mestre Pastinha e mestre Bimba que são nossos referenciais ancestrais da capoeira, assim como, os dois principais expoentes da capoeira praticada na contemporaneidade. Compreendemos a ancestralidade como uma significativa referência das sociedades africanas, sendo ela “a lógica que engendra e organiza os outros elementos do pensamento africano recriado em nossas terras”. (OLIVEIRA, 2013, p. 115).

A expressão “a capoeira é mandinga” proferida por Mestre Pastinha, representa bem esse lidar com o mundo, essa característica peculiar da capoeira em ser vivência. Nosso mestre e filósofo da capoeira pensava o mundo como uma escola, nos deixando importantes reflexões sobre ser capoeirista, sobre sua complexidade e potencialidades para a vida. Para ele, a capoeira tem possibilidade para tudo na vida e que o valor do capoeirista é o respeito ao semelhante (DECANIO FILHO, 1997).

Ainda, segundo Decanio Filho (1997, p. 5), Mestre Pastinha “foi o primeiro capoeirista a analisar a capoeira como filosofia e a se preocupar com os aspectos éticos e educacionais de sua prática”. Através da análise dos manuscritos deixados por mestre Pastinha, mestre Decanio, ou Dr. Decanio como costumávamos chamá-lo, nos mostra uma importante reflexão sobre os pensamentos do referido mestre, ícone da Capoeira Angola, quanto ao universo da capoeira baiana do século XX.

É necessário situar que a capoeira que hoje praticamos tem sua base conceitual e metodológica na capoeira baiana e principalmente, a partir dos trabalhos desenvolvidos por Mestre Pastinha e Mestre Bimba.

Antes da organização metodológica realizada principalmente por esses dois mestres, a capoeira era aprendida na oitiva. Oitiva, segundo Abib (2006), era o ensino da capoeira pela oralidade, do qual se baseava na observação e na experiência, um processo diversificado e culturalmente muito rico.

Várias/os mestras/es que iniciaram a prática da capoeira até meados do Século XX, tiveram seus processos de aprendizagem pela oitiva. Abreu (2003), aponta que mestre Waldemar da Paixão aprendera capoeira, em Periperi – Salvador, no ano de 1936 por meio da oitiva, numa quitanda, através dos mestres Telabi, Siri de Mangue, Ricardo da Ilha de Maré e Neco Canário Pardo. Ainda segundo Abreu (2003), do mesmo modo, numa quitanda e por meio da oitiva, em 1935, mestre Canjiquinha aprendeu a capoeira. A capoeira dessa época, era além de uma manifestação cultural, uma luta, um divertimento. Assim, para Rego (1968) a,

capoeira foi inventada com a finalidade de divertimento, mas na realidade funcionava como faca de dois gumes. Ao lado do normal e do quotidiano, que era divertir, era luta também no momento oportuno. Não havia *Academias de Capoeira*, nem ambiente fechado, premeditadamente preparado para se jogar capoeira. Antigamente havia capoeira, onde havia uma quitanda ou uma venda de cachaça, com um largo bem em frente, propício ao jogo. Aí, aos domingos, feriados e dias santos, ou após o trabalho se reuniam os capoeiras mais famosos, a tagarelarem, beberem e jogarem capoeira. Contou-me Mestre Bimba, que a cachaça era a animação e os capoeiras, em pleno jogo, pediam-na aos donos das vendas, através de toque especial de berimbau, que eles já conheciam (REGO, 1968, p. 35-36).

Essa finalidade de divertimento, muito se aplica a época em que as/os africanas/os e as/os afrodescendentes eram escravizadas/os, onde em seus momentos de “folga” e descanso do trabalho forçado, a qual eram submetidas/os, as/os mesmas/os realizavam o que foi chamado de batuque.

O batuque era um termo genérico (ABREU, 2014), que foi assim chamado por caracterizar-se como o momento em que as/os escravizadas/os realizavam suas manifestações, pois para as pessoas desconhecedoras daquelas manifestações culturais, aquilo representava apenas zoadas, barulho. Uma vez que, eram

manifestações negras que se realizavam, quase sempre, mediante a combinação da percussão com dança. Além do atabaque, do pandeiro, da zabumba, os negros tocavam chocalho, corneta de barbeiro, violão, viola, calimba, lata, reco-reco, bambu, prato, marimba, urucungo (berimbau). Em casos extremos, qualquer zoadas de negros poderia ser interpretada como batuque, a depender da intolerância das autoridades. Aí acrescente: sapateados, alaridos, assovios, rumores, vozearias e palmeados. Imagina só!

Poderia ser uma manifestação negra de natureza sagrada ou profana. Samba, candomblé, capoeira e outras danças e folguedos negros, apesar de distintos entre si, foram denominados de batuque (ABREU, 2014, p. 15).

Essa classificação de batuque veio a durar, segundo (ABREU, 2014), até as primeiras décadas do século XX, sendo o termo muito usado pela sociedade brasileira e pelo poder público para identificar e classificar as reuniões em que as/os africanas/os e afrodescendentes se utilizavam dos tambores em seus diversos ritos culturais vindo assim, a generalizar as várias manifestações culturais afrodescendentes ocorridas, em uma única manifestação, o batuque.

Mestre Bimba afirmava que a capoeira foi criada no recôncavo baiano, lugar de muitas fazendas escravistas, onde se concentravam a maior população de africanas/os e afrodescendentes na Bahia. Assim, podemos deduzir que a capoeira era praticada nesses batuques, junto as outras manifestações da cultura africana.

Quando decretado o fim da escravidão colonial no Brasil, boa parte das/os africanas/os e afrodescendentes que não continuaram nas fazendas, foram ocupar as cidades formando assim, os bairros periféricos e como de costume, nos dias de santos, festas e momentos de folga, elas/es se reuniam para realizar suas manifestações culturais. A capoeira então passou a ser praticada, nesses lugares de passeio e divertimento, em especial nas festas populares e nas quitandas onde as/os capoeiristas se encontravam para o lazer e diversão.

O ensino e aprendizado da capoeira ocorreu, por muito tempo através da oralidade, por meio da oitava, de tal modo que as rodas dos batuques nos engenhos, as rodas de capoeira nas ruas, quitandas, largos e cais de portos foram as escolas de capoeira para as/os capoeiristas até as primeiras décadas do século XX.

Com a criação da Capoeira Regional e a organização metodológica de mestre Pastinha, a capoeira passa a ocupar outros locais e a sua forma de ensino foi aos poucos tomando outros caminhos. A Capoeira Regional era ensinada por meio de 08 sequências de

ensino e cursos de especialização em espaços fechados, na academia, na universidade e a Capoeira Angola aos poucos também seguiu o mesmo percurso, saindo das ruas e indo para os recintos fechados, as academias. Pois também criou-se novas formas de ensino que até hoje são utilizadas.

Mesmo com essa mudança, e por ser uma cultura afrodescendente, a oralidade ainda se faz importante no ensino e aprendizado da capoeira. Muito se aprende de oitava e a roda ainda continua sendo um dos lugares privilegiados de ensino da capoeira.

Portanto, vamos fazer esse jogo atentos as novas características de ensino da capoeira, desenvolvidas a partir da criação da Luta Regional Baiana, a Capoeira Regional. Vamos vadiar no ritmo da capoeira na educação, observando as manhas e as mandingas que os mestres utilizaram e ainda utilizam para saber como ela pode contribuir para educação.

#### 4.1 O ENSINO NA CAPOEIRA ANGOLA

Por ser considerada a nós capoeiristas como a capoeira mãe, aquela que deu à luz a todas as outras formas de capoeira desse mundo contemporâneo, vamos começar nosso jogo pela Capoeira Angola.

Ao olhar leigo que enxerga apenas o superficial, essa expressão de nossa cultura conhecida como Capoeira Angola se caracteriza por seu jogo manso que mais parece uma dança, quando na verdade “é uma relação dialética entre uma aparente brincadeira descontraída e as sagradas e íntimas relações interpessoais” (CASTRO JUNIOR, 2003).

Apesar de carregar como qualidade a aparência lúdica, na Capoeira Angola a/o capoeirista procura atrair a/o jogadora/or oponente tentando buscar seu envolvimento nessa suposta ludicidade, até chegar o momento em que possa surpreendê-la/lo, seja aplicando um golpe certo ou apenas demonstrando a possibilidade de tal ação.

Cada jogadora/or tem seu estilo de jogo, a ser definido pelo corpo em ginga, pelas expressões corporais ou pela mandinga, isto é, pelas brincadeiras, gestos e demais artimanhas capazes de seduzir a/o jogadora/or oponente. Há de se considerar, que essa característica muito bem elaborada pelas/os capoeiristas, também contribuiu para que a capoeira fosse preservada, pois a ela

implicava, como toda estratégia cultural dos negros no Brasil, num jogo de resistência e acomodação. Luta com aparência de dança, dança que aparenta combate, fantasia de luta, vadiação, mandinga, a capoeira sobreviveu por ser *jogo*



*cultural*. Um jogo de destreza e malícia, em que se finge lutar, e se finge tão bem que o conceito de verdade da luta se dissolve aos olhos do espectador e – ai dele – do adversário desavisado (SODRÉ, 1983, p. 206).

Essa aparência, esse fingir lutar por meio da dança, fora, e ainda é, um traço marcante na personalidade da Capoeira Angola, que preservava a natureza da capoeira antiga praticada nas rodas de batuques e assim, se manteve viva a prática em diversos lugares da cidade de Salvador - BA

Continuando com o pensamento de Sodré (1983, p. 212) o “mestre de capoeira negro, cria as condições de aprendizagem, (formando a roda de capoeira) e assiste a elas”. Para o autor, também capoeirista, esse processo de ensino é realizado sem a necessidade de um aporte intelectual, onde o aprendizado ocorre pelo corpo. “O capoeirista, senhor do corpo, improvisa sempre e, como o artista, cria” (SODRÉ, 1983, p. 212).

Não muito diferente desse pensamento, mestre Pequeno em nosso grupo focal observa que a “capoeira é luta pra quem quer lutar, é jogo pra quem quer jogar e dança pra quem quer dançar” (MESTRE PEQUENO, 2020). corroborando assim, para nosso entendimento sobre as práticas conservadas até os dias de hoje.

A preservação dessa cultura, dessa prática, desse jogo de mandinga, teve como referência a pessoa de mestre Pastinha, pois o mesmo foi escolhido pelos capoeiristas baianos para tomar conta do movimento existente em Salvador - BA. “A sua escolha para “mestrar” a capoeira tradicional baiana, que passou então a ser chamada de Capoeira Angola, foi pelo seu grau de mestria, pelo seu alto conhecimento espiritual e filosófico, pelo seu caráter educador” (MAGALHÃES FILHO, 2012, p. 74). Ainda para o autor, o referido mestre “era um dos poucos que sabia escrever bem” (MAGALHÃES FILHO, 2012, p. 74) e assim, teria ele, condições de realizar a articulação da capoeira tradicional com os âmbitos da sociedade baiana, uma vez que:

a capoeiragem, como se sabe, durante muito tempo fez parte do universo masculino da marginalidade e da contravenção, e boa parte dos documentos que relatam esse período na Bahia, principalmente no que diz respeito às primeiras décadas do século XX, referem-se às notícias publicadas nas páginas policiais de jornais da época e processos-crimes registrados nos arquivos da polícia (ABIB, 2013, p. 20).

A capoeira que mestre Pastinha aprendeu e conviveu no início do século XX, se caracterizava, para sociedade baiana, como espaço de marginalidade onde seus praticantes eram socialmente mal vistos.

Dentro desse contexto, nosso filósofo e guardião da Capoeira Angola soube jogar um jogo de estratégia que visava uma relação mais harmônica entre a capoeira e a sociedade, para assim, ela ser vista e aceita socialmente como algo de valor cultural.

Aproveitando-se do momento político brasileiro e da interlocução realizada por José Sisnando Lima<sup>49</sup> ao seu contemporâneo Mestre Bimba junto ao governo baiano, mestre Pastinha soube organizar a capoeira Angola, difundindo seus pensamentos, preservando suas matrizes afrodescendentes, criando regras e formas de ensino.

É salutar lembrar, que nesse momento se construía uma identidade oficial a partir da política populista de Getúlio Vargas, e a capoeira baiana surgia como um esporte/luta que veio a contribuir para essa construção identitária nacional e assim, seguindo o modelo político vigente.

Assim sendo, o mestre valeu-se do momento político, adequando sua capoeira ao contexto exigido, para a realização de seu desejo. A aceitação da capoeira como cultura de valor a sociedade baiana.

Portanto, mestre Pastinha ao assumir a Capoeira Angola, começa a organiza-la realizando o registro jurídico do Centro Esportivo de Capoeira Angola, pensando um modelo de bateria para a roda, criando carteira de identificação e uniformização padronizada, e atribuindo estágios e certificação aos seus alunos. “Providenciei um centro para os capoeiristas com registro, carteiras, e camisas para seu esporte” (PASTINHA, [19-], p. 20). Assim, o sábio mestre, que auto se referenciava como o “educador da capoeira tipo Angola”, conseguiu institucionalizar a capoeira Angola, mostrando seu valor cultural e educacional a sociedade soteropolitana.

Acrescente que, para tal feito mestre Pastinha buscou uma práxis capoeirana (CASTRO JUNIOR, 2003), (FALCÃO, 2004), onde seu universo de capoeira estava ligado à suas ações na sociedade, se renovando constantemente a cada momento histórico e garantindo sua preservação cultural.

---

49 Cearense natural da cidade de Crato, José Sisnando Lima formou-se pela Faculdade de Medicina de Salvador, tornando-se especialista em neuro-psiquiatria. Clinicou em Santa Bárbara, seguindo depois para o sul do Ceará e norte de Minas. Retornou à Bahia e novamente em Santa Bárbara destacou-se pelos investimentos na agricultura, o que lhe garantiu a presidência do Sindicato Rural de Feira de Santana. Foi também médico da Secretaria de Agricultura, supervisor estadual da Merenda Escolar e professor de Biologia. Eleito vereador em 1958, chegou à presidência da Câmara e, nesta condição, substituiu o então prefeito Arnold Silva por quatro meses, no ano de 1962. Cearense, da cidade de Crato, que na época foi estudante de medicina em Salvador e aluno de Mestre Bimba.

Informação retirada do blog: <http://oliveiradimas.blogspot.com/2009/06/veradores-que-foram-prefeitos-de-feira.html> Acesso em 02/01/2020.

Para Dr. Decanio, também aluno do mestre, Sisnando foi “a pedra fundamental da Capoeira Regional”.

No contexto dessa práxis, o mestre afirmava que “a capoeira está dividida em três partes, a primeira é a comum, é esta que vê ao público, a segunda e a terceira, é reservada no eu de quem aprendeu, e é reservada com segredo, e depende de tempo para aprender” (PASTINHA, [19-], p. 14) assim, o mestre norteava a capoeira a um princípio ancestral africano: o segredo.

Dessa maneira, o ensino na Capoeira Angola está pautado a uma visão de mundo transmitida pelo mestre, se apoiando nas tradições africanas, onde a preservação de valores sociais e comunitários são orientados pelo mais velho da comunidade que tem a palavra, a oralidade, como fonte de conhecimento.

#### 4.2 O ENSINO NA CAPOEIRA REGIONAL

Do mesmo modo, a Capoeira Regional está pautada a uma visão de mundo transmitida pelo mestre, nesse caso Mestre Bimba. Por ser uma prática de capoeira, o estilo Capoeira Regional, consolidado a partir da década de 1930 também segue princípios afrodescendentes em seu fazer. E não poderia ser diferente.

A Capoeira Regional, foi criada como um estilo de luta denominada, por Mestre Bimba, ou pelos que o ajudaram a realização desse feito, como Luta Regional Baiana. Nessa criação, existiu a adaptação de golpes de outras lutas. “Ele utilizou os seus conhecimentos da capoeira primitiva e da luta denominada batuque” (CAMPOS, 2009, p. 53).

Sabe-se no mundo capoeirístico, que a Capoeira Regional foi também uma forma de resistência a capoeira existente na época, que aos olhos e ao pensamento de Mestre Bimba estava fugindo da sua essência resistência e luta se transformando em algo que mais parecia uma demonstração de dança (CAMPOS, 2009).

Ainda segundo Campos (2009, p. 54), Mestre Xaréu discípulo de mestre Bimba, “as características principais da Capoeira Regional são: Exame de admissão, sequência de ensino de Mestre Bimba, sequência da cintura desprezada, batizado, roda, esquentar banho, formatura, jogo de Iúna, curso de especialização e toques de berimbau”.

Percebe-se, que esse estilo traz como método de ensino algo sistematizado e com fases estipuladas, seguindo dessa forma, um modelo voltado a lógica acadêmica e as lutas orientais, das quais o ensino e aprendizagens ocorrem através da superação de etapas pré-estabelecidas.

Essa visão e concepção metodológica realizada por mestre Bimba, certamente surgiu a partir de seu envolvimento com acadêmicos do curso de medicina. A história oral nos conta que isso tenha ocorrido através do cearense José Sisnando Lima, lutador de outras artes marciais e na época acadêmico de medicina.

Sisnando procurou Mestre Bimba em busca de aprender a capoeira e o mestre lhe teria negado, falando a ele que capoeira não seria coisa para branco. Depois de muita insistência por parte do cearense o mestre teria dito que se ele aguentasse um determinado tempo submetido ao colar de força<sup>50</sup> ele o ensinaria. O jovem estudante concordou com a proposta e aguentou o golpe aplicado pelo mestre que cumpriu com sua palavra, ensinando a capoeira a pessoa que viria a ser, para Dr. Decanio, a pedra fundamental da Capoeira Regional,

... a luta regional baiana...  
 ... está diretamente ligada...  
 ... a alguns fatos históricos da década dos anos 30...  
 ... à chegada a Salvador...  
 dum cearense apaixonado pelas artes marciais...  
 ... Cisnando Lima...

(DECANIO, 1997, p.115).

Na concepção de Dr. Decanio, a Capoeira Regional tem em Sisnando Lima um importante agente de transformação, pois o desejo de mestre Bimba em dar um novo caráter a capoeira praticada na época veio a se materializar após seu envolvimento. Segundo Oliveira (2010, p. 122), “Sisnando ajudou a escrever um capítulo importante da capoeira na capital baiana, na década de 1930”. Pois,

Depois de ter conhecido a capoeira, se sensibilizou com o reconhecimento dessa prática cultural de matrizes africanas, cumprindo um papel importante na legitimação da capoeira baiana. Sisnando Lima tinha alguma aproximação com o interventor do Estado Novo na Bahia, Juracy Magalhães, o que lhe permitiu criar um espaço para que Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba), um conhecido capoeirista, fizesse uma apresentação de capoeira no Palácio do Governo, evento este que ficou conhecido como divisor de águas na história da capoeira baiana entre o significado da marginalidade e o da legitimação social (OLIVEIRA, 2010, p. 122).

Sabe-se, também através da oralidade, que outros cearenses contemporâneos a Sisnando Lima e estudantes do curso de medicina, foram importantes nesse processo de concepção da Capoeira Regional, dentre eles, Galba, Bonfim e Ruy Goveia. Segundo Araújo (2008, p. 30),

---

<sup>50</sup> O mesmo que gravata. golpe em que a pessoa prende e aperta o pescoço de seu oponente com o braço afim de desmaia-lo. No Jiu Jitsu, é popularmente conhecido como mata leão. Seu nome oficial é Hadaka Jime. Um estrangulamento pelas costas do oponente, do qual procura-se fechar o pescoço do oponente com bíceps.

Documentos dessa época indicam José Cisnando Lima como o responsável pela formação da primeira turma de capoeira, composta por estudantes de medicina, que era mentor intelectual para Mestre Bimba, auxiliando-o no processo de sistematização do método de ensino. Um aspecto curioso dessa turma é a origem dos seus membros que, como Cisnando, eram quase todos cearenses. Naquela época, a Faculdade de Medicina da Bahia (primeira do Brasil) era referência nacional em ensino superior, e nela estudavam os filhos da elite do Nordeste do Brasil.

Voltando ao Mestre Bimba, é certo que a proibição da capoeira inscrita em código penal, a perseguição aos capoeiristas tidos como malandros e capadócios e a submissão dos capoeiristas na disputa de dinheiro em jogos realizados para tal fim, lhe provocaram a “ânsia por liberdade” já galgada por seus antepassados quando estavam presos nas fazendas do recôncavo baiano.

No primeiro momento, Bimba idealizou expor a Capoeira Regional como uma luta de grande valor, mostrando ser ela diferente da capoeira que estava sendo praticada, muito voltada para apresentações públicas, no intuito de granjear a simpatia dos assistentes e angariar dinheiro para o sustento dos praticantes, os quais se esmeravam numa disputa para pegar as cédulas de dinheiro que eram jogadas dentro da roda, fazendo o máximo na disputa, pois o ponto alto era pegar o dinheiro com a boca; coisa que Bimba não concordava e até mesmo repudiava (CAMPOS, 2009, p. 120).

Dessa forma, teria ele a consciência de que a capoeira deveria apresentar outra acepção devendo romper com a forma até então praticada, preservando sua afrodescendência e provocando um novo olhar a sua prática. Por ser um lutador, mas também por ser a cultura africana proibida, discriminada e estereotipada, existia ainda uma clara pretensão em cunhar algo de caráter esportivo, não à toa sua criação teve o nome de Luta Regional Baiana.

Ainda segundo Campos (2009, p. 119), Mestre Bimba teria “que resistir, mostrar o valor do povo afro-descendente, a capacidade do negro, sua importância cultural, quebrar os preconceitos, participar da sociedade na sua plenitude, ser brasileiro e acima de tudo mostrar um jeito simplesmente de ser gente”.

Assim, a Capoeira Regional motiva “uma nova abordagem expansionista e pedagógica da capoeira” (CAMPOS, 2009, p.120). Dentro dessa perspectiva pedagógica, mestre Itapuã, também discípulo de mestre Bimba, afirma que “a Capoeira Regional de mestre Bimba seria a primeira forma de aprendizado de capoeira dotado de um esquema técnico em sua produção e reprodução” (ALMEIDA, *apud* COSTA, 2000, p. 141).

Essa forma de aprendizado, seguia uma metodologia de ensino baseado no aprendizado de oito combinações de golpes, atualmente conhecidas como Sequências de Ensino da Capoeira Regional ou como Oito Sequências de Bimba.

Ao iniciar a prática da capoeira, o aluno chamado à época de calouro, aprenderia a gingar e depois seguia ao aprendizado das movimentações através das sequências. Como o aluno repetia os golpes ao executar as sequências, logo ele conseguiria realizar o jogo da capoeira.

Ao perceber que o calouro havia aprendido o jogo, que ele já sabia executar em dupla as movimentações da capoeira, o mestre preparava a cerimônia de batizado. Era o dia de “entrar no aço”, de jogar com o companheiro, um aluno formado, ao som do berimbau pela primeira vez.

Sendo assim, a sequência tornou-se “uma ferramenta privilegiada do saber fazer, nela ressaltam claramente os elementos do jogo, marcada por ser uma atividade física e mental que possui um conjunto de regras próprias que conduzem a um resultado específico.” (CAMPOS, 2009, p. 229). Aprender a jogar capoeira.

#### 4.3 A GINGA DA CAPOEIRA PARA A ESCOLA

Em geral, a prática e o ensino da Manifestação Cultural Capoeira ocorrida nas escolas tem como premissa uma atividade esportiva e ou de recreação. O olhar direcionado a capoeira é, portanto, de um entendimento e concepção da atividade apenas como desporto seja ela desenvolvida em projetos governamentais como por exemplo, o Programa Mais Educação<sup>51</sup>, seja na seção do espaço físico da escola à grupos ou coletivos de capoeira, seja em leis municipais de capoeira nas escolas contemplados em alguns municípios brasileiros.

Sem dúvidas, esse é o atributo mais fácil de se observar em sua prática, tornando-se a argumentação mais comum nos discursos de políticos, gestores escolares e profissionais da capoeira. É a qualidade comum, a que está aos olhos das pessoas. É o que mestre Pastinha vai chamar de primeira parte “que vê ao público” (PASTINHA, [19-], p.14). Tal fato não é uma

---

<sup>51</sup> O Programa Mais Educação é operacionalizado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), em parceria com a Secretaria de Educação Básica (SEB), por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) para as escolas prioritárias. [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passopasso\\_maiseducacao.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passopasso_maiseducacao.pdf)

novidade, como também não enxergamos de um todo errado o pensamento por esse viés, afinal a capoeira também carrega consigo essa característica.

O que nos faz questionar essa visão e tendência já consolidada nos meios educacionais é que em muitos dos casos, os setores sociais, as instituições escolares e muitos capoeiristas na contemporaneidade olham para a capoeira apenas como uma atividade esportiva e de lazer. Uma luta, a arte marcial brasileira.

Assim, as escolhas para essa atividade giram em torno da capoeira como esporte, como aponta Pereira (2019), em entrevista realizada a uma coordenadora do Programa Mais Educação – PME, de uma escola municipal. “A capoeira entrou porque chegou uma monitora de capoeira aqui na escola. Como havia uma vaga no esporte, a gente encaixou ela. Porque no macrocampo esporte havia essa possibilidade” (PEREIRA, 2019, p. 285).

Antes de seguirmos, é relevante situar que:

O Programa Mais Educação é operacionalizado pela Secretaria de Educação Básica (SEB), por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), e destinado às escolas de territórios prioritários. As atividades fomentadas foram organizadas nos respectivos macrocampos: Acompanhamento Pedagógico; Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável; Esporte e Lazer; Educação em Direitos Humanos; Cultura, Artes e Educação Patrimonial; Cultura Digital; Prevenção e Promoção da Saúde; Comunicação e uso de Mídias; Investigação no Campo das Ciências da Natureza e Educação Econômica/Economia Criativa (BRASIL, 2012, p. 5).

As atividades escolhidas para a fomentação das ações estavam organizadas em macrocampos. Por sua vez, cada macrocampo contém várias atividades de ensino e a escola opta por atuar nos macrocampos dos quais acreditam ser viáveis a adequação e execução na escola. Observando junto ao Manual Operacional de Educação Integral (BRASIL, 2012) percebe-se que o macrocampo Esporte e Lazer não aponta a atividade capoeira como ação integrante desse tópico. A capoeira aparece como atividade apenas no macrocampo Cultura, Artes e Educação Patrimonial.

No caso analisado por Pereira (2019), a capoeira foi implementada em um macrocampo onde a mesma não está inserida, dessa forma o autor continua:

Nesse sentido, por mais que haja um reconhecimento da capoeira como um elemento da cultura afro-brasileira, a visibilidade e o direcionamento do trabalho se deu a partir do seu entendimento como uma prática esportiva. O caráter esportivo, além de estar presente no conteúdo das aulas, é reforçado por uma proposta do grupo de capoeira ao qual a oficina está ligada (PEREIRA, 2019, p. 299).

A observação realizada pelo autor, corrobora com nossa afirmação de que a maioria das pessoas à frente das escolas e instituições governamentais e muitas/os capoeiristas, só olham e compreendem a capoeira pelo viés esportivo.

Nossa afirmação foi confirmada quando fomos analisar o Programa Novo Mais Educação – PNME, “instituído pela Portaria nº 1.144, de 10 de outubro de 2016” (BRASIL, 2016), que

visa a ampliação da jornada escolar de crianças e adolescentes, mediante a complementação da carga horária de cinco ou quinze horas semanais no turno e contraturno escolar que deverá ser implementado por meio da realização de acompanhamento pedagógico em língua portuguesa e matemática e do desenvolvimento de atividades no campo das artes, cultura, esporte e lazer (BRASIL, 2016, p. 3).

A partir dessa análise, percebemos que o PNME difere do PME, quando propõe a ampliação da carga horária escolar, mas também quando não traz a organização enquanto macrocampos para áreas de atuação, adotando e compreendendo o que corresponde a estes macrocampos como atividades complementares. Estas, aparecem divididas em dois campos, o Campo das Artes, Cultura e o Campo de Esporte e Lazer.

Com a capoeira, a diferenciação ocorreu quando sua abordagem, no PME, era acondicionada ao macrocampo Cultura, Artes e Educação Patrimonial foi transferida, no PNME, ao Campo de Esporte e Lazer. Quando na verdade, era para a capoeira ser acondicionada em ambos macrocampos (PME) ou campos (PNME) porque é característico dela ser uma atividade cultural e esportiva.

Em nossa observação participante, ao evento Terreirada no Cariri, percebemos capoeiristas que só participam dos momentos das rodas de capoeira não se envolvendo nas demais atividades propostas. Essa situação nos faz perceber que algumas e alguns capoeiristas participantes do evento, pensam da mesma forma. A capoeira apenas enquanto uma luta/esporte.

Como já observado anteriormente, não estamos querendo dizer que na capoeira não há o aspecto esporte/luta. Estamos apenas mostrando o quanto diminuimos e fragilizamos uma manifestação cultural afrodescendente brasileira de grande potência, importância, e responsabilidade educacional através da lei 10.639/03, a enquadrando em apenas uma categoria.

Por sermos mestres de capoeira e professores da rede estadual de ensino do estado do Ceará, observamos a ocorrência desse fato não apenas por falta de conhecimento. Isso acontece pela própria história social da capoeira, como também por racismo as/aos



afrodescendentes e por preconceito a cultura africana e afrodescendente, especialmente as manifestações religiosas. Associa-se comumente a capoeira ao Candomblé e a Umbanda, empregando a elas um termo preconceituoso e generalizado: a Macumba.

Semelhante ao nosso pensamento, mestre Rosenberg Pequeno aponta, na ocasião do grupo focal, essas questões.

as escolas estão abertas, nós temos a lei 10.639 na mão, que permite que nós estejamos nas escolas fazendo trabalho com as crianças, não é? existe, tem lei tramitando no congresso de autorização de capoeira nas escolas não é? ne!? Já foi aprovado só que o lob, contrário, as coisas do povo, dos negros, dos pobi é muito grande, ta travado lá. mas isso vem também, de grande parte da questão religiosa. grande parte, não é!? dos “santos” (MESTRE PEQUENO, 2020).

De certo modo, nos alivia perceber a existência de capoeiristas conscientes do jogo preconceituoso ocorrido na roda da capoeira/escola. Porém, sabemos que essa é a retórica, pois o fenômeno social preconceito está presente em todas as camadas sociais de nosso país. Para além disso, o mestre nos mostra que a política nacional não se preocupa com temas relacionados as/aos afrodescendentes e as/aos pobres brasileiros.

Temos uma lei 10.639/03 para oportunizar o conhecimento e a valorização da cultura africana em nosso país atuando principalmente na diminuição do preconceito, e temos tramitando no Senado Federal a PLS nº 17/2014<sup>52</sup>, um projeto de lei específico para capoeira. Porém, existe uma estrutura social no Brasil que impede essas ações.

A exemplo, as religiões cristãs contribuem de forma significativa a proliferação do preconceito quando atacam os locais sagrados das religiões de matrizes africanas ou quando em seus cultos e ações “evangelizadoras” afirmam ser diabólicas as manifestações da cultura afrodescendente em nosso país.

Sendo a escola uma instituição pertencente à sociedade, estará ela imersa em conflitos e lutas ocorridas no campo social. É assim que as atitudes preconceituosas chegam na escola. Muitas/os de nossas/os professoras/es, gestoras/es e técnicas/os educacionais responsáveis pela condução da educação brasileira transferem seus valores pessoais as instituições das quais estão à frente, propagando e inculcando, mesmo de modo velado ou não intencional, o preconceito e a discriminação racial.

Para Almeida (2018) esse preconceito parte de um juízo de valores baseados em estereótipos sobre indivíduos pertencentes a um determinado grupo racializado. Assim, sob

---

<sup>52</sup> PLS nº 17/2014, Ofício nº 734/2015 – SF. Institui o reconhecimento do caráter educacional e formativo da capoeira em suas manifestações culturais e esportivas e permite a celebração de parcerias para o seu ensino nos estabelecimentos de educação básica, públicos e privados; tendo parecer da Comissão do Esporte, pela aprovação, com substitutivo (relator: DEP. MÁRCIO MARINHO).

um ponto de vista institucional, “o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que imediatamente, desvantagens e privilégios a partir da raça” (ALMEIDA, 2018, p. 29).

Na capoeira de hoje ocorre um crescente fenômeno de apropriação conhecido como capoeira gospel, da qual entendemos como capoeira evangélica. Seria uma capoeira baseada em princípios do cristianismo protestante, onde toda e qualquer veiculação com a cultura africana é negada, pois “com seus princípios baseados na bíblia, desestruturam os alicerces da capoeira secular que tem suas bases nas tradições culturais de origem africana, que funde mitos, ritos e esporte”. (BRITO, 2007, p. 7).

Essa descaracterização, tem suas bases no preconceito a cultura africana que cultua os orixás em seus ritos religiosos. Assim, é notável pensar, que esse fenômeno tem contribuindo também ao olhar da capoeira apenas como uma prática esportiva, competitiva e de luta, pois desvincula toda e qualquer possibilidade da capoeira enquanto uma manifestação cultural afrodescendente.

Dado o contexto do preconceito racial brasileiro (ALMEIDA, 2018), bem como o contexto social das/os capoeiristas e das/os gestoras/es das instituições de educação no Brasil, a consequência disso é que, a depender da opção religiosa da/os gestoras/es e das/os professoras/es de capoeira, a implementação da atividade de capoeira na escola se condicionará somente ao aspecto luta e assim, negará toda sua matriz africana.

Esses “valores” propagados pelo movimento da “capoeira evangélica” tem se refletido em diversos grupos de capoeira mesmo não seguindo em essa tendência. Pois, tem ocorrido de forma indireta, nas relações construídas no passado quando os capoeiristas e grupos não eram cristãos evangélicos.

Saliente-se ainda que, antigamente as/os capoeiristas que se convertessem a doutrina evangélica teriam que abandonar a capoeira. Era comum nos papoeiras da vida/capoeira surgirem casos, do qual ao se perguntar sobre a motivação da parada e distanciamento de alguma/a capoeirista a resposta ser: “Virou evangélica/o”.

Conhecemos várias/os praticantes de capoeira que passaram por isso, mas por questões éticas não vamos nomeá-las/os. Podemos, porém, apresentar um caso ocorrido em nosso grupo, Terreiro Capoeira, onde o mestre, Everardo Carlos Pereira, Soldado, (*in memoriam*) converteu-se a doutrina evangélica e parou a capoeira, vindo a retornar a sua prática somente após saber que carregava uma grave doença que lhe levou a vida nesse plano.

Não temos certeza se o mestre Soldado voltaria a prática da capoeira caso não houvesse adquirido essa doença, mas ao convivermos com ele nesse retorno, era evidente sua emoção em ministrar as aulas como também, na participação de eventos e rodas pela cidade de Fortaleza - CE. Observamos também, que nos últimos anos de sua vida o mestre se envolveu em todas instâncias possíveis da capoeira da cidade.

Contudo, estamos querendo dizer que, para a/o capoeirista ser evangélica/o em uma determinada época no Brasil era necessário abandoná-la, pois a mesma se configurava como algo impróprio ao ser de deus. A capoeira, era o batuque, enquanto termo genérico (ABREU, 2014), de outros tempos em pleno mundo moderno.

Nos tempos de hoje, a capoeira desperta o olhar das lideranças religiosas aos seus outros aspectos, tais como sua abrangência mundial, a aglomeração de pessoas, o relacionamento com instâncias políticas, sociais e comunitárias, além da liderança exercida pelas/os mestras/es e ou responsáveis em seus locais de atuação.

Assim, verifica-se na sociedade brasileira um processo contínuo de apropriação cultural à capoeira, que vem negando e isolando seus atributos afrodescendentes em decorrência de um bem maior, o “deus” cristão.

Por outro lado, escutamos em muitas rodas de capoeira falas que dizem não existir religião na capoeira, mas sim nas/os capoeiristas. “A capoeira não tem religião, quem tem é o capoeirista.” Em nosso grupo focal, quando indagamos sobre a ancestralidade na capoeira, surgiu essa mesma questão, como segue:

Eu acho também que é assim, segundo o mestre falou e contempla muito bem, o que eu falei de manhã em respeito a religiosidade, que capoeira não tem religião. o capoeirista sim né? e... num sei. independente da religião de qualquer um, quem nunca, qual capoeirista que chegou numa roda ou escutou uma música daquelas que tipo te toca profundamente e num arre pia? né? isso dali é nossa ancestralidade se manifestando. é que nem as vezes eu vou num canto, e meu pai já esta dessa pra melhor, se encontrou-se, e as vezes, ó, eu lembro dele me arripeio cara! isso alí é a minha ancestralidade. né? e é minha ancestralidade carnal mesmo, não é só a espiritual. do, do, da manifestação capoeirística que a gente carrega com ela. porque queira ou não ela anda junto (MESTRE CHICO, 2020).

A escrita desse trabalho e o momento político brasileiro, tem nos proporcionado a reflexão sobre essa frase. As pesquisas bibliográficas acerca da capoeira e das bases históricas para essa realização, nos conduziram a imersão na historicidade e nas relações políticas e conflituosas que a capoeira se inseriu ao longo do tempo, mostrando que ela nasce a partir da cultura africana junto a diversas outras manifestações da cultura afrodescendente no Brasil.

A compreensão quanto ancestralidade pontuada por mestre Chico Ceará, nos é fornecida através da análise realizada por Sodré (1983, p. 127) onde nos mostra “que a cultura tradicional dos terreiros difere da cultura ocidental moderna”, porque para o autor, na cultura negra a troca é sempre simbólica, ela não exclui nenhuma entidade seja animais, plantas, minerais e pessoas, mortas ou vivas.

Na capoeira, denominamos esse arrepio, citado pelo mestre, de axé. É ele que energiza a roda, tornado ela passível de jogo, de harmonia entre os jogadores, proporcionando a alegria das/os capoeiristas em seu ritual. Para Sodré (1983, p. 127-128), o

*Axé é força vital, sem a qual, segundo a cosmogonia nagô, os seres não poderiam ter existência nem transformação. É um princípio dinâmico (como fogo no pensamento de Heráclito), que não se limita, aliás à ordem nagô. Os bantus também o têm como um princípio essencial, designado principalmente pela palavra muntu. O muntu, assim como o axé, existe nos animais, minerais, plantas, seres humanos (vivos e mortos), mas não como algo imanente: é preciso o contato de dois seres para sua formação. E, sendo força, mantem-se, cresce, diminui, transmite-se em função da relação (ontológica) do indivíduo com os princípios cósmicos (orixás), com os irmãos de linhagem, com os ancestrais, com os descendentes.*

Na capoeira não é diferente, construímos uma relação de irmandade com nossos pares, sejam nossas/os ancestrais, nossas/os mestras/es, nossas/os camaradas ou nossas/os alunas/os. São nossas/os irmãs/os de linhagem, seja para o passado, presente ou futuro.

Como já falado no início desse capítulo, o termo usado no Brasil aos cultos e as outras manifestações africanas e afrodescendentes foi o batuque. Ao olhar cristão mais parecia um rito satânico, dada as formas e a complexidade das várias manifestações realizadas naquele espaço.

Para Pires (2004, p. 38) “a expressão batuque, repleta de significados, podia representar diversas expressões culturais”. Por esse motivo, temos que situar o batuque, pois ele aparece na historicidade como duas principais coisas: a primeira diz respeito ao batuque enquanto um termo genérico para designar toda e qualquer manifestação cultural africana ou afrodescendente. E a segunda, refere-se ao batuque dança, uma manifestação cultural africana trazida ao país no corpo, e na alma dos humanos escravizados. Abreu (2014) traz uma fala em que Mestre Cobrinha Verde dizia que, da dança batuque nasceu a capoeira.

*o primeiro passo da capoeira foi da dança batuque, que tinha: o balão de boca de calça, a encruzilhada, a banda de lado, a banda trançada, a rasteira – todos esses nomes citados eram da dança batuque. Então eles, os africanos, foram treinando e foram estudando (MESTRE COBRINHA VERDE *apud* ABREU, 2014, p. 73).*

Essa dança se evidenciou no recôncavo baiano, “dessa dança é que foi tirada a capoeira, é que foi construída a capoeira” (MESTRE COBRINHA VERDE *apud* ABREU, 2014, p. 73).

Nesse batuque (termo genérico) se manifestavam principalmente os ritos religiosos africanos, que mais tarde veio a se organizar num local que ficou conhecido como terreiro, o território sagrado, e com o culto a todos os orixás: o Candomblé.

Da mesma forma, o batuque dança/luta, o samba e a capoeira se manifestavam nesse espaço do termo genérico e posteriormente vieram a surgir individualmente. Assim, “quando Bimba sustentava que a capoeira era uma criação brasileira, tinha toda razão, por referir-se à síntese operada no Recôncavo a partir da múltipla herança africana” (SODRÉ, 2002, p. 36).

Portanto, as relações da capoeira com a religiosidade africana se estabelecem nesse contexto da herança ancestral, principalmente em seu aspecto luta, no sentido de que a luta é o que põe fim a imobilidade e assim possam dar continuidade à existência (SODRÉ, 1983).

nas relações dos homens com os orixás, destes entre si, dos animais com os homens, do principio masculino com o feminino, há sempre a dimensão de luta (*ijá*, em nagô). Na verdade, as coisas só existem através da luta que se pode travar com elas (exu, orixá responsável pela dinamicidade das coisas, é também chamado de *pai da luta*). Não é a violência ou a força das armas que entram em jogo aqui (a guerra é um aspecto pequeno e episódico da luta), mas as artimanhas, a astúcia, a coragem, o poder de realização (axé) implicados. A luta é o movimento agonístico, o “duelo”, suscitado por uma provocação ou um desafio (SODRÉ, 1983, p. 143).

Dado os desafios impostos as/os africanas/os no Brasil, essa luta aparece no campo simbólico, sendo ela utilizada para a manutenção da sobrevivência física, mas também cultural, visto se tratar de uma população obrigada a viver submissa ao poder dominante.

Esse poder dominante atribuía uma ideologia ocidental que abominava e discriminava toda e qualquer ideologia diferente. O desafio, portanto, era resistir para sobreviver. Seguindo esse pensamento, mestre Pequeno nos contempla:

Mas quando eu falo de resistência, essa resistência ela tem que ser muito mais ampla né? ela não pode ser uma resistência só física de jogo, mas tem que ser uma resistência de povo, resistência inclusive política, não é? Acima de tudo política. muita gente diz que a capoeira não tem nada a ver com política. Quem diz isso não tem uma visão muito boa da capoeira não, porque toda a vida a capoeira foi política, não é? ná época de seu surgimento era uma luta política pra acabar com a escravidão, só que era uma física, não é? mas era uma luta política. quando entramos no final do período colonial em 1890 pro código penal e ficou até 37, resistindo! resistindo nas favelas, nos terreiros, nas casas de umbanda, porque tem gente que não admite isso, mas muito capoeira fez sobreviver a capoeira dentro dos terreiros de candomblé e umbanda. Então a gente não pode jamais, eu acho, esquecer essa força de resistência da capoeira, de resistência do povo negro, porque capoeira é luta do povo negro (MESTRE PEQUENO, 2020).

Sabendo que as/os africanas/os carregam na cultura o seu conjunto de convicções e por ela serem transmitidos todos os ensinamentos, vamos ter no Brasil um jogo de vivência ambígua do poder estabelecido, pois como falamos no início desse trabalho, existia uma estrutura dupla e esta era uma das características das/os africanas/os em nosso país (SODRÉ, 1983).

Essa originalidade é também comprovada por Dr. Decanio, sendo ele um dos alunos de mestre Bimba em meados do século XX e por perceber essa estrutura dupla, se dedicou a pesquisar as origens da capoeira, conseguindo estabelecer as relações com o candomblé.

Até então, mestre Bimba não falava ao seu discípulo sobre essa relação, porém, ao ver que Dr. Decanio já havia conseguido estabelecê-la por meio de suas pesquisas, coube ao mestre não mais escondê-la.

... gastei anos de teimosa insistência...  
 ... “cantiga de muriçoca” no “pé do ouvido” do Mestre!  
 ... até que um belo dia ouvi! ...  
 “tá certu!  
 ... maiz num diga a ningueim!  
 ... pr’eu num perdê meu ganha-pão!”  
 ... estabelecida a origem do ritmo... ... o candomblé...  
 (DECANIO FILHO, 1997, p. 30).

É notório no diálogo dos mestres a estrutura dupla apontada por Sodré (1983). Mestre Bimba compreendendo sua sociedade jamais iria afirmar as relações existentes entre a capoeira e o candomblé, pois corria o risco de perder seu ganha pão.

Para Sodré (1983, p. 133), as/os africanas/os em nosso país mantiveram “intactas as formas essenciais de diferença simbólica”. Essas formas dizem respeito aos conteúdos tradicionais tais como: ancestrais, mitos, danças e orixás. As instituições paralelas aparecem no disfarce, no segredo, inclusive já mencionado anteriormente nesse trabalho como algo da cosmovisão africana que a capoeira carrega.

Desse modo, a capoeira seria, ao leigo, apenas uma luta praticada por afrodescendentes no Brasil, sem nenhuma profundidade cultural, sem nenhuma relação com a cultura originária tradicional. Tanto é verdade que, nesse país de negação aos valores africanos, o discurso que melhor se adequou foi justamente esse.

Seguindo esse pensamento, Mestre Janja analisa os estudos de Dr. Decanio e corrobora com nossa ginga.

Num outro trabalho apresentado por (Decânio, 1996), após analisar ritmos, melodias, instrumentos, cânticos, distribuição e difusão social e geográfica, raça, economia, conclui que a capoeira tem sua fonte mística no candomblé destacando a relação entre o ritmo básico do orixá Logunedé, e as batidas do pandeiro, “donde brota a magia da capoeira”. Assim, o autor passa a descrever as semelhanças entre o gingado da capoeira e dos movimentos nas danças rituais no candomblé, sobretudo nas danças do orixá Exu, concluindo que por não se ter registro sobre a capoeira no continente africano, e apesar de ter sua fonte mística, musical e coreográfica no candomblé, a capoeira “foi elaborada no Recôncavo Baiano”! (ARAÚJO, 2004, p. 153).

Para nós, portanto, a capoeira não é religião, mas carrega intrinsecamente aspectos da religião de matriz africana, por ser ela uma das inúmeras manifestações afrodescendentes surgidas no Brasil.

Assim, nossa percepção quanto a esse discurso amplamente reproduzido nos meios capoeirísticos, “de a capoeira não ter religião, mas sim o capoeirista” é que, esse discurso tem sido uma forma de discriminação não apenas a religiosidade afrodescendente, mas também a sua cultura, visto a capoeira de hoje ter conseguido adentrar na cultura ocidental hegemônica e cristã, pelo seu aspecto luta, e assim, sua associação a cultura ou a uma religiosidade de matriz africana nas instituições brasileiras e sua sociedade hegemônica, não é bem-vinda e deve ser desprezada.

É certo que aos poucos a capoeira vem perdendo as africanidades por conta do branqueamento ocorrido. Antes, à época do escravismo criminoso, as/os africanas/os entravam forçadamente na cultura eurocêntrica brasileira, por uma questão de sobrevivência, mas estando imersas/as nessa cultura por obrigação e não por desejo as/os mesmas/os criaram mecanismos de conservação e continuidade de sua cultura ancestral.

O sincretismo religioso está aí em nossa cara nos mostrando um exemplo real disso. O santo cristão São Jorge é mais cultuado nos ritos afrodescendentes do que na própria igreja cristã.

Quando olhamos para a capoeira moderna vamos identificar capoeiristas que também fizeram esse jogo. Nosso respeitado Mestre Bimba, que tinha o Candomblé como religião, percebendo as estratégias de branqueamento e a tentativa de criação de uma identidade cultural para o país, logo seguiu os conselhos de seus alunos, brancos, de classe média alta e envolvidos na política para assim organizar suas ideias e criar a Luta Regional Baiana, uma vez que:

O mestre tinha um projeto para a sua Capoeira Regional; não tinha nada sistematizado, pois não dominava a escrita e não fora educado o suficiente para dominar as técnicas organizacionais; contudo, confiava na sua intuição, no seu ideal, na sua coragem e na sua determinação (CAMPOS, 2009, p. 120).

A luta criada por Mestre Bimba e organizada com o auxílio de alunos universitários, em especial Sisnando Lima, já citado no início desse capítulo, desvinculava sua capoeira da capoeira existente na época. O que se fazia era uma luta com uma metodologia específica e não o jogo da capoeira até então existente na sociedade.

Bimba escutava com atenção o que lhe parecia aproveitável de alunos muito letrados, como foi o caso de José Cisnando, ainda estudante de medicina, possivelmente o primeiro branco a se tornar seu discípulo. Dotado de grande vigor físico, corajoso e praticante de Jiu-jitsu, Cisnando influenciou na criação da capoeira regional e em pleno período de intervenção federal na Bahia, teria feito a mediação para que o interventor Juraci Magalhães convidasse o Mestre a fazer uma exibição no Palácio. Depois, houve uma exibição em quartel para o general pinto Aleixo, comandante da Região Militar (SODRÉ, 2002, p. 65-66).

Por outro lado, mestre Bimba havia aberto sua escola na Roça do Lobo e posteriormente no Terreiro de Jesus, para Almeida (1982) seria a primeira academia da Capoeira Regional e a que serviu como modelo para as demais academias existentes na contemporaneidade. Porém, até 1927 a Capoeira era praticamente ilegal. “Bimba conseguia alguns *“tostões tirados em vaquinha”*, para pagar o delegado e poder ensinar a sua Capoeira por uma hora apenas” (ALMEIDA, 1982, p. 16).

Há então nessa concepção duas questões importantes: a primeira diz respeito a proibição da prática da capoeira estabelecida por meio do código penal brasileiro decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890, do qual tratava dos “vadios e capoeiras” em seu artigo 402, proibindo e punindo severamente a prática da capoeira nas ruas e praças, nos mostrando claramente como eram tratadas/os as/os afrodescendentes e a capoeira até sua retirada do código penal.

A segunda questão era o momento político, era Vargas, do qual se propunha uma identidade brasileira ancorada nas teses eugenistas, das quais defendiam a raça europeia como melhor frente as/os africanas/os e seus descendentes no Brasil, “fundamentando medidas políticas que visavam ao embranquecimento da população brasileira no menor tempo possível” (OLIVEIRA; LEAL, 2009, p. 47). Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCN’s para educação física,

Na década de 30, no Brasil, dentro de um contexto histórico e político mundial, com a ascensão das ideologias nazistas e fascistas, ganham força novamente as idéias que



associam a eugeniação da raça à Educação Física. O exército passou a ser a principal instituição a comandar um movimento em prol do “ideal” da Educação Física que se mesclava aos objetivos patrióticos e de preparação pré-militar. O discurso eugênico logo cedeu lugar aos objetivos higiênicos e de prevenção de doenças, estes sim, passíveis de serem trabalhados dentro de um contexto educacional (BRASIL, 1997, p. 20).

É meritório pontuar a atitude de mestre Bimba em saber ler o contexto social da época, seguindo as orientações de seus alunos, para assim idealizar um movimento capoeirístico diferente daquele existente, com a pretensão em galgar um aspecto social de respeito à cultura afrodescendente capoeira. Desse modo,

com a Capoeira Regional Mestre Bimba suscitou uma nova abordagem expansionista e pedagógica da capoeira: subiu no ringue, realizou apresentações, montou academia, estabeleceu aulas regulares, lições, turmas de alunos com horários preestabelecidos e uma metodologia do ensino através das seqüências e jogos diferenciados (CAMPOS, 2009, p. 120).

Portanto, o caminho foi estabelecer seu aspecto desportivo que luta para mostrar uma concepção plausível de inserção da capoeira nos meios sociais e poder ter sua prática em locais fechados seguindo uma característica esportiva. O que veio a dar certo.

No ano de 1937, Mestre Bimba conseguia o registro de diretor de curso de Educação Física junto a Secretária de Educação, Saúde e Assistência Pública. Em 1942 seu método já estava consolidado e em 1953 se apresentou novamente no palácio do governo, dessa vez para Getúlio Vargas, que falou ser “a capoeira o único esporte nacional”. Assim, a capoeira puxada pela regional, passaria a gozar da liberdade “esportiva” (SODRÉ, 2002).

Segundo Decanio Filho (1997, p. 169), “a capoeira na sua origem era una. A figura de Mestre Bimba provocou a cisão da raiz com a criação da Luta Regional Baiana para fugir à proibição de sua prática pelo código penal!”.

O surgimento da Capoeira Regional faz nascer o que chamamos de estilo, assim a capoeira existente até a sua criação foi identificada como Capoeira Angola, tendo mestre Pastinha como principal representante.

Tivemos a partir de então duas formas de capoeira, os estilos Angola e Regional. Como já falado nesse trabalho, ao mestre Pastinha foi dada a organização da Capoeira Angola, pois articularia melhor sua prática na sociedade, preservando seus aspectos originários e criando o Centro Esportivo de Capoeira Angola.

...“em 23 de fevereiro de 1941. Fui a esse local como prometera a Aberrê”, e com surpresa o Snr. Armósinho dono da quela capoeira, apertando-me a mão disse-me: Há muito que o esperava para lhe entregar esta capoeira para o senhor: ensinar. Eu

ainda tentei me esquivar disculpando, porem, toumando a palavra o Snr. Antonio Maré: Disse-me; não há jeito, não Pastinha, é você mesmo quem vai mestrar isto a qui. Como os camaradas dero-me o seu apoio, aceito." (MESTRE PASTINHA, *apud* DECANIO FILHO, 1997, p. 14).

Percebe-se dessa forma, que as/os capoeiristas angoleiras/os também estavam atentos ao momento brasileiro quando nomearam um líder, uma representação, seguindo o exemplo da Capoeira Regional e se estabelecendo a partir de então como uma modalidade organizada, com registro, organização, fardamentos e caráter esportivo.

Assim, surgem duas formas que “se opunham a uma outra espécie de capoeira – ancestral de ambas – que, conforme discursos repressivos e até mesmo segundo alguns mestres mais antigos era refúgio de “desordeiros e valentões”. (OLIVEIRA; LEAL, 2009, p. 51). Como aponta mestre Pastinha na apresentação de seu livro:

Não posso deixar de mencionar aqueles capoeiristas famosos que conheci através da minha vida, desde os tempos de infância, pois, a experiência adquirida com muitos desses grandes capoeiristas, nessa longa jornada, me foi muito valiosa. O número de capoeiristas que ganharam fama, eleva-se a dezenas. Alguns, cujos os nomes aqui se encontram e que, por razões obvias deixo sem destaque, forma, em seu tempo, motivos de terror. Suas histórias, por muitos homens de idade avançada, lembradas devem estar registradas nos arquivos policiais. Eram indivíduos de mau caráter que se valiam da Capoeira par dar vazão ao seu instinto agressivo (MESTRE PASTINHA, 1988, p. 17).

Dessa maneira, dadas as circunstâncias histórico-social, podemos perceber o surgimento das capoeiras Angola e Regional como forma de resistência afrodescendente, mas se adequando a esse contexto, de tal forma que, seu aspecto enquanto uma luta perigosa de arruaceiros se transporta ao aspecto esporte/luta sendo praticada também por universitários e pessoas das camadas sociais mais abastadas.

Além da ótica luta de resistência, da qual veio a ser o esporte/luta brasileiro a partir dos mestres Bimba e Pastinha, é significativo ponderar que a capoeira buscava seu espaço como agente social pautando-se na ideia de uma identidade, seja Capoeira Angola, seja Capoeira Regional, e o caminho a isso era a valorização de seu aspecto luta genuína brasileira, frente a aceitação política e social da época. Mesmo porque, o “esporte foi um dos fenômenos mais expressivos desse século. Na esteira do capitalismo, expandiu-se da Europa para todo mundo e se transformou em expressão hegemônica no âmbito da cultura corporal” (FALCÃO, 2004, p. 95).

A criação das escolas de Capoeira Regional e Capoeira Angola fizeram com que essa Manifestação Cultural Afrodescendente Brasileira esteja sendo praticada em todos os estados

do Brasil e em vários países mundo. No entanto, o que tem prevalecido é a ideia de que enquanto cultura ela é negra e enquanto esporte ela é branca (FRIGERIO, 1989). Mesmo assim, compreendemos que esses movimentos evidenciaram a riqueza da capoeira enquanto uma cultura que carrega em seu contexto o jogo, a luta, as artes, a história, a filosofia e a cosmovisão africana.

#### **4.3.1 Os Aspectos Educacionais da Capoeira**

Compreendidas as motivações que levam ao olhar da capoeira na maioria das escolas apenas enquanto esporte/luta nos surge os questionamentos; quais são os aspectos da capoeira que podem ser utilizadas na educação brasileira? Como esses aspectos podem se inserir na educação?

A capoeira se apresenta como “um instrumento bem completo para a educação integral dos jovens estudantes do ensino fundamental e médio, devido à sua riqueza pelas várias formas pedagógicas evidenciadas, suscitando uma motivação especial para professores e educandos” (CAMPOS, 2009, p. 91).

Enquanto capoeiristas, sabemos que a capoeira praticada hoje vem, “do jogo de dentro e do jogo de fora”, das lutas e conquistas realizadas por mestre Bimba e mestre Pastinha. Isso é um fato incontestável em nosso meio. Desde então, a capoeira organizada por esses dois mestres, vem sendo inseridas nas escolas e outras instituições sociais dadas as suas qualidades e possibilidades educativas.

Essas qualidades nos levam ao encontro dos questionamentos, pois elas surgem a partir de dois aspectos gerais; o aspecto cultural e o esportivo. Assim, a capoeira “é uma das poucas manifestações culturais-desportivas que agrega tantos elementos” (PAULA JUNIOR, *apud* VIDOR, 2013, p. 10).

O jogo da capoeira se evidencia na roda, quando duas/dois capoeiristas executam movimentos de defesa e ataque, perguntas e respostas. Assim a/o capoeirista terá de ter domínio técnico na execução dos movimentos corporais para poder perguntar e, principalmente, saber responder as perguntas a ela/e realizadas.

Nas escolas, as aulas de capoeira guiadas por um viés esportivo, podem e geralmente são realizadas seguindo uma metodologia baseada no ensino da educação física, por meio um programa de treinamentos que buscam o desenvolvimento da coordenação motora, do equilíbrio, da espacialidade, resistência, criatividade e interatividade.

No campo do conhecimento da educação física, a capoeira pode ser incluída em práticas pedagógicas socioculturais relacionadas ao jogo/ brincadeiras, a luta e a dança da qual desenvolvem potencialidades motoras, cognitivas e físicas, além da sociabilidade das/os alunas/os por meio das relações estabelecidas, sejam na roda da capoeira, sejam no treinamento individual ou em duplas das movimentações básicas.

De certo, a capoeira na escola por meio de seu aspecto esportivo, se encaixa diretamente nas atividades de educação física escolar, sendo ela uma rica atividade motora que ajuda no desenvolvimento e condicionamento físico uma vez que, “envolve de forma magistral todos os músculos do corpo, as articulações e as grandes funções, destacando-se o aparelho cardiovascular e cardiopulmonar” (CAMPOS, 2001, p. 29). Todavia, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's, para Ensino Fundamental nos informa ser a educação física,

[...] muito importante na medida em que possibilita aos alunos uma ampliação da visão sobre a cultura corporal de movimento, e, assim, viabiliza a autonomia para o desenvolvimento de uma prática pessoal e a capacidade para interferir na comunidade, seja na manutenção ou na construção de espaços de participação em atividades culturais, como jogos, esportes, lutas, ginásticas e danças, com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções. Ressignificar esses elementos da cultura e construí-los coletivamente é uma proposta de participação constante e responsável na sociedade (BRASIL, 1998, p. 15).

Diante disso, as escolas e outras instituições educacionais devem estar atentas ao desenvolvimento cultural, não deixando a atividade da capoeira ser apenas uma mera atividade para o condicionamento físico ou uma mera atividade de repetição de movimentos. Assim, concordamos com Campos (2001) quando observa que a capoeira não deve ter somente “um aspecto técnico” para seu aprendizado enquanto luta e esporte. Portanto,

o ensino de golpes e sequências deverá ser acompanhado da transmissão de todos os elementos que envolvem a sua cultura, história origem e evolução, ao mesmo tempo em que se estimulará a pesquisa, debate e discussão em seminários, para que o educando tenha uma participação efetiva no contexto da Capoeira como um todo (CAMPOS, 2001, p. 27).

Assim sendo, a capoeira terá nas aulas de educação física escolar uma excelente capacidade em contribuir na formação humana e cultural dos alunos, pois, se bem desenvolvida, teremos uma formidável ação educacional pelo viés afrodescendente.

É necessário pensar que embora a educação física escolar deva fazer esse papel fundamental à educação dos brasileiros, a capoeira enquanto uma Manifestação da Cultura Afrodescendente Brasileira, não pode ser condicionada e limitada por, e para apenas essa disciplina curricular, uma vez que:

a educação é mediada pelo mundo em que se vive, formatada pela cultura, influenciada por diversas linguagens, impactada por crenças, clarificada pela necessidade, afetada por valores e moderada pela individualidade. Trata-se, portanto, de uma experiência vivenciada na realidade empírica, com a interação entre a cultura e a sociedade personalizada, pelo processo de criar significados, pelas leituras e visões pessoais do mundo em que se vive (CAMPOS, 2009, p. 90).

Assim, a capoeira na educação poderá abranger todas as disciplinas possíveis, pois sendo ela uma Manifestação Cultural Afrodescendente, pode vir a ser trabalhada por várias áreas do conhecimento, tais como a história, a geografia, a filosofia, a sociologia, a literatura, as artes e, possivelmente todas as outras. É o que preconiza a Lei 10.639/03 em seus incisos 1º e 2º como segue.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras (BRASIL, 2003. p. 1).

Portanto, há como essa Manifestação Afrodescendente Brasileira se inserir na educação através de variadas possibilidades, podendo ela vir a contribuir para uma educação mais justa e igualitária, pois a capoeira é uma Manifestação Cultural múltipla, diversa, cheia de caminhos, gingas e mandingas. “Ela é tudo que a boca come” (Mestre Pastinha), uma diversidade de alimentos para mente e o corpo, para vida em sociedade.

Assim, tendo ela vários significados, sua “relação com a educação também vai ser diversa, refletindo os diversos significados da capoeira e do entendimento da educação” (CUNHA JUNIOR, 2018, p. 118).

Seguindo esse raciocínio, o autor nos lembra o fato de que muitas aulas de capoeira, ocorrem sem o pensamento da afrodescendência em seu significado. Isso diz respeito ao conjunto de relações e produções adversas vividas na diáspora. Relações essas que também se evidenciaram no grupo focal como segue:

Mas a influência africana é total na capoeira e aí vai; da musicalidade, vai do comportamento. essa malícia, mestre, essa malícia da capoeira, esse jogo de cintura, essa defesa, essa esquiva, esse balanço! isso tudo foi pela obrigação, aprendemos de forma obrigatória pela escravidão. foi o processo que fez isso. não é? não tinha como bater de frente, como é que ia bater de frente? se bater de frente ia ser exterminado como os índios foram, não é? então ganhou-se esse balanço africano. (MESTRE PEQUENO, 2020).

O processo, por nós entendido como diáspora, nos leva a apontar a capoeira como uma das manifestações mais relevantes da afrodescendência brasileira, dessa forma, ela não é apenas um conjunto de movimentações para o corpo.

A capoeira é uma prática coletiva social interdisciplinar de matriz africana. Portanto, “quando a capoeira é apenas um conjunto de movimentos corporais ela não é aproveitada em sua expressão ampla, fica resumida às práticas esportivas individuais, é como se você tivesse numa academia e não em conjunto social” (CUNHA JUNIOR, 2018, p. 120-121).

Porém, sabemos que a prática da capoeira em muitas de nossas escolas adotam justamente essas práticas esportivas individuais, das quais Araújo (2004, p. 117) compreende enquanto práticas inibidoras sobre os africanos no Brasil, onde “o peso do escravismo no rebaixamento histórico destes e sobre estes vem impedindo e/ou dificultando seu reconhecimento e sua anterioridade”.

Sendo assim, o conjunto social imbricado no vivenciar capoeira é algo a ser considerado como importante em seu ensino, pois ele é parte da ancestralidade africana que tem como característica o “trânsito entre o passado e o presente, entre o ser e o fazer como princípio de educação tradicional” (ARAÚJO, 2004, p. 149).

Em vista disso, é necessário pautar sua prática sempre conectada aos antepassados, à cultura africana, pois em seu modo de educar preserva e cultua a sabedoria do mais velho, do mais experiente. A sabedoria ancestral. Dessa maneira,

Em sua dimensão educativa, o jogo da capoeira ensina e reflete as formas de se relacionar com o outro e consigo mesmo. Assim, os ensinamentos da capoeira estão intimamente ligados ao processo de formação humana dos sujeitos, estimulando a constante auto-reflexão e auto-avaliação sobre, por exemplo, a relação com nossa família, com a(s) comunidade(s) a que pertencemos (de capoeiristas ou não), com nossa sociedade, com a humanidade, com o planeta, consigo mesmo. O compromisso que aprendemos a ter com nosso(a) camarada de grupo, ou com os(a) mais velhos(as), precisamos aprender a ter conosco, em primeiro lugar. Aprendemos a ampliar nosso olhar sobre as coisas, sobre cada situação, sobre a vida e o mundo. (MATA MACHADO; ARAUJO, 2015. p. 99-100).

Essa ligação com o processo de formação humana conectada à família, à sociedade e ao mundo é o que conhecemos como ancestralidade, “forma cultural africana recriada no Brasil” (OLIVEIRA, 2012, p. 39), ela não se apresenta apenas enquanto pensamento, mas sim como uma experiência de vida, em sociedade.

A prática da capoeira é uma vivência, e muitas vezes essa conexão com a ancestralidade ocorre nas rodas, nos papoeiras e em todo decorrer da vida capoeirística, fazendo com que a experiência do diálogo corporal, e da observação do jogo, seja repleto de ensinamentos.

Eu vou ser bem direto e rápido. Pra mim significa eu chegar no pé do berimbau e quando começa a tocar eu começo a me arrepiar todim! e eu fazer coisas que eu não sei fazer. porque eu já fiz coisa na roda de capoeira que eu não sei! quando vi no vídeo eu disse: não foi eu não! tem alguma coisa aí. então é isso aí essa questão da ancestralidade pra mim, ela é muito forte a partir do momento que você está no pé do berimbau. (MESTRE PEQUENO, 2020).

No momento em que a/o capoeirista agacha ao “pé do berimbau” e “ela/e toca”, ou quando se canta uma música que remete a algo interior da/o capoeirista, passa em nossa mente o “filme da vida”, lembramos nosso cotidiano e nosso caminho percorrido, e assim, projetamos o caminho futuro. Mestre Chico complementa:

Não é mestre, é importante que a gente interaja mesmo né? Essa questão da ancestralidade na capoeira pra mim eu vejo como um, a minha família em si, que eu tive que ter meu bisavô, meu avô, meu pai, to aqui, tem meus filhos. E nós não podemos deixar de valorizar de, de... não podemos esquecer tudo que eles fizeram pela gente. Não eles só. meu avô e minha avó, mas também os meus avôs de capoeira, que foi eles que lutaram pra nós termos aqui mesmo, então, é... eu acho que o senhor definiu e contemplou a minha fala (MESTRE CHICO, 2020).

A fala do mestre nos demonstra a relação ancestral com sua família genética e a família capoeirista. Para o mestre, a valorização ancestral é fundamental em sua vida, pois traz a ele o conhecimento do passado, a vivência no presente e a projeção do futuro, exemplificada em sua importância familiar. Desse modo, mestre Edvaldo então completa:

vocês não leram meus pensamentos não, mas foi parecido com que eu imagino. Eu concordo plenamente, eu acho que a questão existe mesmo. Eu também gosto muito que, quando eu chego no pé da roda, que o berimbau toca, que arrepia, chega sobe aqui! vala me deus!!!, o que foi isso!? aí cai pra dentro sem saber nem, nem... sem preocupação né? então é, é, é... eu gosto muito quando acontece isso numa roda, certo? que não é todo dia, não é todo momento, não é toda roda que você tem que isso né? aquela energia passando ali a sua volta, circulando e lhe puxando pra dentro, pra você jogar certo? e eu acredito muito nos nossos antepassados né? e agradeço muito a eles por ter conseguido fazer isso, feito passar hoje aqui. Tá podendo conversar debaixo de uma mangueira, ter uma reunião na mangueira. (MESTRE EDVALDO, 2020).

Além de concordar com o pensamento dos outros mestres participantes do grupo focal, mestre Edvaldo credita a realização do ocorrido a ancestralidade. Para ele, se não houvesse essa ligação ancestral, jamais estaríamos sentados a sombra de uma mangueira para dialogar sobre nossa Manifestação da Cultura Afrodescendente Brasileira capoeira.

Portanto, é notório ser a ancestralidade um guia para a prática da capoeira, dada através da cosmovisão africana que, em suas múltiplas nuances no bojo da identidade afrodescendente, busca a constante re-conexão com nossa origem.

A cosmovisão africana se faz contemplada em seus fundamentos; os ritos do jogo e os símbolos que determinam o território de sua vivência, se reconectando a sua matriz africana e as africanidades (CUNHA JUNIOR, 2001), algo bem mais amplo do que uma atividade física isolada nela mesma. Sendo assim,

A ancestralidade é a marca de permanência do ser sobre o tempo. Neste se assentam todos os processos de conhecimento e de evolução do mundo. No conceito de ancestralidade e do respeito a ela se fundam os princípios da organização social e da interação do ser humano coletivo com os demais seres da natureza (CUNHA JUNIOR, 2005, p. 262).

Por sua vez, “as Africanidades Brasileiras são reprocessamentos pensados, produzidos no coletivo e nas individualidades, que deram novo teor às culturas de origem” (CUNHA JUNIOR, 2001, p. 12).

Sabendo que a escola em nosso país, historicamente sempre foi um lugar onde se buscou a invisibilidade quanto as questões africanas e afrodescendentes, não entendemos a capoeira como uma Manifestação Cultural abstrata separada da vida. Pelo contrário, temos na capoeira a possibilidade de uma Prática Cultural educativa disseminadora de valores ancestrais, através de histórias e memórias orais guardadas na mente, corpo e coração dos mais velhos, de modos de vida, de produção e de resistência cultural que expressam o passado e vive o presente refletindo sobre a vida, sobre a sociedade, a natureza, o território e a sua manutenção cotidiana.

Então, a oralidade faz um papel de interlocução e transferência de conhecimentos, onde ela, e os outros elementos

[...] constituem hoje o referencial mais relevante para os educadores envolvidos com a inserção digna do ser negro na educação escolar, visto que eles têm o potencial de reestabelecer os vínculos com a história do continente negro e ressignificar a contribuição dessa população na narrativa histórica da nação brasileira, além de propor conceitos e valores relevantes à constituição de estratégias pedagógicas. (COSTA; SILVA, 2016, p. 688-689).

Nesse sentido, a oralidade assume e representa possibilidades de caminhos para um modo de leitura de mundo, preservando a cosmovisão africana e atendendo as aspirações da população brasileira, constituída em sua maioria de afrodescendentes, no que diz respeito a suas origens e sobrevivência nessa sociedade racista do qual estamos inseridas/os. Uma vez que, a oralidade é

[...]a principal via de repasse do conhecimento que, embora podendo variar nas estruturas individuais de relacionamento (mestre-discípulo) e/ou coletiva de



envolvimento (mestre-discípulos e, estes entre si), corresponde a valorização de uma técnica de educação tradicional africana (ARAÚJO, 2004, p. 27).

Desse modo, temos na oralidade um mecanismo de fortalecimento das tradições ancestrais relacionadas as africanidades brasileiras, em escolas e lugares onde a prática da capoeira possa se fazer presente, trazendo, portanto, a memória das/os afrodescendentes brasileiras/os para o campo educacional.

Segundo Hampaté Bâ (2010, p. 174), “o que a África tradicional mais preza é a herança ancestral. O apego religioso ao patrimônio transmitido exprime-se em frases como: “Aprendi com meu Mestre”, “Aprendi com meu pai”, “Foi o que suguei no seio de minha mãe”.

Assim, a capoeira nas escolas ultrapassa a ideia de uma prática apenas como um movimento corporal esportivo e de lazer, para alcançar uma ginga, de um jogo com possibilidades em levar a/ao aluna/o a uma filosofia de vida, a conhecer a si e a seus semelhantes, bem como a sua história e origem. Porque, “a tradição oral baseia-se em uma certa concepção do homem, do seu lugar e do seu papel no seio do universo” (BÂ, 2010, p. 169).

Como muitas coisas no Brasil, que vão desde a religiosidade, as danças populares, a bandas cabaçais, os maracatus, os reisados de congo e uma infinidade de outras coisas país a fora, a capoeira por ser uma Manifestação Cultural Afrodescendente Brasileira, tem suas bases formadoras e conceituais na tradição africana.

Dessa forma, julgamos sua prática como uma vivência e não como uma atividade mecanizada (FREIRE, 1987), portanto, seus processos de ensino e aprendizagem divergem desse modelo ocidental estabelecido nas escolas, pois este

Sugere uma dicotomia inexistente homens-mundo. Homens simplesmente no mundo e não com o mundo e com os outros. Homens espectadores e não recriadores do mundo. Concebe a sua consciência como algo especializado neles e não aos homens como “corpos conscientes”. A consciência como se fosse alguma seção “dentro” dos homens, mecanicistamente compartimentada, passivamente aberta ao mundo que a irá “enchendo” de realidade. Uma consciência continente a receber permanentemente os depósitos que o mundo lhe faz, e que se vão transformando em seus conteúdos. Como se o homem fossem uma presa do mundo e este um eterno caçador daqueles, que tivesse por distração “enchê-los” de pedaços seus (FREIRE, 1987, p. 40-41).

Em nossa visão, a/o capoeirista só existe no mundo/capoeira com as/os outras/os, com suas/seus camaradas. Assim, a capoeira pode, também, vir a ser a quebra dessa dicotomia apontada por Freire (1987).

Para acontecer o jogo da capoeira, há a necessidade da/o outra/o. Terá de haver uma roda com instrumentos, cânticos e axé! Senão, não existirá as perguntas e respostas corporais, as malícias e as mandingas. Não existirá os desafios, os recados e as histórias transmitidas pelas músicas. Enfim, não existiria a capoeira.

A roda da capoeira é, então, nosso território de reflexão sobre a dinâmica simbólica da identidade afro-brasileira por ser uma prática essencialmente popular, que abriga os aspectos fundamentais para a análise da roda como território. Pensar a roda é pensar o ritual, o ciclo, princípio, meio e fim, território do devir corporificado na forma circular, lugar gerador de sentidos, abrigo de universos simbólicos repleto de significados. A roda de capoeira é movimento incessante, eterno recomeço, forma viva que guarda a ancestralidade de memórias simbólicas de culturas diversas. Territorializada pelo delineamento físico, corporal do círculo, a roda faz girar o tempo remetendo a uma condição originária que somente a experiência estética pode conhecer, uma temporalidade própria vivenciada por quem, dentro da roda, é também a própria roda (GUIMARÃES, 2013 p. 171).

A roda de capoeira é o território onde se materializa o jogo, mas também é o local onde o “conhecimento herdado da tradição oral encarna-se na totalidade do ser” (BÂ, 2010). Nela as/os capoeiristas entram num estado que Dr. Decanio chamou de “transe capoeirano”, “um estado modificado de consciência em que o SER se comporta como parte integrante do conjunto harmonioso em que se encontra inserido naquele momento” (DECANIO, 2002, p. 5).

O veículo de transmissão desse saber é o corpo que toca; é o corpo que fala; é o corpo que canta; é o corpo que joga; é o corpo que bate palmas; é corpo que observa atentamente a roda de capoeira. A isso chamamos o saber do corpo, ele

é a possibilidade de constituição de uma enunciação gestual em prática discursiva, que serve dos movimentos e ações corporais para a estruturação de seu repertório. Este repertório é a resultante das articulações dos signos elaborados a partir das vivências cotidianas ou nelas intercambiadas. O vórtice do processo em questão localiza-se na sincronização da condição de se “estar-no-mundo”, em estado consciente, com consciência da prática corporal situada no instante cotidiano e na interconexão com a dimensão cósmica que esta consciência institui (TAVARES, 2012, p. 82).

O saber do corpo é externado na roda de capoeira, contribuindo também ao aprendizado de outras/os capoeiristas. O transe capoeirano apontado por Dr. Decanio (2012) é a interconexão com a dimensão cósmica apontada por Tavares (2012), nele as/os capoeiristas se transformam e seus corpos entram numa dimensão de satisfação e harmonia da qual chamamos de axé.

É o retorno a ancestralidade no presente. O corpo se materializando enquanto elo de ligação ancestral, como apontados anteriormente. “Quem nunca chegou numa roda ou escutou

uma música daquelas que tipo, te toca profundamente e num arrepia? né? isso dali é nossa ancestralidade se manifestando” (MESTRE CHICO, 2020), “eu fazer coisas que eu não sei fazer” (MESTRE PEQUENO, 2020). E isso ocorre porque,

é o corpo um arquivo não verbal e, por intermédio dele, a memória comunitária é recuperada, passando o corpo a falar e a salvaguardar a memória do grupo por intermédio das modulações gestuais, cuja elaboração foi possível (TAVARES, 2012, p. 83).

A prática na roda de capoeira é, dessa forma, um discurso não verbal, onde o corpo expressa as experiências cotidianas, é um arquivo que se abre quando o berimbau toca!

Portanto, a capoeira se faz um conjunto de possibilidades a educação pelo viés afrodescendente, por portar vários aspectos educacionais que podem ser utilizados nas escolas, pois como cita Campos (2009, p. 91) “é um instrumento bem completo para educação”.

Desse modo, é pertinente retornar as reflexões realizadas no grupo focal, onde as/os mestras/es definiram a capoeira como luta, jogo, dança, arte, união, igualdade e identidade. Além de algumas frases de efeito; “jogar conforme a razão” (MESTRE PEQUENO, 2020), “a arte de lutar sorrindo”, “forma de dança guerreira” (MESTRE CHICO CEARÁ, 2020).

Dadas as questões observadas no evento Terreirada no Cariri e no grupo focal, em relação a influência da cultura afrodescendente na capoeira, nos surgiram evidências muito interessantes.

Mestre Edvaldo (2020), nos afirmou ser ela o início de tudo; “foi o início né? de tudo”. Mestre Chico Ceará (2020), afirmou “que serviu muito como um escudo, uma barreira, pra poder camuflar a luta que estava sendo criada a liberdade”. Mestre Carlinhos Camará (2020), aponta que “a capoeira foi nascida no Brasil com alguns fragmentos que os *escravizados*<sup>53</sup> trouxeram da África para o Brasil”. Mestre Pequeno (2020), observou a influência africana como “total na capoeira, e aí vai da musicalidade, vai do comportamento. Essa malícia, mestre! essa malícia da capoeira, esse jogo de cintura, essa defesa, essa esquiva, esse balanço!” e complementa dizendo que não podemos esquecer “a sua raiz africana de maneira nenhuma! Etnias africanas em território brasileiro criaram a capoeira” (MESTRE PEQUENO, 2020).

---

<sup>53</sup> Grifo nosso.

Dada a questão abordada, a ancestralidade na capoeira, surgiu para a Mestranda Malandrinha como algo em que a/o mestra/e de capoeira deva trabalhar desde cedo, com as/os novas/os alunas/os. Para ela,

[...] tem que trabalhar pelo menos com esse grupo de jovens que tá chegando agora, falando desde o início, o que é a capoeira, a ancestralidade, de onde ela veio, quem foi eles. né? porque hoje tá muito mais fácil, então, pra esse mais fácil ser mais forte lá na frente, tem que passar realmente o fundamento, a história, a tradição né? e é isso mesmo fundamental pra que lá na frente a gente possa ser mais forte ainda. (MESTRANDA MALANDRINHA, 2020).

Corroborando com o posicionamento da mestranda, Mestre Pequeno nos colocou, que a ancestralidade se manifesta quando ao chegar no pé do berimbau, “seu corpo arrepiar”. (MESTRE PEQUENO, 2020).

Mestre Chico Ceará (2020), relaciona a ancestralidade com sua família. “Essa questão da ancestralidade, na capoeira pra mim eu vejo como um, a minha família em si. Que eu tive que ter meu bisavô, meu avô, meu pai, tô aqui, tem meus filhos”.

Mestre Edvaldo (2020), complementa: “eu acho que a questão existe mesmo, eu também gosto muito, muito que quando eu chego no pé da roda, que o berimbau toca, que arrepia, chega sobe aqui! vala-me deus! o que foi isso!?”

Com base nas falas das/os mestras/es, fica perceptível a existência da ancestralidade na capoeira, seja pela via oral, seja pela via espiritual, seja pela via histórica familiar onde a/o mais velha/o é a pessoa detentora do conhecimento.

Isso nos faz entender a relação estabelecida com os grupos durante o evento e a relação das famílias pertencentes ao Sitio Santo Antonio de Arajara com o evento e suas/seus participantes.

Outro aspecto fundamental da capoeira na educação é a oralidade. Assim, mestre Chico Ceará nos relatou um acontecimento interessante.

[...] um dia eu tava dando uma bronca nos meus menino, era sentado bem ali, na, na arquibancada alí, e... eu lembro que eu falei assim: olha! o meu conhecimento ele não tá na internet, não tá gravado num cd, gravado numa fita de vídeo cassete não!. Ela tá aqui ó! (apontando pra cabeça) então se vocês quiserem aprender, se interessem eu tô aqui pra explicar, pra ensinar pra vocês, pra passar pra vocês. Basta vocês querer! a danada... ninguém lembrava disso, aí quando foi no meu aniversário, a menina chega com um bolo desse tamanho, com o símbolo do Arte e Tradição e a frase em cima, né? então quer dizer. [...] isso daí foi o que? oralidade (MESTRE CHICO CEARÁ, 2020).

O relato acima nos mostra como o conhecimento carregado pelas/os mestras/es de capoeira é transmitido as/aos alunas/os e nos aproxima do pensamento de Hampaté Bâ (2010), quanto a tradição oral.

O mestre Chico Ceará, transmite as/aos seus/suas alunas/os a importância de uma/um mestra/e para se aprender capoeira, onde, a experiência da vida se apresenta como um método de ensino e aprendizagem, reforçando a necessidade em vivenciar a capoeira para aprendê-la, e, vivenciar, não significa apenas saber fazer os movimentos corporais da luta, mas sim buscar suas outras formas de apreensão de conhecimentos.

Por outro lado, Mestre Pequeno (2020) nos apresenta uma inquietação a respeito do aprendizado via oralidade. Segundo ele a academia e a escola não entendem o aprendizado da capoeira, desprezando a oralidade como algo de importância à educação. “[...] a academia não consegue compreender a oralidade mestre! esse povo da academia é difícil demais viu mestre! porque o gerente da secretaria de educação, não consegue entender e tentam a toda hora desvirtuar o trabalho da capoeira”.

Isso ocorre porque, segundo o mestre, muitas escolas solicitam, as/aos professoras/es de capoeira, a aplicação de leituras dos livros didáticos no horário das suas aulas, querendo transformar a aula de capoeira em uma aula de leitura.

“[...] como é que eu vou, dá uma aula por semana a uma criança da escola e na hora que ele sai da sala de aula, uma aula de matemática, vem com o juízo pegando fogo, doido pra dar umas pernadas, uns cangapés como chama lá, tocar um berimbau, cantar. Eu vou dá um livro na mão dele pra ele ler de novo? ele não vai se animar” (MESTRE PEQUENO, 2020).

O depoimento do mestre nos faz compreender o pedido para a aplicação de leituras nas aulas de capoeira, como uma tentativa de desvirtuamento de seu ensino, ocorrido, muitas vezes, pela falta de conhecimento e preparação das/os outras/os profissionais da educação que enxergam a capoeira apenas como lazer ou um passatempo. Desse modo,

no Brasil de hoje, em que se conquistou uma lei que institui, pela primeira vez, o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira nas escolas (10.639/03), torna-se um grande desafio fazer da cosmovisão africana e da tradição oral, conteúdos curriculares, uma vez que os programas escolares têm sido, até agora, sempre eurocêntricos, baseados em princípios até mesmo antagônicos aos das culturas negras (PETIT, 2015, p. 110).

Portanto, é um fato na educação brasileira ainda existirem escolas em que as leis 10639/03 e 11.645/08 não foram implementadas, pois, a negação dos valores afrodescendentes e indígenas no Brasil sempre foi a retórica social.

Sendo assim, faz-se necessário compreender, que “nossas práticas são racistas embora insistimos em não aceitar que essas existem” (SANTOS, 2018, p. 167), como também ter a compreensão de:

[...] a escola enquanto espaço formal de educação permite as discussões para as relações étnico-raciais. No entanto, esta obrigatoriedade imposta pela lei não se aplica no cotidiano das práticas docentes, pois, mesmo involuntariamente, reproduzem as ideologias dominantes (SANTOS, 2018, p. 164).

Todavia, o relato acima realizado pelo mestre, nos mostra um caminho a ser seguido. A capoeira nas escolas não deve reproduzir métodos de e para outras disciplinas, mas sim, ter um método baseado na cultura afrodescendente, que auxilie o aprendizado através dos valores africanos. Pois, “a presença da cultura e da história de africanos e afrodescendentes na educação brasileira deve-se à compreensão política que temos hoje dessa importância. Nos fazemos representar nesta educação por compreendermos que assim deva ser” (CUNHA JUNIOR, 2005, p. 255).

Sendo assim, “é preciso pautar as identidades que formam as escolas, os sujeitos que ali estão e, partindo deste ponto, investigar de quais maneiras os conhecimentos afro-brasileiros se apresentam em cada escola e em cada comunidade” (SIQUEIRA *et al.*, 2019, p. 89).

Dessa forma, a reflexão sobre como ocorrem o ensino e a aprendizagem, e qual a contribuição da capoeira na educação nos foram evidenciadas pelas/os mestras/es da seguinte forma:

o nosso trabalho com a capoeira, com as crianças, não é formar eles, não é? até porque o nosso trabalho não é esse. Quem forma é a universidade. O nosso trabalho é fazer com que eles vejam que tem um futuro melhor pra eles, certo? pra eles. E eles só vão alcançar... eu não quero que a minha criança, essa criança aqui vai ser mestre de capoeira, não! vai ser mestre de capoeira, é o destino que vai vir pra ele, certo? mas eu quero que ele seja um cidadão (MESTRE EDVALDO, 2020).

É evidente que o ensino da capoeira ocorrido hoje, tem seu maior apelo nas questões sociais. Seja com o argumento de tirar as crianças e jovens da ociosidade nos centros urbanos; seja dar encaminhamento social; seja contribuir na formação individual das pessoas, produzindo a prerrogativa de afastar as/os mesmas/os das drogas, do crime; da violência social e urbana, como complementa o mestre.

A ginga usada por mestre Edvaldo não difere da ginga utilizada por outras/os mestras/es e nos faz reviver as aulas do mestre Samuray na Escolinha de Capoeira da

Universidade Federal do Ceará - UFC, Campus do Pici, onde a vivência da capoeira estava atrelada a permanência escolar, mas também a conduta e crescimento social.

Diante disso, o aspecto cultural na capoeira pode ser abordado através da sua história; da música; da religiosidade afrodescendente; da convivência em comunidade; da dança e nas relações com as outras manifestações afrodescendentes que supõem serem aspectos indiretos, mas que se relacionam nesses vários caminhos, ou melhor; nesses vários jogos nas rodas da vida diaspórica das/os africanas/os e afrodescendentes brasileiras/os.

O aspecto esportivo do qual é hoje o mais cultuado e evidenciado nas instituições escolares, por razões já discutidas anteriormente nesse trabalho, pode ser abordado nas práticas de movimentações, no condicionamento físico e educação corporal, e com elas é fundamental que se realize a disseminação e preservação dos valores e saberes ancestrais africanos e afrodescendentes.

Em vista disso, não apenas a capoeira, mas também, as outras manifestações da cultura afrodescendente brasileira devem ser abrangidas nas escolas, pois a escola deve ser um lugar onde a diversidade seja respeitada visto nosso contexto socio cultural repleto de diferenças e particularidades.

Segundo o parecer 07/2010 do Ministério da Educação – MEC, a escola é uma “organização temporal, que deve ser menos rígida, segmentada e uniforme, a fim de que os estudantes, indistintamente, possam adequar seus tempos de aprendizagens de modo menos homogêneo e idealizado” (BRASIL, 2010, p.11).

Sendo assim, não podemos idealizar um modelo uniforme de escola ou de transferência de conhecimento. Devemos, porém, estar abertas/os a diversidade cultural brasileira, respeitando sua pluralidade e liberdade, mesmo por que, sendo a educação básica um direito e nela a/o cidadã/o brasileira/o deva compreender sua identidade, respeitando as diferenças existentes, as instituições devem interessar-se por fortalecer esses princípios constitucionais, afim de que se consiga uma plena formação humana.

Portanto, “Educar exige cuidado; cuidar é educar, envolvendo acolher, ouvir, encorajar, apoiar, no sentido de desenvolver o aprendizado de pensar e agir, cuidar de si, do outro, da escola, da natureza, da água, do planeta” (BRASIL, 2010, p. 12).

Por isso, a/o profissional que se utilizar da capoeira enquanto uma prática educativa, seja nas escolas ou em outros locais da sociedade, deve ser sensível e valorizar os princípios das culturas africana e afrodescendente brasileira, onde o corpo, a religiosidade, e a circularidade são transmissores de sabedoria e conhecimento.

Princípios esses, garantidos pela Lei Federal nº 9.394; Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de dezembro de 1996, em seu artigo 1º.

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 2005, p. 7).

Como apontado anteriormente, para ser aceita na sociedade brasileira, a capoeira teve primeiramente que se tornar um esporte/luta. Hoje, existe fortemente no país o fenômeno, chamado “capoeira evangélica” que carrega em sua ideologia a negação de toda cultura afrodescendente brasileira intrínseca a capoeira, reelaborando letras de músicas, modificando tradições e criando uma nova forma, contraditória, de tradição totalmente alheia a capoeira ancestral e a capoeira preconizada por mestre Pastinha e mestre Bimba.

Mas, embora tenha e esteja ocorrendo essa nova constituição, é imprescindível explicitar que as bases da capoeira são dadas na diversidade cultural africana (CUNHA JUNIOR, 2001), mesmo assim,

Os pensamentos guiados por estruturas racistas não foram ainda denunciados como tais com sistemática veemência. Existe um medo nacional das consequências desta denúncia. Os racismos são ainda identificados como de menor importância, como toleráveis ou como existente de eliminação pelo passar do tempo. A singularidade brasileira do trabalho, durante quase 300 anos, ser sinônimo de escravo e escravo assemelhado a negro não sofreu ainda a devida elaboração no pensamento nacional. Continuamos com os vetores dominantes no campo de um marxismo dogmático e estranho, as particularidades do processo histórico nacional. Temos por outro lado as dificuldades dos grupos dominantes se reconhecerem como tais, como dominadores, face ao discurso sorrateiro de um espírito democrático igualitário (CUNHA JUNIOR, 2001, p. 13).

Embora tenhamos medo de perseguições e violências que possam vir a ocorrer nos convívios e rodas de capoeira em decorrência dessa análise, sabemos que essa apropriação cultural tem desvirtuado o sentido e os valores que nossa Manifestação Cultural Afrodescendente Brasileira carrega. Por conta disso, enquanto capoeiristas conscientes sobre suas matrizes, devemos ter a compreensão dessas ocorrências.

Apesar disso, temos a consciência de um aprendizado da capoeira intrínseco ao meio daquela/e aluna/o. Por isso, é salutar observar que a capoeira enquanto uma vivência, não pode se configurar apenas enquanto um esporte/luta dissociado da cultura, do cotidiano e da vida da /o aprendiz.

Assim, os saberes culturais da capoeira também se fazem importantes ao rol das diversas disciplinas escolares, produzindo interlocuções, pensamentos e outros saberes mais



aprofundados sobre nossa sociedade, por que partem de experiências próprias e não de uma realidade estranha ao meio do qual estão inseridos, “pois, em Educação, ou se está no exercício permanente e em simbiose com a vida, ou não se está, como na educastração” (TAVARES, 2012, p. 23). Sendo assim,

Esse patrimônio brasileiro deve estar presente na educação escolar, da infância à universidade, como tradicional prática afro-brasileira de extrema coordenação motora, que integra, em harmonia e assimetria, uma combinação indissolúvel de múltiplas inteligências. Rigorosamente, admite-se que a Capoeira denota efetiva contribuição ao desenvolvimento de múltiplas habilidades cognitivas. Desse modo, incorporada ao repertório cultural da pedagogia nacional, torna-se uma atualizada representação pós-colonial da resistência à dominação e as injustiças cognitivas (TAVARES, 2012, p. 19-20).

Sendo então a educação esse movimento de vida e vivências e a capoeira uma Manifestação Cultural que ensina através da vivência, necessitamos de educadoras/es capoeiristas conscientes da prática educativa, visto que a capoeira na escola é um processo pedagógico que tem como princípio a identidade cultural.

Sabemos também, que nem todas/os as/os mestras/es de capoeira são bons educadoras/es, para um cotidiano escolar, apesar de bons em suas práticas grupais de transmissão dos valores e conhecimentos sobre a capoeira. Portanto,

[...] para este fim a capoeira precisaria estar integrada no planejamento pedagógico da escola, o que evitaria conflitos, não a deixaria solta sem fins educacionais e contribuiria de fato para finalidades da prática educativa voltada para os afrodescendentes (CUNHA JUNIOR, 2018, p. 119-120).

É importante as escolas que adotam a prática da capoeira, estabelecerem mecanismos de diálogo e aproximação das/os mestras/es ao cotidiano escolar, proporcionando a participação em reuniões de planejamento e outras questões relacionadas ao dia a dia da instituição.

Essa aproximação, poderá despertar a/ao capoeirista atuante na escola, uma melhor visão sobre o funcionamento didático, e assim, poderá ela/e planejar e construir suas ações educativas em constante diálogo com as demais disciplinas escolares.

A construção e planejamento das ações guiadas pela busca da aplicação da Lei nº 10.639/2003, poderá ser um ótimo caminho para facilitar a inserção e diálogo da capoeira na e com a escola. Nessa busca, a/o capoeirista poderá utilizar-se da Pretagogia.

A Pretagogia é uma abordagem teórico-metodológica que busca estimular e fortalecer as influências africanas e afrodescendentes na educação convertendo-as em contribuições pedagógicas (PETIT, 2016). Segundo a autora dessa concepção pedagógica, a ideia é,

Propor uma pedagogia que atualiza seus princípios nas culturas afro-brasileiras e afrodiáspóricas em geral a partir dos seguintes fundamentos: 1) o autorreconhecimento afrodescendente; 2) a tradição oral; 3) a apropriação dos valores das culturas de matriz africana; 4) a circularidade; 5) a religiosidade de matriz africana entrelaçada nos saberes e conhecimentos; 6) o reconhecimento da sacralidade; 7) o corpo como produtor espiritual, produtor de saberes; 8) a noção de território como espaço-tempo socialmente construído; 9) o reconhecimento e entendimento do lugar social atribuído ao negro (PETIT, 2016, p. 665).

Assim, terá a/o capoeirista uma possibilidade de potencializar sua prática de capoeira guiando-se por um inovador instrumento didático idealizado para a transmissão e compartilhamento de conhecimentos africanos e das africanidades brasileiras em nossas escolas, podendo desse modo, promover uma prática de capoeira que busque uma melhor relação interpessoal entre as pessoas, as escolas e suas comunidades, minimizando os preconceitos para com os afrodescendentes e para com suas manifestações culturais. Pois, “a pretagogia prioriza a experiência de si e de outros (as) no mundo por meio do autorreconhecimento e dos valores das culturas africanas, articulando-os à transversalidade e à transposição didática (PETIT, 2016, p. 665).

Sabemos, que o racismo é algo que existe no Brasil e desse modo, são criados estereótipos sobre a população afrodescendente e sobre sua cultura, guiados pelo olhar ocidental que as desvaloriza. Portanto, em nossas escolas não é diferente, ela tende a reproduzir os estigmas sociais e conseqüentemente o racismo. Desse modo, diminuindo, simplificando e estereotipando nossa cultura e o nosso povo.

A cosmovisão africana trabalhada nos espaços e lugares educativos, podem minimizar os efeitos dos preconceitos gerados a partir do racismo que vivenciamos. Assim, a atividade da capoeira sendo guiada pela pretagogia, poderá tornar-se mais eficaz no combate e superação desse racismo, uma vez que, ela propõe uma visão crítica da sociedade brasileira, valorizando as/os afrodescendentes e suas culturas, trazendo-os ao centro das discussões, tornando-os iguais, para assim, produzir as trocas de conhecimento necessárias a construção e o fortalecimento identitário africano e afrodescendente no Brasil. Portanto,

A capoeira na escola é uma excelente oportunidade educativa para a educação dos afrodescendentes. A relação capoeira e educação dos afrodescendentes não se fazem apenas jogando capoeira, mas sim criando e avançando na cultura crítica e propositiva da capoeira e do seu ensino na escola (CUNHA JUNIOR, 2018, p. 121).

Logo, construir as bases de uma capoeira enquanto cultura crítica, nos faz compreender o outro de maneira igual, nos reconhecendo enquanto afrodescendentes e nos proporcionando a justiça social, as condições para o enfrentamento do racismo, dos

preconceitos, e também, dos fenômenos que colaboram para sua disseminação, como por exemplo, o fenômeno cristão evangélico de descaracterização da Manifestação Cultural Afrodescendente Brasileira Capoeira.

Essas bases são criadas através da própria vivência capoeira/escola/aluna/o/sociedade, que contribui para o desenvolvimento da ética e do respeito, proporcionando a/o capoeirista a compreensão das origens, suas características e seus princípios, uma vez que, a capoeira é uma prática que carrega e dissemina a cosmovisão africana. Em vista disso,

para que se conquiste a inclusão social, a educação escolar deve fundamentar-se na ética e nos valores da liberdade, na justiça social, na pluralidade, na solidariedade e na sustentabilidade, cuja finalidade é o pleno desenvolvimento de seus sujeitos, nas dimensões individual e social de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, comprometidos com a transformação social (BRASIL, 2010, p.11).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS – O APERTAR DA MÃO PARA O ENCERRAMENTO DO JOGO

Levando-se em consideração o conjunto de vivências e questões acerca da capoeira apresentadas nesta ginga, fico a imaginar as razões que me fizeram enfrentar essa roda de quebra gereba<sup>54</sup>.

Para mim, chegou o momento de se “quebrar tudo hoje”, como a própria música orienta e me faz compreendê-la no sentido metafórico de dizer que não há mais tempo para fugir do jogo. “Se não quebrar tudo hoje, amanhã, o que que quebra”?

A escrita e a imersão nesse jogo de capoeira, me fez perceber que o jogo de quebra gereba sempre foi a retórica de minha vida. Tudo foi decisivo, as condições sociais sempre me colocaram em dilemas, me fazendo perder e ganhar, sofrer e ter felicidade, sorrir e muitas vezes chorar!

Desde o início de minha adolescência a capoeira esteve presente, ora como brincadeira, ora como um esporte/luta e a partir do momento em que percebi que ela era antes de tudo isso uma cultura, ou melhor, uma Manifestação Cultural Afrodescendente Brasileira, a capoeira passou a me guiar para o universo do estudo e do conhecimento, proporcionando minhas conquistas profissionais, me fazendo ser o que hoje sou. Um capoeirista, professor/pesquisador de e para a capoeira.

A capoeira representa minha vivência social, intelectual e profissional. Mas foi importante perceber de onde e como isso me chega. Assim, a primeira parte dessa ginga buscou esse jogo, através dele me veio a memória os diversos momentos e as diversas noites em claro, nos eventos da vida/capoeira que me fizeram crescer. As gingas, das rodas de capoeira, trocadas por gingas nas rodas de popoeira. Meu camarado, mestre Angoleiro, que o diga! Estes momentos, me fizeram ver, sentir, perceber e principalmente, compreender o que mestre Angoleiro sempre falou: Temos que ser sementes e não raiz!

Desse modo, para sermos sementes temos que nos lançar para cima, se esforçar para romper a barreira tumentar e assim germinar. Uma vez germinando, precisamos cuidar, nutrir, alimenta-se para que possamos crescer e dar frutos. Ao passo que olhamos e vislumbramos o horizonte, para frente e para cima, vamos buscando a terra, crescendo nossas bases e nos aprofundando em nossos mundos. É a raiz! É a nossa necessidade e dependência de ancestralidade! É ela que nos dará os nutrientes necessários a romper as barreiras impostas!

---

<sup>54</sup> Quebra gereba é um jogo duro, técnico que coloca o conhecimento do capoeirista a prova.

A chegada a esse jogo me fez perceber que, embora seja hoje considerado um mestre de capoeira, ainda tenho muito o que aprender. Como todo jogador contemporâneo de capoeira, entrei no jogo acreditando poder me sair tranquilamente bem, sem maiores desconfortos, pois eu já sou um mestre! Por assim pensar, conduzi as questões iniciais da pesquisa de forma como inicialmente planejada, realizando o estado da arte, o grupo focal e a observação participante. Estas, me mostraram o tão complexo mundo capoeirístico do estado do Ceará, em especial o da região do Cariri cearense.

As/os mestras/es participantes do grupo focal, bem como as/os participantes da Virada Cultural me conduziram, através de suas experiências coletivas e pessoais, as gingas necessárias ao final desse primeiro jogo/pesquisa, caracterizado por esta dissertação e o produto educativo.

Nessa ginga, a ancestralidade mais uma vez sendo requerida, se fazendo presente e necessária a condução do jogo. A cosmovisão africana se mostrou como o berimbau gunga e assim se comportando, me possibilitou perceber a importância de o ensino aprendido nas escolas brasileiras serem pautadas e guiadas por essa cosmovisão, para que, de fato e de direito ocorra a efetiva aplicação da lei 10639/03.

Não se guiando por essa premissa, teremos sempre que estar em busca do selo (professor Júlio Cesar Tavares, 2020), afim de ser apenas um marcador pontual e isolado para dizer que as escolas estão cumprindo com a lei estabelecida.

A partir do grupo focal, foi que me percebi em um ledor engano, e assim, no gingar do jogo, fui entendendo o quanto teria que me aprofundar em questões basilares, para a compreensão daquilo que havia proposto. Dessa forma, tive que armar uma nova bateria para me conduzir no jogo histórico e social da capoeira, inicialmente a do Cariri cearense e posteriormente a do Brasil.

Portanto, nesse novo jogo, dialoguei com a história social do Cariri, com as manifestações culturais e principalmente com àquelas/es que constroem isso. O povo! Através dessa imersão cheguei à conclusão de que há uma proximidade e relação da capoeira com as várias manifestações culturais aqui construídas e ou reconstruídas.

A ginga também me mostrou a possibilidade de existência da capoeira no Cariri e no Ceará, em vários períodos históricos, por meio de contextos e das pessoas que se apresentaram ao longo da mesma, com destrezas capoeirísticas no passado caririense. As pessoas escravizadas, as libertas, as/os cabras, as/os jagunços, as/os arruaceiros, as/os

valentões, as/os desocupadas/os e tantas outras nomenclaturas que o pensamento colonizador vai usar para conceituar àquelas/es que sempre estiveram à margem de nossa sociedade.

Seguindo em nossa compreensão jogamos com a capoeira contemporânea, vale lembrar que esse termo não se apresenta em nosso jogo como estilo de capoeira, mas sim enquanto identificação da capoeira realizada em seu tempo atual. Ginguei nesse sentido e percebi que a capoeira forjada, organizada e sistematizada a partir de mestre Pastinha e mestre Bimba, foram fundamentais para se compreender a capoeira praticada e disseminada nas escolas, nos diversos grupos e no mundo.

Me foi possível identificar o fenômeno de branqueamento, ocorrido no Brasil pelos ideais eugenistas, na capoeira organizada por esses mestres. O marcador disso é o fato de ambos os estilos de capoeira terem seguido o pensamento da capoeira enquanto um esporte/luta se voltado a cultura do corpo físico ou as disputas competitivas.

Essa questão me fez compreender duas situações que muito me incomodavam. A primeira diz respeito as razões pelas quais praticamente toda forma de capoeira existente a partir da segunda metade do século XX estava guiada nesses parâmetros de ser e acontecer a partir do treino físico e que procuravam sempre omitir sua relação com a cultura afrodescendente brasileira. A segunda era porque o grupo do qual pertencço, se guia por essa mesma linha de raciocínio esporte/luta.

Bem, as respostas encontradas através dessa ginga, foram que o branqueamento e o militarismo ocorrido no país, desde a era Vargas, proporcionaram uma forma de capoeira condicionada aos parâmetros vigentes para ser incluídas em academias, escolas, universidades, quartéis militares, associações de classe e outros lugares socialmente legitimados.

Eu mesmo só pude continuar na capoeira, sob o argumento de que naquele momento ela ocupava um lugar privilegiado na sociedade cearense, a Universidade Federal do Ceará – UFC, enquanto uma prática esportiva.

Compreendendo o lugar social e político que a capoeira ocupou no século XX, cheguei ao entendimento de que deixar-se amansar e se condicionar as condições sociais vigentes foi um jogo de mandinga e uma complicada negaça, feita pelos mestres, e por tantas/os outras/os capoeiristas de suas épocas, pois naquele momento era necessário tirar a capoeira da marginalidade, para que sua prática pudesse continuar com liberdade e sem maiores problemas sociais.

Assim, também foi construída uma identidade à capoeira, da qual saiu da categoria de crime para assumir-se enquanto um esporte genuinamente brasileiro, pois tratou em se adequar as imposições do branqueamento e higienismo pelo qual nosso país estava vivenciando. O resultado dessa esportivização foi a expansão da capoeira no Brasil e no mundo a fora.

A tessitura desse trabalho, também me foi fundamental para perceber a existência de uma nova apropriação na capoeira, dessa vez por parte das religiões cristãs evangélicas, das quais criaram e nomearam um estilo mercadológico chamado no Brasil de Capoeira Gospel. A ginga e o jogo que se produz com essa criação, é a de deturpação e negação dos valores africanos e afrodescendentes na capoeira. É um novo higienismo na capoeira, é um novo branqueamento que já vinha ocorrendo em doses homeopáticas, e hoje, se mostra mais aberta e intensa em nosso meio.

A ginga por esse delicado jogo mostrou que as relações da capoeira com as religiões afro-brasileiras existem sob vários aspectos, sejam eles musicais, gestuais ou organizacionais. A roda, o uso de tambores e seus toques e as simbologias existentes na capoeira nos fazem perceber essas relações.

Não! eu não estou falando que capoeira é religião!

Por falar nisso, essa frase da qual fala que, “quem tem religião é o capoeirista e não a capoeira” foi percebida, a partir desse trabalho, enquanto preconceituosa e politicamente inserida nas bocas de nós capoeiristas. Para mim, ela se insere como um sutil mecanismo de branqueamento, negação e tentativa de apagamento dos valores culturais africanos que a capoeira carrega.

Reproduzimos essa “inofensiva” frase e ideia, e não percebemos que ela tem uma razão de existência. Razões estas, muito bem explicitadas pelo professor Silvio Almeida em sua obra, *O que é o Racismo Estrutural?* publicado no ano de 2018, quando nos fala sobre estado e racismo nas teorias liberais.

Tanto é verdade que, certamente alguém irá ler este trabalho, e acusará essa reflexão como uma irracionalidade, pois a capoeira é laica e comporta a todas/os, assim como é o Brasil.

Esses jogos foram necessários, ao passo que precisava compreender as relações da capoeira com e na escola. Por isso tive que gingar no passado histórico e social capoeirístico brasileiro, para entender por exemplo, as razões pelas quais a capoeira entra nas escolas

através do Programa Mais Educação no macrocampo Esporte e Lazer e não no macrocampo Cultura, Artes e Educação Patrimonial.

A resposta foi surgindo à medida que gingava na construção social brasileira, assim a capoeira enquanto Esporte e Lazer vai servir, em muitos dos casos, como uma atividade recreativa, enquanto a capoeira como Cultura, Artes e Educação Patrimonial poderá realizar uma educação antirracista e de fortalecimento cultural, indo dessa forma, na contra mão ao modelo colonizador reproduzido em muitas de nossas escolas.

Essa atitude surge e é valorizada em muitas escolas por seguirem o modelo social e governamental historicamente estabelecido, mas também em algumas situações quando a cultura pessoal daquelas/es que gerenciam, regem e orientam a atividade da capoeira na escola, tende a negar seus valores africanos e afrodescendentes na formação cultural brasileira.

Foi usado como exemplo o Programa Mais Educação, por ser ele o mais utilizado na inserção da capoeira nas escolas brasileiras. Lógico que existem outras formas de inserção sendo aplicadas no Brasil, assim, saindo desse jogo mais politizado necessário a compreensão sobre tal contexto e para a formação da bateria ao jogo específico da pesquisa, chego aos aspectos educacionais da capoeira para a educação.

Na boca das/os mestras/es e demais profissionais capoeiristas, a capoeira é um rico instrumento para a educação dada a sua complexidade cultural. Assim, gingando sob essa complexidade conseguimos identificar aspectos educacionais da capoeira na educação a partir das categorias esportivas e culturais.

Inserida na educação física escolar, a capoeira pode ser trabalhada em atividades de jogo/ brincadeiras, de luta e de dança, porém sem esquecer sua característica cultural, que se faz muito necessária a educação para as igualdades sociais brasileiras.

No entanto, a capoeira, por ser uma vivência diversa, por ser uma prática coletiva social interdisciplinar de matriz africana, não deve se limitar apenas a disciplina de educação física. Esse jogo/pesquisa mostrou que ela deve ser compreendida e trabalhada nas diversas áreas do conhecimento, como uma possibilidade de inserção da lei 10.639/03.

Assim, a capoeira nas escolas deve transpor a ideia de prática recreativa de educação física, para outras disciplinas e possibilidades, na própria educação física, que possam levar as/aos alunas/os a uma filosofia de vida, a conhecer a sua sociedade, suas histórias e sua origem.



A partir dessas reflexões, considero ser um caminho viável para se trabalhar a capoeira na escola a construção de uma sensibilidade na atuação profissional, esta guiada através da cosmovisão africana.

As falas das/os mestras/es em nosso grupo focal, as pesquisas sobre capoeira e educação, mostram a ancestralidade, a oralidade e a circularidade como fundamentais nos processos de ensino e aprendizagens da capoeira. Sendo assim, é urgente e importante valorizar esses elementos da cosmovisão africana nas relações de ensino e aprendizagem escolar, pois ela é o alicerce gerador de nossa cultura e de nossas manifestações culturais.

Observei que há uma lacuna entre escola e profissionais da capoeira, muitas vezes pela falta de diálogo, participação em atividades de planejamento e principalmente no entendimento mútuo de suas funções. Quanto a esse entendimento de funções percebi três questões: a primeira é a escola ter como finalidade a educação e, em muitos casos, trata a capoeira como uma recreação e não como possibilidade educativa. A segunda é quanto a/ao profissional da capoeira não compreender a função e trabalho da escola e a terceira se localiza, muitas vezes, em ambos os lados, por escolas e capoeiristas compreenderem a capoeira apenas como um esporte/luta.

Dessa forma, para se efetivar uma mudança de pensamento que venha a contribuir a valorização e abordagem do ensino da capoeira nas escolas enquanto uma Manifestação Cultural Afrodescendente, encontrei na Pretagogia (PETIT, 2015), uma possibilidade para resolução dessa lacuna existente em várias escolas brasileiras.

Através da pretagogia nós capoeiristas poderemos dialogar de forma mais harmoniosa, clara e direta com a escola e, por sua vez, a escola poderá nos compreender enquanto educadoras/es culturais e não como recreadoras/es.

Assim, compreendemos que a capoeira nas escolas sendo trabalhada a partir de seu viés cultural, certamente contribuirá no combate ao racismo, proporcionará as/aos alunas/os uma visão crítica da sociedade brasileira, valorizará as/os alunas/os afrodescendentes e suas culturas, empoderando -as/os, tornando-as/os protagonistas e iguais, além de realizar as trocas de conhecimento que nos levem ao fortalecimento identitário africano e afrodescendente no Brasil.

Portanto, através da capoeira enquanto uma Prática Cultural educativa, temos a possibilidade de realizar o que determina a lei 10.639/03 e assim, contribuir com o ensino da história brasileira e das/os Africanas/os, com a luta das/os africanas/os no Brasil, com a

cultura africana e afrodescendente brasileira e com a importância da/o africana/o na formação de nossa sociedade.

Sendo assim, precisamos estar abertos e dispostos a trabalhar a capoeira em sua diversidade cultural, de modo a respeitar e valorizar seus valores fundantes, sua pluralidade e liberdade.

Iê vorta do mundo!

Iê viva meu mestre!

## REFERÊNCIAS

- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 68, p. 86-98, jan./abr. 2006. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 12 jan. 2020.
- \_\_\_\_\_. **Mestres e capoeiras famosos da Bahia**. Coord. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2013.
- ABREU, Fred. **O Barracão de Mestre Waldemar**. Salvador: Organização Zarabatana, 2003.
- \_\_\_\_\_. **O Batuque. A Luta Braba**. Salvador: Instituto Fred Abreu, 2014.
- ABREU, Frederico José de. NAGÉ. **O Homem que Lutou Capoeira Até Morrer**. Salvador, Barabô, 2017.
- ALMEIDA, Mayara Aparecida Ribeiro de. et al. **Um cabra de cor ou um cabra da mãe: dinâmicas de sentido para “cabra” entre os séculos XVI e XIX**. Filol. Linguíst. Port., São Paulo, v. 19, n. 1, p. 143-161, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v19i1p143-161>. Acesso em: 28 mar. 2020.
- ALMEIDA, Raimundo Cesar Alves de. **A Saga do Mestre Bimba**. Salvador. Ginga Associação de Capoeira, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Bimba, perfil do mestre**. Salvador. Centro Editorial e Didático da UFBA, 1982.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é Racismo Estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ALVES, Maria Daniele. **Desejos de Civilização: representações liberais no Jornal o Araripe 1855-1864**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Ceará – UECE. 2010. Disponível em: <<http://www.uece.br/mahis/dmdocuments/daniele.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2020.
- ARAÚJO, Rosângela Costa. **Iê, viva meu mestre: A capoeira angola da “escola pastiniana” como práxis educativa**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2004.
- \_\_\_\_\_. **Abrindo a roda: conhecimentos que gingam**. Revista Z Cultural, ano VIII, 2015. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/abrindo-a-roda-conhecimentos-que-gingam>>. Acesso em: 05 jan. 2020.
- AREIAS, Almir das. **O que é capoeira**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BÂ, A. Hampate. **A tradição viva**. In.: História geral da África. I: Metodologia e pré-história da África. Editado por Joseph Ki-Zerbo. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.
- BARRETO, Maria Aparecida Santos Corrêa. et al. (Org.). Africanidade(s) e afrodescendência(s): perspectivas para a formação de professores. **Fazer Educativo**; 15, Vitória: EDUFES, 2013.

BARROSO, Oswald. **Folgedos Afro-Brasileiros no Ceará: uma aproximação com a capoeira.** In.: Negros no Ceará. 2. ed. HOLANDA, Cristina Rodrigues. (Org.) Fortaleza, 2009.

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia; rito nagô.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

BELTRÃO, Mônica Carolina de A. **A Capoeiragem no Recife Antigo: os valentes de outrora.** 2. ed. Recife: Editora Nossa Livraria, 2011.

BIÉ, Estanislau Ferreira. et al. (Org.). **Ações afirmativas da população negra: o contexto da educação brasileira.** Fortaleza: INESP, 2018.

BOM SORRISO, Mestre. **Capoeira: a crítica de um jogo.** Brasília, 2017.

BRASIL, Câmara dos Deputados. **Código Penal dos Estados Unidos do Brazil.** Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 06 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Curriculares Gerais Nacionais para a Educação Básica,** Brasília, MEC, 2010. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=5367-pceb007-10&category\\_slug=maio-2010-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5367-pceb007-10&category_slug=maio-2010-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 11 fev. 2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **História da Educação do Negro e outras histórias.** (Org). Jeruse Romão. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2005.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Manual Operacional de Educação Integral.** Brasília, Distrito Federal, 2014. 71 p. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=11452-manual-operacional-de-educacao-integral-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11452-manual-operacional-de-educacao-integral-2012-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 04 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Programa Novo Mais Educação.** Documento orientador – Adesão, Versão I - Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Currículos e Educação Integral. Coordenação Geral de Ensino Fundamental, Brasília, 2016. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=53061-novo-mais-educacao-documento-orientador-pdf&category\\_slug=dezembro-2016-df&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=53061-novo-mais-educacao-documento-orientador-pdf&category_slug=dezembro-2016-df&Itemid=30192)>. Acesso em: 04 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. **lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. 2003. Disponível em: <[http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/lei\\_10639\\_09012003.pdf](http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/lei_10639_09012003.pdf)>. Acesso em: 04 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/fisica.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. Senado Federal. Lei Federal n. 9.394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, de dezembro de 1996. Secretaria Especial de Editoração e Publicações. Subsecretaria de Edições Técnicas. Brasília, 2005. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2020.

BRITO, Diolino Pereira de. **A Capoeira de Braços para o ar**. Um Estudo da Capoeira Gospel no ABC Paulista. Dissertação (Mestrado). Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. São Bernardo do Campo, 2007.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira na escola**. Salvador: EDUFBA, 2001.

\_\_\_\_\_. **Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba**. Salvador: EDUFBA, 2009.

CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. **A Plebe Heterogênea da Independência: armas e rebeldias no Ceará (1817-1824)**. Almanack. Guarulhos, n. 20, p. 194-215, dez, 2018.

CARDOSO, José Romero Araújo; LOPES, Marcela Ferreira. **A civilização do couro e a civilização da seca: Definições para o processo de construção sociocultural do semiárido Nordeste**. ADUERN, 2015. Disponível em: <<https://aduern.org.br/2015/05/04/artigo-a-civilizacao-do-couro-e-a-civilizacao-da-seca-definicoes-para-o-processo-de-construcao-sociocultural-do-semiarido-nordestino>>. Acesso em: 02 jul. 2020.

CARIRY, Rosemberg. **Cultura insubmissa: estudos e reportagens**. Fortaleza: Nação Cariri, 1982.

CASTRO JUNIOR, Luiz Victor. **A PEDAGOGIA DA CAPOEIRA: Olhares (ou toques?) cruzados de velhos Mestres et de Professeurs de educação física**. Dissertação (Mestrado). Université du Québec à Chicoutimi. 2003.

CAVALCANTE, Francisca Hisllya Bandeira. **“O Brasil é o Ceará”**: as notas de viagem de Freire Alemão e Capanema e suas impressões sobre o Ceará (1859-1861) Dissertação (Mestrado). Programa de Mestrado Acadêmico em História – MAHIS. Universidade Estadual do Ceará – UECE. Fortaleza, 2012.

CODO, Wanderley; VASQUES-MENEZES, et al. **Educação: carinho e trabalho**. Confederação Nacional dos trabalhadores em Educação e UNB, 1999.

CORDEIRO, Gilson Soares. **Vem Jogar Mais Eu, Mano Meu: Cartografando a Capoeira na Cidade de Camocim como Jogo de Linguagem e Resistência Negra**. Tese (Doutorado).

Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza – Ceará, 2015.

CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. **Entre chegadas e partidas: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte**. 2010. 242f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Ceará. Departamento de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Fortaleza - CE, 2010.

CORTEZ, Ana Sara R. P. & IRFFI Guilherme. **Escravidão, Núcleos Familiares e Mestiçagem: uma análise do cariri cearense no século XIX**. Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos. CODE, 2011.

COSTA, Reginaldo da Silveira. **O Caminho do Berimbau**. 2. ed. Brasília, 2000.

\_\_\_\_\_. **História da Capoeira do Ceará. Parte Inicial. Mestre Skisyto**, 2020.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3aEsQKDkdiM>>. Acesso em: 06 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. **História da Capoeira do Ceará Part 02. Mestre Skisyto**, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=y5MbsU5ftKo>>. Acesso em: 06 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. **História da Capoeira do Ceará. Parte Inicial 2. Mestre Skisyto**, 2020.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5uS-nn9PRsg>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

COSTA, Wanderleya Nara Gonçalves; SILVA, Vanísio Luiz da. À sombra do baobá: a cultura negra na educação etnomatemática. **Revista Educação em Foco**. Juiz de Fora, v. 21, n. 3, set./dez, p.685-708, 2016.

CUNHA JUNIOR. et al. (Orgs.). **Afrodescendência e Africanidades: Um dentre os diversos enfoques possíveis sobre a população negra no Brasil**. Interfaces de Saberes (FAFICA. Online). v. 1, p. 14-24, 2013.

\_\_\_\_\_. Capoeira e educação dos afrodescendentes. **Revista Íbamò**, v.1, n. 1, nov., 2018.

\_\_\_\_\_. **Lugar fora das ideias urbanísticas: população negra, bairros negros e a produção conceitual das cidades**. In: Simpósio Nacional sobre Democracia e Desigualdades 3, 2016, Brasília. Anais eletrônicos... Texto de apresentação do III Simpósio Nacional sobre Democracia e Desigualdades. Disponível em:

<<https://pt.scribd.com/document/353977816/GT-1-Henrique-Cunha-Jr-Bairros-Negros>>. Acesso em: 11 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. **Os negros não se deixaram escravizar**. Secretaria da Educação do Estado do Paraná. 2015. Disponível em:

<[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/formacao\\_acao/2semestre\\_2015/os\\_negros\\_nao\\_se\\_deixam\\_escravizar.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/formacao_acao/2semestre_2015/os_negros_nao_se_deixam_escravizar.pdf)>. Acesso em: 03 abr. 2020.

\_\_\_\_\_. **Cultura afrocearense**. In.: Artefatos da cultura negra no Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2011. p. 102-132.

CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes. Africanidade, afrodescendência e educação. **Revista Educação em Debate**. Fortaleza, Ano 23, v. 2, n. 42, p. 05-15, 2001.

\_\_\_\_\_. Candomblés: como abordar esta cultura na escola. **Revista do Espaço Acadêmico**, nº 102. 2009. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/268345066\\_Candombles\\_como\\_abordar\\_esta\\_cultura\\_na\\_escola](https://www.researchgate.net/publication/268345066_Candombles_como_abordar_esta_cultura_na_escola)>. Acesso em: 13 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. **Nós, afro-descendentes**: história africana e afrodescendente na cultura brasileira. In História da Educação do Negro e outras histórias, 2001.

CUNHA, Pedro Figueiredo Alves da. **Capoeiras e valentões na história de São Paulo (1830-1930)**. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

DAMASCENO Darcy; CUNHA Waldir da. **Os Manuscritos do Botânico Freire Alemão**. Rio de Janeiro: Anais da Biblioteca Nacional, vol. 8, 1961.

DECANIO FILHO, Angelo A. **A Herança de Mestre Bimba**. 2. ed. Salvador: Coleção Salomão, 1997.

\_\_\_\_\_. **A Herança de Pastinha**. 2. ed. Salvador: Coleção Salomão, 1997.

\_\_\_\_\_. **Transe capoeirano**: estado de consciência modificado na capoeira. Coleção São Salvador. Salvador: CEPAC, 2002.

DIAS, Lúcia Vanda Rodrigues. **Se é de paz pode chegar, entrar na roda e jogar**: formação de educadores da Associação Zumbi Capoeira em cultura de paz. 2016. 226f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Fortaleza - CE, 2016.

FALCÃO, José Luiz Cerqueira. **O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana**. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2004.

\_\_\_\_\_. **A escolarização da capoeira**. Brasília: Royal Court, 1996.

FERREIRA NETO, José Olímpio. **História da capoeira cearense na vida do mestre Zé Renato**. In: Encontro Cearense de História da Educação, 13.; Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação, 3.; Simpósio Nacional de Estudos Culturais e Geoeeducacionais - Sinecgeo, 3., 25 a 27 set. 2014. Anais... Fortaleza - CE, 2014. p. 125-140.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRIGERIO, Alejandro. Capoeira: de arte negra a esporte branco. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. n. 10, Vol. 4, Junho/1989.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Realidade e Perspectivas na Formação de Professores**. Palestra, URCA, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRACIANI, Maria Stela Santos. **Pedagogia social de rua: análise e sistematização de uma experiência vivida**. São Paulo, Cortez, 1997.

GUIMARÃES, Aissa Afonso. **Capoeira – a roda, o jogo, o ritual**. Africanidade(s) e afrodescendência(s) perspectivas para a formação de professores. Maria Aparecida Santos Corrêa Barreto [et al.], (Orgs). Vitória-ES: EDUFES, 2013.

IRFFI, Ana Sara R P Cortez. PINTO MADEIRA E SEU ‘EXÉRCITO DE CABRAS’: conflitos políticos e sociais no Cariri Cearense pós-independência. **CLIO: Revista de Pesquisa Histórica**. Recife, n. 35, p. 200-224, Jan-Jun, 2017.

LEITE, Maria Jorge dos Santos. **A Influência das Revoltas Liberais no Cariri Cearense e a “Sedição De Pinto Madeira”**. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História. Natal – RN, 2013.

LIMA, Tatiana Silva. Os escravos engajados nos serviços domésticos pelas famílias do Recife oitocentista: o aprofundamento da exploração da mão de obra escrava. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, nº 49. Volume 2: Dossiê Escravidão e Abolição no Brasil, 2019.

LUZ, Marco Aurélio; LUZ, Narcimária C. P. **Educação na Perspectiva da Ancestralidade Africano-Brasileira**. In: BARRETO, Maria Aparecida Santos Corrêa. et al. (Org.). Africanidade(s) e afrodescendência(s): perspectivas para a formação de professores, Vitória-ES: EDUFES, 2013.

MAGALHÃES FILHO, Paulo Andrade. **Jogos de Discursos: a disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola**. Salvador: EDUFBA, 2012.

MAIA, Clarissa Nunes. **POLICIADOS: controle e disciplina das classes populares na cidade do Recife 1865-1915**. Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Tese (Doutorado). Recife, 2001.

MAIA, Kenia Soares; ZAMORA, Maria Helena Navas. **O Brasil e a Lógica Racial: Do branqueamento à produção de subjetividade do racismo** *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, vol. 30, n.2, p. 265 – 286, 2018. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v30n2/05.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

MARQUES, Carlos Bittencourt Leite. **“Brinquedo luta arruaça”**: o cotidiano da capoeira em Recife 1880 a 1911. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2012.

MATA MACHADO, Sara Abreu; ARAÚJO, Janja. **Capoeira Angola, corpo e ancestralidade: por uma educação libertadora**. *Horizontes*, [S.l.], v. 33, n. 2, dez. 2015. ISSN 2317-109X. Disponível em: <<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/256>>. Acesso em: 05 nov. 2019.

MELO, Patrícia Sara Lopes e ARAÚJO, Waldirene Pereira. **Grupo Focal na pesquisa em educação**. In: VI Encontro de Pesquisa em Educação. Anais... Terezina, PI, 2010. p. 1-13.



Disponível em:

<[http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.3/GT\\_03\\_10\\_2010.pdf](http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.3/GT_03_10_2010.pdf)>. Acesso em: 12 abr. 2019.

MELO, Rosilene Alves de. **O outro Juazeiro**: Histórias das crenças e práticas ocultas na cidade sagrada. Tendências: Caderno de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri. Crato, v. 2, n. 1, p. 29-40, jul. 2004.

MELQUÍADES JUNIOR. **Ceará está mais multirracial**. Jornal Diário do Nordeste, 17 de novembro de 2011. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/ceara-esta-mais-multirracial-1.771485>>. Acesso em: 02 jan. 2020.

MESTRE PASTINHA. **Capoeira Angola Mestre Pastinha**. 3. ed. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NET, população. **População João Cabral**. Juazeiro de Norte. Disponível em: <[http://populacao.net.br/populacao-joao-cabral\\_juazeiro-do-norte\\_ce.html](http://populacao.net.br/populacao-joao-cabral_juazeiro-do-norte_ce.html)>. Acesso em: 15 mar. 2020.

NETO, Lira. **Padre Cícero**: poder, fé e guerra no sertão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NUNES Cícera; MASULLO, Alessandra. **Contribuições da cultura africana e afrodescendente à escola**: reflexões a partir da dança do coco. In MACHADO, Adilbênia, et al, (Org.). Memórias do Baobá II, Fortaleza: Imprece, 2015.

NUNES, Cícera. A cultura de base africana e sua relação com a educação escolar. **Revista Metáfora Educacional**. versão on-line, n. 10, jun./2011. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: 08 fev. 2020.

\_\_\_\_\_. O Ensino das Africanidades no Cariri Cearense. **Revista África e Africanidades**. Ano IV, n.14/15, agosto - novembro, 2011.

\_\_\_\_\_. **Os congos de milagres e africanidades na educação do Cariri cearense**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2010.

\_\_\_\_\_. **Cultura de base africana em Juazeiro do Norte – CE**: um estudo sobre a participação feminina no Reisado. Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008.

OLIVEIRA, Dimas. **Vereadores que foram prefeitos de Feira de Santana**. 2009. Disponível em: <<http://oliveiradimas.blogspot.com/2009/06/veradores-que-foram-prefeitos-de-feira.html>>. Acesso em: 02 jan. 2020.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Cosmovisão Africana no Brasil: Elementos para uma Filosofia Afrodescendente**. 2013. Disponível em: <<https://filosofiaaancestralidade.wordpress.com/category/livros/>>. Acesso em: 27 fev. 2020.

\_\_\_\_\_. Filosofia da Ancestralidade como Filosofia Africana: Educação e Cultura Afro-Brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE**, Número 18, maio-outubro/2012.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **“ADEPTOS DA MANDINGA”**: Candomblés, curandeiros e repressão policial na Princesa do Sertão (Feira de Santana, 1938-1970). Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2010.

PALHARES, Leandro Ribeiro. **O Berimbau Ensina! O segredo de São Cosme quem sabe é São Damião, camará**. Diamantina: UFVJM, 2018.

PASTINHA. C.E.C.A. **Quando as pernas fazem miserê**. Metafísica e prática da capoeira. Salvador, [19-]. (Manuscrito).

PEREIRA, Vinícius Oliveira. **A Capoeira e a Escola: um olhar etnográfico**. Periferia, v. 11, n. 1, p. 279-303, jan./abr. 2019.

PETIT, Sandra Haydée. **Práticas Pedagógicas para a Lei Nº 10.639/2003: A Criação de Nova Abordagem de Formação na Perspectiva das Africanidades**. Revista Educação em Foco, Juiz de Fora v. 21, n. 3, set./dez, p. 657-684, 2016.

\_\_\_\_\_. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral** Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei nº 10.639/03. Fortaleza: EDUECE, 2015.

PINHEIRO, Irineu. **Efemérides do Cariri**. Coedição Secult/edições URCA. Fortaleza, 2010.  
PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **A capoeira na Bahia de Todos os Santos: um estudo sobre cultura e classes trabalhadoras (1890 – 1937)**. [Palmas]: NEAB, 2004.

RATTS, Alex. A diferença Negra e Indígena no Território: Observações acerca de Fortaleza e do Ceará. **Rev. Geosaberes**, 2016, v.7, n.11, p. 03-16. Disponível em <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/527>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: ITAPUÃ, 1968.

RIBEIRO, Marcus Venício Toledo. **Para uma História do Negro no Brasil**. Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 1988.

RODRIGUES, Cicera Sineide Dantas. **Tessituras da Racionalidade Pedagógica na Docência Universitária: narrativas de professores formadores**. Tese (Doutorado). Programa do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará, 2016.

ROMÃO, Jeruse. (Org.). **Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005, p. 249-273.

SALES NETO, Paulo. **Mestre Dandan & Mestre Paulão Ceará, Live, 2020**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LjCTmxrjasU>>. Acesso em: 10 mai. 2020.

SANTOS, Ana Paula dos; CUNHA JUNIOR Henrique. **A Formação Docente Quilombola: Africanização do Currículo em Espaço Escolar Cariense**. III Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares Educação, Formação e Crioulidade. Cabo Verde, 2017.

SANTOS, Cledineia Carvalho. **Educação, estudos pós-coloniais e decolonialidade: Diálogos com a Lei 11.645/08**. ODEERE: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB, Volume 3, número 5, Janeiro – Junho de 2018.

SARAIVA, Elionardo. et al. **Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha**. Dossiê de Registro. Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Fortaleza, 2015.

SCHWARTZ, Stuart B. **Escravidão Indígena e o Início da Escravidão Africana**. in Dicionário da Escravidão e Liberdade. 50 textos críticos. SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos. (Orgs). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Francisco Orismidio Duarte da. **Terreirada no Cariri**. Fortaleza: Premium, 2017.

SILVA, Geranilde Costa e. **Pretagogia: construindo um referencial teórico-metodológico de matriz africana para a formação de professores/as**. 2013. 243f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza - CE, 2013.

SILVA, João Edson. **3ª Virada Cultural Arte e Tradição**. Literatura de Cordel. Sociedade dos Poetas de Barbalha: SPB, 2019.

SILVA, Josier Ferreira da. **A Cidade e a Construção da Cultura nos Espaços Festivos Católicos**. p. 128 - 145, 2013. In: VASCONCELOS JÚNIOR, et al. **HIERÓPOLIS: o sagrado, o profano e o urbano**. Edições UFC, 2013.

\_\_\_\_\_. **O Círculo Operário de Barbalha como expressão do catolicismo social na educação e na cultura (1930 - 1964)**. 2009. 363f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza-CE, 2009.

SIQUEIRA. Eudes Batista. et al. **O lugar das Relações Étnicas na Educação: Juventudes, Identidades e Temas afro-brasileiros**. ODEERE – Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade. Volume 4, número 8, Julho – Dezembro de 2019.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808 – 1850)**. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2004.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. A Capoeiragem Baiana na Corte Imperial (1863-1890). **Revista Afro-Ásia** n. 21 - 22, 1998. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20966>>. Acesso em: 25 abr. 2020.

SODRÉ, Muniz. In TAVARES, Júlio César de. **Dança da Guerra: arquivo e arma.** Elementos para uma teoria da capoeiragem e da comunicação corporal afro-brasileira. Belo Horizonte: NANDYLA, 2012.

\_\_\_\_\_. **Mestre Bimba: Corpo de mandinga.** Rio de Janeiro: Manati, 2002.

\_\_\_\_\_. Sobre a identidade brasileira. IC - **Revista Científica de Información y Comunicación**, p. 321-330, 2010. Disponível em: <[http://institucional.us.es/revistas/comunicacion/7/art\\_15.pdf](http://institucional.us.es/revistas/comunicacion/7/art_15.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2020.

\_\_\_\_\_. **A verdade Seduzida:** por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro, Codecri, 1983.

SOUZA, João Carlos Neves de; DIAS, Nunes. **Narrativas do corpo e da gestualidade no jogo da capoeira.** Motriz, Rio Claro, v.16 n.3 p.620-628, jul./set. 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n3p620>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

TAVARES, Júlio César de. **Dança da Guerra: arquivo e arma.** Elementos para uma teoria da capoeiragem e da comunicação corporal afro-brasileira. Belo Horizonte: NANDYLA, 2012.

\_\_\_\_\_. **Histórias da Capoeira no Rio de Janeiro - Professor Julio Tavares - UFF.** Live Rádio Capoeira, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4NjQX0xEiCo>>. Acesso em: 11 mai. 2020.

TRAD, Leny A. Bomfim. **Grupos focais:** conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis* [online]. 2009, vol.19, n.3, pp.777-796. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312009000300013>>. Acesso em: 03 fev. 2019.

VANSINA, Jan. **A tradição oral e sua metodologia.** In: ZERBO, J-KI. História Geral da África. São Paulo: Ática, 1982. p. 152-180.

VERGARA, Sylvia Constant e IRIGARAY, Hélio Arthur Reis. **Orixás, indivíduos e organizações.** *RAP Rio de Janeiro* 34(3):7-33, Mai./Jun. 2000. Disponível em: <[http://app.ebape.fgv.br/comum/arq/RAP\\_3\\_2000Vergara.pdf](http://app.ebape.fgv.br/comum/arq/RAP_3_2000Vergara.pdf)>. Acesso em: 01 abr. 2020.

VIDOR, Elisabeth. **Capoeira: uma herança cultural afro-brasileira.** São Paulo: SELO NEGRO, 2013.